Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 1974 N.º 18442 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

NOVOS RUMOS PARA A VIDA PORTUGUESA

SPÍNOLA FRENTE À IMPRENSA E AOS POLÍTICOS

O general António de Spínola, deu, ontem, aos directores dos órgãos de Informação e a representantes de movimentos políticos com maior expressão no País — CDE, SEDES e Convergência Monárquica — indicações precisas sobre os objectivos imediatos da Junta de Salvação Nacional a que preside.

«As primeiras palavras que desejo dirigir à Imprensa e outros órgãos de Informação — disse o general Spínola — em nome da Junta são de homenagem».

E prosseguiu:

«Nesta homenagem desejo expressar bem os meus votos de que a nossa Informação esteja à altura da hora crítica que o País vive, desta hora difícil. Também sou dos que julgo que o País vive um momento histórico».

A reunião efectuava-se no salão nobre do Palácio da Cova da Moura onde tinha a sua sede o anterior Ministério da Defesa Nacional.

Pouco depois das 11 horas haviam começado a chegar dezenas de repórteres estrangeiros — redactores, locutores, fotógrafos, operadores de cinema e de TV. Depois de identificados apenas através dos seus cartões profissionais, davam entrada na sala destinada à reunião que ia efectuar-se daí a momentos.

Continua na pág. 2

Esta é a reprodução de um «poster» que apresentamos nas páginas centrais da nossa edição de hoje. O «poster», alusivo ao actual momento político português, é da autoria de João Abel Manta, artista que, por motivos demais conhecidos, há tempo não publicava qualquer trabalho no nosso jornal.

A RESPONSABILIDADE DA IMPRENSA

Havia um ambiente próprio dos grandes acontecimentos, mas não se verificava a menor perturbação, registando-se um clima cívico invulgar. Jornalistas conversavam no grande pátio de acesso ao interior do Palacio com dirigentes políticos de nomeada, como o prof. Francisco Pereira de Moura, da C.D.E.; dr. José Tengarrinha, e dr. Pedro Coelho, da mesma associação política, o dr. Sá Borges, presidente da SEDES, acompanhado do dr. Magalhães Mota, também figura proeminente da mesma organização, o dr. Macedo Varela da C.D.E. do Porto, etc. Ao mesmo tempo, iam chegando oficiais de alta patente sendo notória a facilidade de circulação para todas as pessoas. Iam chegando, também, directores de órgãos de Informação tendo comparecido em nome da Emissora Nacional o seu presidente, eng. Manuel Bivar e da Radiotelevisão Portuguesa o director de programas sr. Miguel de Araújo. Por parte da Imprensa, compareceram, além do director do «Diário de Lisboa», dr. António Ruella Ramos, os directores de «O Século», Manuel Figueira; do «Diário de Notícias», Fernando Fragoso; da «República», dr. Raul Rego; do «Diário Popular», prof. Martinho Nobre de Mello; do «Comércio do Porto», dr. Alípio Dias; do «Jornal do Comércio», Carlos Machado; os subdirectores do «Jornal de Notícias» eng. Freitas Cruz e de «A Capital», dr. José Júlio Gonçalves; o director da «ANI», dr. Dutra Faria; o chefe de Redacção de «A Época» jornalista José Manuel Pintasilgo; o director do semanário «Expresso», dr. Francisco Balsemão; o director da agência «Lusitânia» Luis Lupi. Estes sentaram-se em volta de uma longa mesa aguardando a chegada dos membros da Junta de Salvação Nacional.

Dezenas de fotógrafos e operadores de cinema e da T.V. captam imagens dos membros da Junta

Através de diversos oficiais organizara-se entretanto a entrada de todos os repórteres nacionais e estrangeiros que haviam acorrido ao Palácio, os quais tomavam lugar junto à mesa onde iam sentar-se, com os directores dos orgãos de Informação, os membros da Junta de Salvação Nacional.

Momentos depois, o general Spínola deu entrada na sala logo seguido pelo general Costa Gomes. Acenderam-se as luzes de T. V. e cinema e começou a ouvir-se apenas o ruído das máquinas de filmar. Os fotógrafos e operadores habiam subido para cima das cadeiras e mesas procurando o melhor ângulo. Foi a custo que o general António de Spínola e os outros membros da Junta passaram por entre os jornalistas, fotógrafos e operadores da T. V., indo sentar-se no topo da mesa. A ladear o general Spínola tomaram lugar, à sua direita, como é hábito, o general Costa Gomes e, à esquerda, o capitão de mar-e-guerra José Baptista Pinheiro Azevedo.

A reunião não pode começar imediatamente porque o general Spínola se levantou daí a minutos para atender uma chamada telefónica. Quando regressou, permaneceu largos minutos à espera que os fotógrafos e operadores de cinema captassem imagens da Junta constituída, como se sabe, também, pelo capitão-de-fragata Alba Rosa Coutinho; brigadeiro Jaime Silvério Marques; coronel Carlos Galvão de Melo que se encontravam presentes e pelo general Manuel Diogo Neto ausente em Moçambique, mas cuja chegada a Lisboa se espera a todo o momento.

Depois de saudar a Imprensa nos termos que já referimos, o general Spínola, em voz pausada, denunciando encontrar-se em excelente forma — tal como os seus companheiros do histórico Movimento do dia 25, que apresentavam um rosto extremamente sereno e repousado — afirmou: «Todos somos poucos para colaborar na solução dos complexos problemas que temos para enfrentar. Vivemos uma hora de evolução, uma hora difícil para rasgar novos horizontes. O País viveu largos anos dentro de um regime que criou um determinado clima por carência de consciencialização da grande massa da Nação. Hoje a situação traduz-se numa necessidade premente de evoluir no sentido de encontrarmos novas formas de convivência, de encontrarmos soluções que se ajustem ao mundo em que vivemos — única forma de mantermos a unidade da Pátria e de sermos dignos das gerações vindouras, do Portugal que herdamos, unica forma de não desmerecermos do esforço do passado, do sangue generosamente derramado pelo bom povo português ao longo da nossa história e da época que passa no nosso Ultramar».

Reconheço que a hora é particularmente difícil

O general Spínola, sempre em voz pausada e segura e perante absoluto silêncio, continuou:

«Reconheço que a hora é particularmente difícil; reconheço que não podemos deixar de agir neste momento com a maior firmeza, com a maior intransigência em tudo que ultrapasse aqueles limites que vão para além de naturais explosões de alegria de um povo que ansiava ardentemente viver num novo espírito.»

A importante missão da Imprensa

O chefe da Junta de Salvação Nacional, que governa neste momento o País, prosseguiu:

«E nesse sentido que a Imprensa tem uma alta missão a desempenhar, pois compete-lhe colaborar no sentido de que possam ser respeitadas em toda a sua plenitude novas formas de vida. Ainda sobre este assunto, quero referir-me a pontos fundamentais, a avaliar pelas perguntas que nos têm sido formuladas. Um, diz respeito à Lei de Imprensa que, evidentemente, vai ser revista. A nossa atitude neste campo já se concretizou pela abolição da Censura ou, por outras palavras — o que quer dizer a mesma coisa — pela abolição do exame prévio. Todavia, há um aspecto que desejo desde já salientar: é a alta responsabilidade que a Imprensa assume. Dirijo-me fundamentalmente, às direcções dos jornais. A direcção de cada jornal deverá organizar-se internamente por meio de hierarquias que assegurem a prática de uma informação livre, é certo, mas essencialmente responsável. E preciso que os lugares de chefia dentro dos jornais sejam dados a pessoas da mais alta responsabilidade de forma a transformarem-se em elementos válidos.»

«Não podemos aceitar um ambiente de irresponsabilidade»

O presidente da Junta de Salvação Nacional disse a seguir:

«Não podemos aceitar de forma alguma a criação de um ambiente de irresponsabilidade. E evidente que a abolição do exame prévio traduz-se num aumento do grau de responsabilidade para os directores dos jornais.»

E depois de uma breve pausa:

«Há outro aspecto que eu desejaria focar e para o qual neste momento peço a colaboração dos directores dos jornais. Trata-se das posições pessoais de cada um. Há uns jornais que não terão que alterar a linha de rumo que vinham seguindo. Há outros que devem ajustar a sua actuação de acordo com os novos rumos da vida portuguesa, evitando informações demagógicas e que vão contra os supremos interesses do povo português. Aqui, eu não hesito em pedir a colaboração de todos os jornais. É que, neste momento difícil, precisamos de manter a maior calma. Estamos perante um movimento militar que surgiu da vontade humana do País, de um movimento que só foi possível ser levado a efeito sem um tiro porque foi galvanizado pela vontade unânime das Forças Armadas, que outra coisa não são do que o bom povo português acidentalmente em armas. É natural que nestes primeiros tempos o povo dê lugar à sua alegria e não devemos esquecer que acusam o povo português de não estar preparado para praticar a democracia. Devemos todos provar o contrário.»

«Não aceitaremos a imposição unilateral de regimes autoritários»

Na sua exposição que, apesar de feita informalmente deve ser considerada de histórica, o general Spínola disse depois:

«Não aceitaremos a imposição unilateral de regimes autoritários, nem da direita nem da esquerda. Estamos aqui para defender e estimular a prática de puros princípios democráticos em que os direitos de todos sejam igualmente respeitados. Reconheço que estamos ansiosos de modificações mas as coisas não podem ser feitas de um momento para o outro. A menor precipitação pode resultar num retrocesso que ninguém desejaria. Seria dar razão aos argumentos que neste momento pretendemos contradizer. Diz-se que o povo não está preparado para a democracia mas nós queremos provar que o está. A Imprensa tem uma alta responsabilidade nesta tarefa pois deve evitar fomentar as reacções extremas Refiro-me à Imprensa quer do anterior regime, quer da direita, quer da esquerda. Peço a todos que não excitem os ânimos até porque já não é preciso. A liberdade está instaurada e para a exercer não é preciso usar qualquer violência. A linha está traçada. A Imprensa da direita terá que evoluir com dignidade de forma a poder colaborar com a Junta.»

Não deve confundir-se autodeterminação com independência»

O general António de Spínola, na sua notável exposição perante os representantes ao mais alto nível dos orgãos de Informação e perante os principais dirigentes políticos do País, abordou depois com a maior clareza o problema do Ultramar, dizendo:

«Há outro ponto que eu quero referir. E o da nossa posição perante o Ultramar. Aproveito esta reunião para responder a muitas perguntas que nos têm sido feitas. Há muito tempo que no nosso País se vem confundindo o conceito de autodeterminação com o conceito de independência. Na Guiné já defini o que entendia por autodeterminação. Recordo-me da reacção do anterior Governo perante essa minha posição. Julgo que autodeterminação é o direito de cada povo escolher os seus destinos. Mas para que um povo possa autodeterminar-se, deve estar à altura de saber escolher o seu destino. Deve estar de posse de um nível cultural mínimo para saber escolher. Se assim não for, qualquer acto de autodeterminação não irá servir outros interesses que não sejam os de terceiros. Eu distingo, claramente, autodeterminação de independência. Quando eu governava a Guiné não tenho dúvidas de que se tivesse lançado um plebiscito esse me teria sido favorável. Mas não seria sério porque a população não estava culturalmente preparada para decidir em plena consciência. Em Africa, não há ainda preparação intelectual e o número de élites é limitado o que não acontece aqui. Tão pouco aceito negociar neste momento com interlocutores que não representam a vontade desse povo. Penso que a autodeterminação só pode decidir-se através de um plebiscito — mas um plebiscito concretizado através de um povo com determinado nível cultural. A independência imediata corresponderia a uma vontade que não seria a vontade de um povo. Não nos esqueçamos que se aqui já há élites preparadas, no Ultramar não. Devemos é acelerar o processo ultramarino que permita ao povo autodeterminar-se, mas autodeterminar-se sob a bandeira portuguesa. Esse é o nosso objectivo e se o conseguirmos será o reconhecimento da nossa capacidade política e da segurança dos nossos destinos.

Conhecemos os inconvenientes de uma independência prematura e queremos ser dignos dos nossos mortos.»

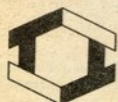
«A prática de uma política de autenticidade»

A reunião — a que só assistiam representantes portugueses de orgãos de Informação — durava há mais de uma hora. Tendo começado antes das 14 horas, iria prolongar-se até cerca das 15 e 30.

O general Spínola, encerrado o capítulo do Ultramar (o general falava de acordo com tópicos que tinha num pequeno papel o que revelava a segurança de todas as ideias que estava a expôr) falou, depois, concretamente, em termos políticos:

«É indispensável — disse — mantermos uma política de au-

«A menor precipitação pode resultar num retrocesso que ninguém desejaria».

◀

autenticidade para que o Mundo acredite em nos e para que nos tenha respeito. Costuma dizer-se que em política, o que parece é. Para a Junta, a política o que é, é. Precisamos de ser sinceros para que os próprios povos africanos acreditem em nós. Para mim, a razão não tem fronteiras. Praticaremos uma política que seja tão fundamentada na razão que só possa inspirar respeito mundial. Há que adoptar formas apoiadas na moral, na razão e na justiça. Esse é o nosso programa.»

O general Spínola disse depois: «Seria muito doloroso para nós que por falta de colaboração de quem tem obrigação de a prestar tivessemos que actuar com frieza». Dirigindo-se aos representantes da RTP — Miguel de Araújo e Vasco Hogan Teves — o general Spínola disse: «A RTP tem que manter um equilíbrio extraordinário, porque não vale a pena exacerbar os ânimos nem levantar ódios inúteis».

A libertação de todos os presos políticos

O chefe da Junta de Salvação Nacional falou, depois, da moralidade que é preciso manter na vida pública portuguesa afirmando: «A Junta agradece aos jornais que denunciem todos os actos que contribuam para entravar o processo de moralização da vida do País. Ainda há pouco soube, através de um telefonema, de um caso de tentativa de passagem ilegal de avultado capital para o estrangeiro. A Imprensa presta-nos um grande favor divulgando estes e outros casos de abuso e atentatórios dos interesses do povo português. Quero ainda chamar a atenção de todos para a necessidade de terem cuidado com as informações transmitidas pois não devem transformar um boato num facto. A liberdade de que desfrutam agora exige como disse, maior responsabilidade. E preciso manter uma linha de verdade e de autenticidade. Será doloroso para nós ter de entregar aos tribunais casos de autores de notícias que não tenham confirmação. A vossa liberdade tem que assentar na maior responsabilidade. Esta evolução só pode realizar-se neste momento se houver mão firme e sem a menor abdicação de autoridade tanto fora como dentro dos jornais».

O general Spínola referiu-se, depois, aos presos políticos dizendo: «Ao decidirmos libertar os presos políticos foram-nos postas algumas reservas quanto aos casos daqueles que eram acusados de actos de violência e, portanto, passíveis de serem considerados autores de crimes de delito comum. Foi-nos posta no entanto uma argumentação a que tivemos que ceder: também nós em 25 de Abril, tivemos que recorrer a algumas acções violentas para atingirmos os fins políticos de salvação nacional a que nos propusemos. Decidimos, pr isso, libertar todos os presos que se encontravam em cadeias políticas. De qualquer modo, acabaram agora os motivos que justificavam essas acções violentas. Seria muito doloroso para nós, amanhã, ter que deter aqueles que foram agora postos em liberdade só porque insistiram num tipo de actuação que já não é necessária».

Eu próprio fui surpreendido pelo êxito da operação

Tinha chegado ao seu termo a longa exposição do general Spínola. Este prontificou-se, então, a entrar em contacto com os presentes. O director do «Diário de Notícias» perguntou como seria possível aos jornais obter os comunicados da Junta. O general Spínola respondeu:

«A partir deste momento o nosso serviço de Imprensa pode já considerar-se organizado. Têm que desculpar algumas perturbações. O Movimento das Forças Armadas tinha a operação organizada mas até eu fui surpreendido pelo seu êxito. Foi tudo muito rápido. Nunca julguei que o País estivesse tão decidido a apoiar-nos em todos os sectores pelo menos tão prontamente». O director do «Diário de Notícias» agradeceu a explicação e disse ao general Spínola: «A Junta pode contar com toda a nossa colaboração e se houver algum erro ele será seguramente involuntário».

Um diálogo com o prof. Pereira de Moura

O prof. Pereira de Moura, que se sentou muito perto do general Spínola, pediu depois a palavra para saudar o Movimento e entregou ao chefe da Junta de Salvação Militar um panfleto com data de 26 do corrente. O general Spínola, sorridente, disse que ia comentar o referido panfleto e ao lê-lo criticou duas afirmações. A primeira foi a seguinte: «O regime salazarista está morto». O general Spínola disse: «Seria bom que deixássemos de falar no passado. Precisamos é de construir o futuro». A segunda foi a seguinte: «O caminho da liberdade é, hoje, o caminho da rua».

O general Spínola disse que não lhe parecia a altura de convocar o povo para a rua. O prof. Francisco Pereira de Moura respondeu que o apelo tinha um outro sentido. O general Spínola disse depois que, em vez de se escrever «organizemo-nos» os vários «leaders» políticos deviam era «organizarem-se». O prof. Pereira de Moura continuou no uso da palavra e disse:

«Vemos com apreensão que muitas pessoas do anterior regime continuam em postos importantes o que pode levar a crer que muitas coisas vão continuar como anteriormente. O general Spínola disse então: «Apresente factos concretos». O prof. Pereira de Moura apresentou dois, dizendo: «anteontem, durante a nossa manifestação, apareceram forças com cães-polícias»; «quando quisemos difundir um comunicado não o conseguimos na Emissora Nacional». Em relação ao primeiro caso quem respondeu foi o capitão de mar-e-guerra Pinheiro de Azevedo que disse: «Como quer que a nossa polícia, habituada a um determinado tipo de actuação durante tantos anos, a modifique de um dia para o outro?». Quanto à Emissora Nacional, foi o eng. Manuel Bivar quem respondeu, dizendo que, no momento em que recebeu o comunicado, não tinha ainda instruções da Junta Militar que permitissem a sua divulgação». O prof. Francisco Pereira de Moura agradeceu as explicações. Durante o seu diálogo com os membros da Junta o prof. Pereira de Moura aludiu ao facto de haver dentro da CDE várias correntes de opinião. O comandante Pinheiro de Azevedo interrompeu dizendo: «Comunistas também?». «Comunistas também, embora eu não tenha aderido» — respondeu o prof. Francisco Pereira de Moura. O sr. comandante Pereira de Azevedo disse: «Ainda bem. Nós aceitamos os comunistas como uma realidade».

A reunião terminou a seguir, no meio de um ambiente distendido e sereno. Os directores de jornais e os políticos cumprimentaram afectuosamente os membros da Junta de Salvação Nacional.

Aspecto da reunião da Junta de Salvação Pública com a Imprensa e representantes políticos.

«O EXÉRCITO NÃO ERA UMA ORGANIZAÇÃO QUERIDA AO GOVERNO DEPOSTO»

Da Academia Militar, interinamente comandada pelo brigadeiro Costa Maia, dois grupos operacionais, comandados pelos majores Jaime Neves (dos Comados) e Nuno Bívar (de Cavalaria) têm efectuado várias operações na cidade de Lisboa. Cerca das 15 horas e 30, saiu dali, sob o comando do major Bívar, uma coluna com elementos de infantaria (Escola Prática de Infantaria de Mafra) e de cavalaria que se dirigiu para o Castelo de S. Jorge, por haver a informação de que para ali teriam convergido membros da PIDE/DGS. Ao que parece, tal não aconteceu. Pelas 13 horas, haviam ali também estado caçadadores a quem se rendeu a Legião Portuguesa (cerca de 10 elementos) Esta foi logo desarmada e todas as armas que detinham passaram para as forças do movimento. Foram encontradas várias «bazzokas», metralhadoras e pistolas, algumas muito sofisticadas.

Os «jeeps» e «panhards» da coluna vinda da Academia demoraram-se apenas no Castelo o tempo necessário de revistar as instalações da Legião e de proceder à distribuição pelos soldados de casacos daquele organismo. A chamada das forças militares fora feita pelos próprios residentes na zona que se manifestaram contra os legionários, destruindo as insígnias do batalhão ali com sede.

Daqui, as forças seguiram para o largo do Rossio onde três elementos da DGS foram presos pelo Exército depois de detidos pela população. Para evitar que fossem lichados pelos populares os militares dispararam para o ar vários tiros.

Neste largo, e nos Restauradores, decorria uma grande manifestação do M.R.P.P. que gritando palavras como **Guerra do Povo à Guerra Colonial, A Pide morre na rua, Socialismo,** agitava dísticos como **Independência completa para as colónias,** sobressaindo acima das cabeças dos manifestantes a efígie do estudante Ribeiro dos Santos, barbaramente assassinado pela Pide, no ano passado. Os manifestantes deram várias voltas ao Rossio onde grande número de populares se encontrava, reunindo-se por várias vezes junto à estátua que ali se ergue.

Falam os oficiais da Academia Militar

Na Academia Militar, onde esteve ontem a nossa reportagem que acompanhou a coluna que ocupou o Castelo de S. Jorge, vários oficiais superiores manifestaram-nos a sua alegria pela vitória do Movimento:

— O exército estava de «tanga». O medo que o governo fascista tinha de nós era tal que procuraram por todos os meios desarmar-nos, tendo nós de enfrentar dificuldades derivadas da falta de bom material. Há muito que o Exército não era uma organização querida ao governo deposto. E é sintomático que o melhor armamento estava em poder da PIDE e da Legião; mas isso agora acabou-se, disse-nos um militar de artilharia que em Moçambique desempenhou funções de grande responsabilidade.

Ainda na Academia, falando com vários oficiais superiores, ouvimos as seguintes declarações: **— Há muitos anos que os generais foram escolhidos pelo governo deposto e só escaparam alguns de grande valor como o general Spínola e outros. O resto é essa «brigada do reumático» que andou nessa farsa vergonhosa das declarações de apoio a Marcelo Caetano depois da sublevação das Caldas. Ou então estavam comprados e agarrados aos tachos.**

A guerra colonial, naturalmente, surgiu nesta conversa como motivo justificador do descontentamento do Exército.

— É sobretudo à custa do soldado que a guerra se tem feito vergonhosamente. Só em Mueda (Moçambique) foram amputados 125 pés, no espaço de 5 meses. Só um médico que ali esteve a cumprir comissão amputou 84 pernas a soldados. Toda esta verdade dramática foi escondida ao povo português e hoje há que dizê-la.

RENOVAÇÕES NA «EPOCA»

O matutino «Epoca», cuja edição de ontem não foi publicada em consequência dos distúrbios ocorridos nas suas instalações, continuará a saír sob a designação de «A Epoca», com os seus quadros renovados em emf formato tablóide — segundo nos informou o seu novo director, José Manuel Pintassilgo, ex-chefe de redacção do jornal, que no cargo sbstitui o dr. Barradas de Oliveira.

— Nas nossos colunas estaremos abertos a todas as informações de quaisquer tendências políticas reconhecidas pela Junta de Salvação Nacional — declarou-nos J. M. Pintassilgo, que foi designado para o posto de director pela própria redacção.

Será este o primeiro matutino a publicar-se em formato tablóide — correspondente a metade do tamanho dos jornais da manhã, isto é, igual ao formato dos vespertinos.

Ontem à noite a população voltou a manifestar-se frente às instalações da «Epoca», na rua da Misericórdia, não havendo, no entanto, mais prejuízos a registar, devido à presença das forças militares.

J.M. Pintassilgo assomou à janela nessa ocasião, e explicou aos manifestantes que o jornal iria ser renovado e aberto a informações provenientes de outras tendências, o que teve o efeito de serenar os ânimos e dispersar a multidão.

Entretanto, parece estarem provisoriamente resolvidos os problemas suscitados pelo não pagamento dos vencimentos aos jornalistas pela empresa proprietária do jornal, pois, segundo nos disse o seu actual director, «o secretário-geral garantiu que o pagamento está assegurado relativamente ao mês findo».

SOLDADOS MORTOS NO ULTRAMAR

LOURENÇO MARQUES, 28 (ANI) — O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceu em Moçambique por doença, o 1.º cabo R. E. 711074/74, Sabino Cucheguane Manhique, natural de Gaza, filho de Cuana Manhique e de Teiasse Mucache, casado com Catarina Fernanda Magaia.

O mesmo Serviço anuncia que devido a acidente com arma de fogo faleceu o soldado recruta R. 774307/74, Fernando Aricora, natural da Zambézia, filho de Aricora e de Painamela.

LEIRIA

Manifestação de apoio à Junta Nacional de Salvação

LEIRIA — Por iniciativa da CDE do concelho de Leiria, realizou-se ontem pelas 18 e 15, na praça Rodrigues Lobo, uma manifestação pública (que decorreu com o maior civismo) apoiando os objectivos do Movimento das Forças Armadas, dando à Junta de Salvação Nacional a garantia da sinceridade dos democratas, no desejo de consolidação da democracia em Portugal e defendendo a adopção de medidas que permitam o regresso de todos os exilados políticos.

Na varanda do Ateneu Desportivo de Leiria, foi improsada uma tribuna, tendo usado da palavra os drs. Joaquim da Rocha Silva, Anacleto Vieira Marques, todos em nome da juventude; Miguel Franco, Edgar Marques de Carvalho (este ex-preso de Caxias), dr. Afonso de Sousa filho; José Augusto Esteves pelo Sindicato dos Empregados de Escritório; o solicitador Pimentel por Pombal; dr. Guarda Ribeiro (candidato da CDE de Leiria) que afirmou a determinada altura: **«Temos de dar o nosso melhor esforço neste momento crucial da nossa história»** e finalmente encerrou a manifestação de apoio p dr. José Henrique Vareda (também condidato da CDE de Leiria) que vitoriou todos os lutadores anti-fascistas.

OCUPADA A ANP

LEIRIA — Pelas 11 horas de ontem, um destacamento ligeiro do RAL n.º 4, comandado pelo major Jaime de Oliveira e com a colaboração do cap. Eduardo Mendonça, deslocou-se às instalações da PIDE/DGS nesta cidade, onde estavam cerca de uma dezena de elementos daquela extinta instituição.

Cerca das 12 e 30 deu-se a rendição e o cap. Eduardo Mendes mandou transportar para aquele regimento, todo o material bélico ali encontrado e os agentes da PIDE/DGS.

Pelas 14 horas, a mesma força do exército ocupou o edifício da Legião Portuguesa e arrolou o material ali existente. **As 16 horas ocupou também as instalações da Acção Nacional Popular desta cidade.**

Conferência de Imprensa no Movimento Democrático do Porto

PORTO, 28 — O executivo do Movimento Democrático do Porto reuniu ontem ao fim da tarde, com os jornalistas do Porto a fim de debater problemas ligados à sua actuação no momento presente Estavam presentes a maioria dos democratas que, em Outubro passado, integravam a lista do respectivo Movimento na campanha eleitoral para deputados e ainda o dr Óscar Lopes e a eng Virgínia Moura

Ditas algumas palavras por Horácio Guimarães, os jornalistas fizeram perguntas. Assim foi dito que o M.D.P. dispõe de comissões regionais e profissionais, e está de novo em organização pois, neste momento, tem apenas como programa as conclusões adoptadas no último congresso de Aveiro. Todavia, foi também salientado que as idéias e a acção se esclarecem reciprocamente e que na prática se realizará um programa que irá sendo tornado mais preciso.

A uma pergunta em que se afirmava não ter o executivo do M.D.P. tornado claro alguns pontos importantes, respondeu-se que em relação à guerra colonial, por exemplo, o M. Democrático oportunamente fez a crítica do problema e aviso que a política colonial do anterior regime fascista o levaria à sua queda, como efectivamente sucedeu. Por outro lado, as referências à guerra colonial eram as mais reprimidas pela polícia durante a campanha de Outubro, o que não impediu que os democratas lhe fizessem corajosas alusões, pois a idéia é que o fim de tal guerra é um objectivo solidário com a libertação do País. Aliás, concluiu um outro elemento do executivo, o M. Democrático contribuiu dessa maneira para a queda do regime.

O ponto que provocou mais vivas intervenções foi o do tratamento a dar aos elementos da Pide.

Um jornalista presente afirmou ter visto, pessoalmente, a libertação desses elementos, que foram largados duma camioneta perto da Maia. Sobre tal questão, considerada de primacial importância para a sobrevivência dos próprios objectivos do Movimento das Forças Armadas, o executivo do M.D.P., pela voz da eng. Virgínia Moura, afirmou que na altura da tomada da sede da Pide e prisão dos seus elementos, o tenente coronel Azeredo garantiu àquela democrata e aos drs. Óscar Lopes e Arnaldo Mesquita que os mesmos seriam também julgados pelas leis judiciais vigentes. Essa era também a posição clara do M.D.P. dada a longa série de crimes praticados contra o povo português. Assim, mantê-los à solta era uma verdadeira provocação contra o povo, dado que eles entrarão em práticas terroristas, ligados a outros movimentos afins, pondo em causa o movimento iniciado pelas Forças Armadas.

Não basta consultar o Poder, é preciso defendê-lo, e a libertação dos pides e a saída de outros das suas tocas poderá gerar uma situação de pânico que será maléfica para a nação e à própria Junta Militar» — afirmou o dr. Nozes Pires. Por outro lado, salientou-se que esses milhares de elementos criminosos mantêm as suas estruturas intactas e os seus apoios, amanhã poderão causar as mais graves perturbações. Eles estão nas empresas (onde causaram injustos despedimentos), estão no ensino, estão em muitos lugares da vida do País e poderão constituir um grave perigo futuro — disseram ainda os elementos do M.D.P..

Aliás, no momento da tomada da sede da Pide no Porto eles recusaram a chave de uma dependência que aberta à força pelos soldados, revelou esconderijos de grande quantidade de granadas e metralhadoras. O oficial do Exército presente, já referido, aludiu então ao grave perigo que este problema levanta. A entrega das armas pelos pides, disse ainda o dr. Óscar Lopes foi uma coisa encenada fazendo acreditar numa rendição total.

Um jornalista presente levantou a este propósito o problema de saber qual a atitude do M.D.P. pelo facto de não haver qualquer comunicado da Junta Militar que afirme virem a ser julgados os pides. Respondeu-se que há apenas a garantia dada pelo tenente coronel Azeredo, como se referiu. Portanto, conclui-se, é preciso ter em conta essa afirmação dum oficial superior.

A democrata Berta Monteiro referiu depois alguns pontos do programa das mulheres democratas e Pina Moura afirmou que a participação do Movimento Democrático num futuro governo do País é um problema que não lhes levanta dúvidas. Aliás, disse, isso será tratado num encontro que tem lugar em Lisboa.

Peixoto de Almeida referiu-se depois ao movimento dos trabalhadores apontando como seus objectivos: liberdade sindical e nova legislação, julgamento dos pides. «A primeira conquista será o feriado do 1.º de Maio» E a terminar: «Apenas as condições de luta se alteraram pois as condições de exploração mantêm-se».

Foi ainda dada a informação de que o Banco Português do Atlântico, nestes dias teria levantado cinquenta mil contos do Banco de Portugal e que a Pide e a legião tentaram levantar os seus fundos na Caixa Geral dos Depósitos, tendo sido recusada a entrega do dinheiro.

MILHARES DE PESSOAS NA RECEPÇÃO A DOIS LIBERTADOS DE CAXIAS

EVORA, 28 — O dia de ontem ficou assinalado em Evora por uma grande recepção pública a dois dos ex-detidos em Caxias naturais da região, um de Montemor e outro de Arraiolos, e ainda pelo prosseguimento moroso da avaliação e transporte do material existente nas delegações locais da Legião Portuguesa e da PIDE-DGS. A manifestação reuniu à entrada de Evora, junto da estrada de Lisboa, algumas centenas de manifestantes, o mesmo acontecendo na rua Serpa Pinto, que dá acesso à Praça do Giraldo. Aqui reuniram-se mais tarde milhares de manifestantes que encheram a dita praça e cantavam e dançavam envolvendo os dois homens recem-libertados, na presença dos agentes da autoridade que não intervieram. Alguns manifestantes resolveram reunir-se ao fim da tarde junto da delegação da PIDE pretendendo lá entrar, mas na altura nada se encontrava no edifício dado que as forças do Exército já tinham procedido ao transporte de todo o armamento e ficheiros. Os militares intervieram aconselhando a dispersão dos populares.

Continuam a verificar-se movimentos militares já que, como noticiámos, havia delegações da LP e da PIDE em várias outras localidades do Alentejo, nomeadamente da LP em Reguengos e Mourão e da PIDE na fronteira, perto desta última vila. Aí encontravam-se dois agentes que foram transportados sob prisão para Evora. Igualmente foi transportado para esta cidade todo o material daquelas organizações. Constava que em Evora já tinham sido detidos todos os elementos da PIDE-DGS que faziam serviço nesta cidade.

Estas operações estiveram a cargo dos Batalhões 6323 e 6524, o primeiro dos quais se encontrava, segundo consta, prestes a embarcar para Angola.

Entretanto, verificou-se o regresso das forças da Escola Prática de Artilharia e do R.C. 3 aos respectivos aquartelamentos. Estas forças foram entusiasticamente aclamadas pela multidão nas localidades por onde passavam.

A LIBERTAÇÃO DOS PRESOS POLÍTICOS

M DIA GRANDE DE EMOÇÃO EM PENICHE E CAXIAS

A JUNTA ACEITOU O PARECER DA COMISSÃO JURÍDICA «AD HOC»

s 2 e 30 da madrugada de ontem, foram final- libertados os últimos prisioneiros políticos e encontravam na prisão da Pide em Peniche. melhança do que, pouco antes, se verificara da prisão de Caxias, milhares de pessoas rdavam a pé firme os seus familiares e amigos, -os recebido com as mais vibrantes manifes- s de entusiasmo, que se prolongaram até altas da noite.

n esta coerente decisão bertar todos os presos os, mesmo os que tam- tinham sido condenados ativamente no Tribunal rio por delitos comuns s às suas actividades cas, a Junta de Salvação nal venceu a sua pri- grande hesitação gran- perante todo o povo e ado nos meios mais atin- pela iníqua perseguição gime salazarista-marce- um novo motivo de cre- ade.

a milhares de pessoas desde a noite de quin- a esperavam em Caxias Peniche a saída dos pri- ros, o dia de sexta foi ervamento e culminou em ose. Efectivamente, de- de ter sido anunciada, de manhã a libertação de os prisioneiros políticos, a de Salvação Nacional eve a sua decisão de limi- amnistia imediata unica- a aos que não tivessem ações de delito comum, ra afirmando também que tros casos seriam resolvi- om a brevidade possível.

rgiram complicações na ição de um critério prático distinguisse a matéria elito político da matéria elito comum quando refe- s às mesmas pessoas. Por só poderiam ser imediata- e libertos aqueles sobre não recaísse qualquer a de não haverem cometi- imes comuns. Mas a Jun- abou por aceitar a inter- ação de uma comissão ica que sustentava a tese ue eram apenas políticos os crimes cometidos por s pessoas no decurso de es políticas contra o regi- justo ~~que~~ o próprio «Mo- nto» tinha acabado de der- .

o foi fácil, num dia de ex- o cansaço e de nervosis- encontrar a saída prática. a-se, desde o meio-dia, um movimento de solida- ade se criara entre os pre- os quais já no pátio inte- do reduto Norte, se recusa- a sair sem a companhia lguns dos seus companhei- de cadeia. Esta decisão en- ava eco na interpretação advogados e da Comissão onal de Socorro aos pre- políticos, bem como nos s democráticos. Por isso, foi decidido que uma Comissão «ad hoc» tentasse contacto com a Junta para esclarecimento do problema. A comissão era constituída pelo prof. Francisco Pereira de Moura (em representação do Movimento Democrático) e por Cecília Areosa Feio, Maria Eugénia Varela Gomes e João Varela Gomes (pela CNSPP) e algumas outras pessoas, que às 17 horas se apresentaram na Defesa Nacional, pedindo audiência à Junta.

O general Costa Gomes recebeu então o representante do Movimento Democrático com quem trocou impressões. Tendo concordado que o problema fosse discutido por uma comissão jurídica apresentada pela CNSPP, a qual veio a ser integrada pelo representante do Movimento Democrático e pelos seguintes advogados: Jorge Sampaio, Salgado Zenha, Vitor Wengorovius, Francisco Sousa Tavares, Manuel João Palma Carlos, Martins Soares, Pinto Bandeira e dr. Camotin. Como delegado da Junta foi nomeado o major João Vargas.

A comissão do CNSPP foi conduzida a Caxias, na companhia do general Oliveira e Sousa, que regressou hoje a Lisboa. Pelas 18 horas começaram as conversações no interior da prisão com a participação dos dirigentes do CNSPP atrás referidos o tenente-coronel Dias de Lima que declarou aos jornalistas: **Não podemos de momento libertar todos. Seria espectacular e agradável para a Junta, mas as Forças Armadas têm de actuar cautelosamente, para defesa da ordem pública: actos de violência podem provocar outros actos de violência.**

Terão surgido algumas dificuldades antes do acerto de critérios. Mais tarde, alguns advogados de presos foram chamados ao interior do forte para ajudarem a comissão jurídica: foram os drs. Lopes de Almeida, Maria Lucília Miranda Santos, Nicolau Batista e Catanho de Menezes.

Pelas 20 horas, os dois oficiais delegados da Junta dirigiram-se a Lisboa para receberem ordens da Junta de Salvação Nacional, que depois de informada, decidiu a libertação de todos os prisoneiros que se encontravam em Caxias. Os oficiais, todavia, só regressaram a Caxias cerca das 23 horas, quando os milhares de pessoas aglomeradas perto do forte começavam a manifestar já cansaço e nervosismo. Foi neste intervalo que, por grave confusão, a multidão maltratou o democrata José Pereira, confundindo-o com algum pide, o que obrigou a uma intervenção dos fuzileiros, que conduziu o ferido ao forte para averiguações. Reconheceu-se mais tarde tratar-se de um democrata que pouco tempo antes havia sido preso, durante seis meses em Caxias.

A longa espera fez desistir alguns jornalistas que há muitas horas queriam cobrir a libertação dos presos, entre os quais se encontrava uma equipa de Televisão da O.R.T.F.

Cerca da meia-noite saiu o primeiro grupo de prisioneiros entre os quais Palma Inácio. Depois foi o delírio. Em grupos de três, os prisioneiros foram sendo entregues às famílias, operação que terminou pelas 2 horas da madrugada. Entretanto o povo gritava «Vitória! Vitória!» e cantava os «Companheiros» e repetia slogans como «O povo unido jamais será vencido!»

Até altas horas da noite, as casas dos libertados foram ponto de encontro de amigos que há anos se não viam ou não podiam falar. A alegria e as lágrimas misturavam-se em muitas faces, enquanto se davam informações das torturas sofridas e das circunstâncias relativas ao acontecimento.

Peniche vazia

Foi em resultado da mesma negociação de ontem à tarde no Forte de Caxias e de contactos ao mais alto nível da Junta de Salvação Nacional que foi garantida a libertação dos presos políticos de Peniche.

Os presos, distribuídos por dois pavilhões, eram condenados por actividades políticas no seio de organizações como o Partido Comunista Português, Comité Marxista Leninista Português, Frente de Acção Popular, Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado, Organização «O Grito do Povo», A Liga de União e A Acção Revolucionária, etc..

A libertação dos presos ocorreu cerca das 2 e 30 da madrugada de ontem. Saíram em liberdade 36 presos e dentro do edifício não ficou ninguém. No entanto há três presos (Rui Despinay, Francisco Martins Rodrigues e Filipe Viegas Aleixo) que não foram formalmente libertos, mas seguiram em liberdade para Lisboa sob a responsabilidade do advogado Macaísta Malheiros, recaindo sobre eles acusação de delito comum, a ser julgado brevemente.

A população de Peniche e muitos amigos e familiares dos presos concentravam-se em massa no largo fronteiro à Fortaleza onde durante dezenas de anos estiveram presos os mais irredutíveis adversários do regime político que vigorava e do que ele representava. Os pescadores de Peniche não saíram ontem para a pesca.

Devolver ao povo os direitos de cidadão

declarou o dr. Jorge Sá Borges, presidente da SEDES

— A SEDES apoia as acções do Movimento das Forças Armadas tendentes a instaurar um regime democrático que devolva ao povo português todos os direitos de cidadania — declarou-nos o dr. Jorge Sá Borges, presidente daquela associação para o desenvolvimento económico social, que acaba de divulgar uma comunicação ao país.

O dr. Sá Borges fez questão de salientar o dever de todo o cidadão de manter a calma nas ruas e de obedecer às directrizes da Junta de Salvação Nacional, neste momento.

— Faço um apelo à calma dos espíritos e dos comportamentos. Quanto às SEDES, quero reafirmar a adesão dada ao movimento libertador das Forças Armadas, pois efectivamente nos parecem merecedoras de apoio todas as acções que vão nesta linha.

Segundo o dr. Sá Borges, «chegou a possibilidade de reflectir com calma, tendo em vista uma escolha esclarecida das opções que se estão a abrir.»

— Fomos supreendidos com os acontecimentos de 25 de Abril. Neste momento, decorre um processo eleitoral dentro da SEDES, e é possível que os sócios se reunam antes, para discussão e esclarecimento.

Com a abertura que os acontecimentos proporcionaram, o dr. Sá Borges admite francamente que as dificuldades que a SEDES enfrentou já foram superadas e que poderá, a partir de agora, dedicar-se à missão que sempre se propôs, de contribuir eficazmente para o desenvolvimento económico e social da Nação

Comunicado

A comunicação divulgada pela sedes, no intuito de tornar público o seu apoio ao Movimento das Forças Armadas, afirma que a acção libertadora levada a cabao vem com efeito tornar possível a construção participada do futuro do País.

Para alcançar tal objectivo, a SEDES preconiza as seguintes condições:

— Assegurar a todos os cidadãos os direitos, liberdades e garantias fundamentais consignados na Declaração Universal dos Direitos do Homem; garantir as condições de regresso de todos os exilados por motivos políticos; promover o completo esclarecimento das arbitrariedades, crimes e abusos de poder cometidos na vigência do regime derrubado; garantir a completa informação sobre o verdadeiro estado do País, nomeadamente quanto à situação político-militar no Ultramar e criar as condições para o efectivo exercício do direito à autodeterminação dos seus povos; adoptar medidas drásticas de combate à inflação, incluindo as de natureza fiscal, financeira, de crédito e de intervenção directa nos preços e no abastecimento público; promover as actividades produtivas básicas em ordem à satisfação do direito ao trabalho; fomentar o associativismo de base, democratizar as autarquias locais e impulsionar a dinamização da vida regional; abolir a actual estrutura corporativa e garantia das liberdades sindicais; e garantir os direitos de toda a população em matéria de salário mínimo, segurança social, habitação, educação e saúde.

A C.D.E. SAÚDA O MOVIMENTO

O Movimento CDE de Lisboa distribuíu um comunicado de saudação ao Movimento das Forças Armadas, afirmando que se abriam, agora, ao Povo Português, perspectivas para o imediato exercício ou conquista das liberdades democráticas, sindicais, do direito à greve, do termo da guerra colonial, e melhoria das condições de vida.

Para alcançar tais objectivos, sob a égide de um governo democrático representativo da vontade do País, resultante da realização de eleições livres, a CDE preconiza a unidade na acção de todas as correntes democráticas e populares, o imediato e crescente exercício de todas essas liberdades, e a unidade, organização e mobilização do povo em torno de todos os objectivos populares e democráticos.

No mesmo comunicado, lê-se: «Saudamos o Povo Português neste momento histórico que abre a via para a conquista dos amplos direitos cívicos e sociais que terão a sua máxima expressão numa sociedade socialista».

Evocando a unidade democrática, a CDE apela para o povo no sentido de que se organize, a favor da sua própria dignidade e direitos, e se mantenha informado, para discutir e para encontrar as orientações para o movimento democrático e para a solução dos problemas.

O comunicado teve larga distribuição entre a população.

DR. SÁ CARNEIRO

Chegou ontem a Lisboa vindo do Porto o dr. Francisco de Sá Carneiro, antigo deputado à assembleia nacional e conhecido vulto político da SEDES. O dr. Sá Carneiro esteve em reuniões com elementos da Junta da Salvação Nacional na Cova da Moura e voltará ali a reunir-se - segundo nos disse - durante o dia de hoje.

MÁRIO SOARES HOJE EM LISBOA

PARIS, 28 — O secretário-geral do Partido Socialista Português, Mário Soares, que fora expulso de Portugal em 1970, deve chegar hoje a Lisboa, acompanhado de alguns outros membros do Secretariado Político no Exterior.

O secretário-geral do Partido, Jorge Campino, que reside em Poitiers (França), continuará naquele país para manter os contactos que possam interessar ao Partido Socialista Português. (FP).

A posição dos monárquicos perante a actual situação

Manifestando o seu apoio ao Movimento das Forças Armadas, a Convergência Monárquica, emitiu o seguinte comunicado:

«Derrubado o regime que durante cerca de 50 anos nos privou do exercício dos direitos fundamentais, abrem-se, finalmente, novas perspectivas para o estabelecimento de instituições que garantam a Liberdade e permitam a intervenção de todos os Portugueses, num clima de ampla e harmónica convivência de todas as correntes políticas.

No seguimento da acção desenvolvida após as falseadas eleições de 1969, a Convergência Monárquica deseja uma vez mais salientar que um dos objectivos incluídos no seu programa, então anunciado, era precisamente o de: «Demonstrar que, em Monarquia, a pluralidade das situações políticas é indispensável à sua permanência e que aquela é a garantia da possibilidade de constante Evolução e Progresso».

Qualquer regime que recuse a pluralidade das situações políticas jamais terá carácter definitivo, pois de forma alguma lhe será possível — nem o desejará — garantir a aplicação de uma verdadeira Justiça; e o Povo Português ficará assim entregue ao poder discricionário de um grupo sempre pronto a cometer as maiores arbitrariedades no seu exclusivo interesse.

Ciente de que um dos objectivos específicos do Movimento das Forças Armadas é o estudo e aplicação de medidas preparatórias que garantam o futuro exercício efectivo da Liberdade de Política dos cidadãos, a Convergência Monárquica sente que o advento da Junta de Salvação Nacional vem ao encontro das justas aspirações do Povo Português.

E por isso, ciente também de que a pluralidade das situações políticas, como se encontra bem comprovado nos exemplos das actuais monarquias europeias, necessita do rei, restituido à sua qualidade de depositário e defensor da Constituição, independente, portanto, dos partidos políticos, que respeita, a Convergência espera que todos os monárquicos, por si ou integrados nos seus diversos agrupamentos políticos, participem no esforço a desenvolver no sentido de se dotar Portugal de instituições livres, através das quais todos os Portugueses possam sentir-se defendidos nos seus direitos e justos interesses, sem qualquer distinção de credos políticos ou religiosos».

O apoio da Liga Popular Monárquica

Por sua vez, a Liga Popular Monárquica enviou-nos a seguinte nota:

«A Liga Popular Monárquica (organismo integrado na Convergência Monárquica), consciente de que representa uma camada importante da população portuguesa, e perante o momento alto que a Nação atravessa, julga de seu dever afirmar publicamente o seguinte:

1. Saúda o Movimento das Forças Armadas pelo serviço que acaba de prestar ao Povo Português, libertando-o da opressão em que era mantido.

2. Manifesta a sua confiança na actuação da Junta de Salvação Nacional, esperando que consiga cumprir os objectivos constantes da sua Proclamação, em especial a garantia de sobrevivência da Nação como Pátria soberana no seu todo pluricontinental e a restituição aos cidadãos das liberdades fundamentais.

3. Reafirma que o problema ultramarino, sem dúvida o mais grave daqueles com que os Portugueses se defrontam, só poderá ser resolvido após um debate autêntico, em que sejam ouvidos todos os Portugueses, sem esquecer muito especialmente os 17 milhões que vivem no Ultramar.

4. Considera que a crise portuguesa no Ultramar se resume nos aspectos de Justiça, Paz, Promoção e Integração autêntica (que nada tem a ver com o que a propaganda do regime deposto assim chamava), aspectos esses que urge restabelecer mediante:

a) Afirmação do princípio da universalidade da lei, permitindo, assim, eliminar as situações especiais que mantêm privilégios;

b) Criação de uma orgânica verdadeiramente unitária, capaz de dar conteúdo e coesão a uma afirmação política de Unidade, adaptada embora às estruturas étnicas e tradicionais do Ultramar;

c) Afirmação de que a autêntica política nacional tem como característica fundamental a dominante humana.

5. Proclama que só em Monarquia, com a garantia que o rei independente pode oferecer a todos, é possível viver-se em autêntica e verdadeira liberdade».

Os estudantes do Técnico reunem-se na Escola para reabrirem a Associação, definirem posição sobre o Movimento das Forças Armadas e pronunciarem-se pelo fim imediato da guerra.

Comunicado dos estudantes do I.S.T.

E o seguinte o teor da proclamação feita pelos estudantes do Instituto Superior Técnico, reunidos em 27 de Abril de 1974:

«Saudam o Movimento das Forças Armadas pelo papel que desempenharam na queda do regime de Marcello Caetano».

Saudam a intervenção política de todo o Povo Português, em particular da população de Lisboa que manifesta corajosamente nas ruas a sua vontade de libertar definitivamente a Pátria da opressão fascista.

Saudam finalmente a palicação das medidas de garantia do exercício da liberdade democrática pela Junta de Salvação Nacional, nomeadamente:

O reconhecimento legal dos movimentos políticos; a restauração das liberdades individuais reconhecidas internacionalmente; a dissolução da Pide/DGS; a abolição da censura e a libertação de todos os presos políticos;

Juntam a sua acção ao Povo Português na exigência da concretização destas medidas e ainda do fim das guerras coloniais com: cessar-fogo imediato; negociações com os legítimos representantes dos povos das colónias — os Movimentos de Libertação — com base no direito dos povos à autodeterminação e independência nacional.

Consideram que essas garantias são o primeiro passo para a construção da democracia e a abolição completa da opressão económica e política do nosso País.

Consideram ainda que a futura existência dessas garantias depende fundamentalmente da capacidade que o Povo Português tem de vigiar e sempre que necessário impôr a sua aplicação e alertam todos os estudantes do País para participarem activamente nessa acção popular.

Declaram-se dispostos a defender, por todos os meios ao seu alcance, a aplicação dessas garantias contra todas as manobras da reacção para tentar limitar a sua importância ou eficácia».

VEIGA SIMÃO NO GOVERNO PROVISÓRIO?

O antigo ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, esteve ontem reunido com o general António de Spínola no Palácio da Cova da Moura, não tendo sido possível averiguar com segurança o que foi tratado na sua reunião. No entanto, sabe-se que o exministro Veiga Simão era amigo íntimo do general Spínola e que os dois políticos mantinham pontos de vista semelhantes acerca de pontos fundamentais da vida portuguesa. Não deve esquecer-se, também, que o prof. Veiga Simão tem um irmão de alta patente na carreira militar — o tenente-coronel de Artilharia Veiga Simão — que está ao lado do Movimento.

Segundo ilacções — não confirmadas, apesar dos esforços que fizemos — o prof. Veiga Simão poderia estar indigitado para fazer parte do próximo Governo Provisório continuando assim a gerir a pasta da Educação Nacional. Como era do domínio público, o prof. Veiga Simão não recolhia o apoio de muitas personalidades influentes do anterior regime tendo chegado o jornal «Le Monde» a noticiar que ele ia proximamente ser afastado do Governo.

Também ontem, esteve na Cova da Moura o antigo Secretário de Estado da Informação e Turismo dr. Pedro Pinto. Este, interrogado à noite, disse que não era o momento oportuno para fazer qualquer declaração. Não desmentiu nem confirmou a sua reunião com personalidades da Junta de Salvação Nacional.

REUNIÃO DE ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO

Um grupo de estudantes do Instituto Industrial de Lisboa convocou uma reunião geral de alunos para amanhã, às 10 horas, na sala de conferências daquele estabelecimento de ensino. A reunião será consagrada às medidas a tomar para a normalização da vida associativa.

Os alunos do Liceu Passos Manuel aprovaram, numa reunião geral, o seguinte documento:

«Os estudantes do Passos Manuel realizaram uma reunião geral de alunos em que depois de importante discussão resolveram ir junto ao reitor, exigir uma associação de estudantes. Durante a RGA decidiu-se eleger uma comissão associativa provisória até eleições futuras, e ocupar como salas da associação, as instalações do ex-Centro da Juventude ligado ao Secretariado para a Juventude e à MP.

Depois de curta discussão com o reitor, ocupou-se massivamente a sala, cantando-se em coro o Hino Nacional e gritando Vitória.

APÓS O 25 DE ABRIL

O REALIZADOR ALFREDO TROPA VAI TIRAR 60 ARGUMENTOS DA PRATELEIRA

— Tenho mais de sessenta argumentos arrumaos em uma prateleira da minha casa, que eram irrealizáveis» antes do 25 de Abril. Agora, vou eter-me à obra — disse-nos o realizador de cinea e TV Alfredo Tropa, que pôs «no ar» as primeiras missões da R.T.P. dedicadas ao Movimento das orças Armadas.

Alfredo Tropa

Sobre a experiência do 25 de bril, o realizador, que voluntamente se pôs ao serviço do ovimento logo após ter sido sado do início da acção reucionária, contou:

— Sinto-me extremamente iz por terem confiado em m a missão de pôr «no ar» primeiras imagens dos aconcimentos. Espero ter cumpri-.

Segundo revelou, após a upação dos estúdios da T.P., ao Lumiar, uma equipa técnicos — embora reduzi-, por motivos de segurança acorreu ao local, preparana emissão que daria ao País ícia ilustrada do decorrer acção.

— Às 11 horas de 25 de ril a primeira emissão estava onta a ir para o «ar». Mas, mo já todos sabem, interfecias na antena de Monsanto aram o momento. Para nós, am horas de angústia. Mas ando finalmente entrámos oar», penso que fiquei a pesa mais calma possível. A pardaí, tudo tem decorrido norlmente.

Sadudir o pó

Cansado mas contente, eis o que poderíamos dizer do pessoal da R.T.P. que há dias consecutivos se encontra de serviço. Todos voluntários, solidarizaram-se desde a primeira hora com o Movimento. Alfredo Tropa, apesar do visível cansaço, mantém-se firme.

— Até ao dia 25, eu, como realizador de cinema e TV, tinha vivido extremamente limitado. A mudança radical é evidente, a partir do primeiro serviço informativo do Movimento.

E acrescentou:

— Como só sei fazer cinema e televisão, até quinta-feira tive de sobreviver com dignidade e tentando não abdicar da minha consciência. Agora, irei à prateleira buscar ideias para filmes e programas, que tive ao longo da minha vida, e que ia pondo de parte porque não via possibilidade de os realizar no clima em que vivíamos.

Quanto à sua actividade dentro da R.T.P., Alfredo Tropa declarou qeu vai tentar fazer TV séria-e a sério.

SANTARÉM ACOLHEU O REGRESSO DAS TROPAS

SANTARÉM, 27 — Esta cidade viveu anteontem momentos inesquecíveis durante uma manifestação extremamente calorosa para celebrar o regresso das forças escalabitanas que participaram no Movimento das Forças Armadas que pôs termo a quase meio século de regime salazarista-marcelista Milhares de pessoas em milhares de viaturas foram ao encontro daquelas, forças cantando o hino nacional e gritando «Viva a liberdade», «Viva o Exército», «Viva Portugal», «Viva o general Spínola», e «Povo unido jamais vencido» A manifestação foi considerada como a maior até agora registada em Santarém e teve carácter inteiramente espontâneo Numerosas pessoas vindas de localidades próximas juntaram-se à população local

A manifestação inclui minutos de silêncio pelos mortos da Revolução e seguiu-se-lhe junto ao monumento ao Marquês Sá da Bandeira uma homenagem àquele liberal.

Também anteontem, numa conferência de Imprensa dada na Escola Prática de Cavalaria, um oficial explicou as razões da adesão daquela unidade ao movimento militar e descreveu as condições em que ela se processou. O oficial revelou que a decisão de aderir foi tomada numa reunião na noite de 23 para 24. Informado, o comandante, coronel Augusto da Fonseca Laje, preferiu abandonar a unidade.

À Escola Prática foram distribuídas as missões de tomada, em Lisboa, do Ministério do Exército, do Banco de Portugal e da Rádio Marconi, sendo o sinal desencadeador da acção a senha transmitida pelos Emissores Associados de Lisboa, «Faltam cinco minutos para as 23 horas», à qual se seguiria o disco «E depois do adeus». A ordem para marchar seria anunciada pela Rádio Renascença, mais tarde, entre as 0 e a 1 hora, com a leitura da estrofe «Grândola Vila morena. Terra de fraterniade. O povo é quem mais ordena dentro de ti oh cidade» e a audição daquela canção de José Afonso. Uma primeira coluna de 150 homens e 12 viaturas, sob o comando do capitão Sequeira Maia, partiu de Santarém para Lisboa.

Ainda anteontem, pelas 17 horas, uma força militar, comandada pelo capitão Bernardo obteve a rendição dos elementos da PIDE/DGS nas respectivas instalações, na cidade de Santarém.

Ontem, já não havia prevenção militar, mantendo-se muita gente junto da Escola Prática. O ambiente era de alegria. A vida decorria normalmente e os estabelecimentos estavam abertos, à excepção dos bancos. O abastecimentc da cidade processava-se também normalmente.

Grupos de senhoras com ramos de flores têm-se dirigido ao quartel da Escola Prática, aonde têm chegado igualmente presentes diversos.

O governo civil foi assumido anteontem pelo dr. Avelino Mendes de Oliveira, secretário do governo civil. O governador, dr. Bernardo Mesquitela, deixou de comparecer no dia 25 à tarde.

COIMBRA: DESTRUÍDOS CARROS DA DGS

Muita gente acorreu ontem, rante todo o dia, à sede da GS-PIDE em Coimbra, situana rua Antero de Qeuntal. erca das 16 horas, compareu no local o coronel Rafael rreira Durão, acompanhado r uma força de 64 pára-questas.

No decorrer de uma confencia de Imprensa com os jorlistas presentes, este oficial clarou que acabava de assur o comando da Região Milir de Coimbra. Pronunciou depois uma exortação ao povo, aconselhando este a manter a calma e sublinhando que a PSP e o Exército constituíam agora um corpo único. Realçou também a impossibilidade de entregar à população os agentes da DGS-PIDE que se encontravam detidos no interior da extinta corporação, uma vez que, segundo disse, os mesmos serão submetidos a julgamento, para fazer justiça.

Durante o dia, realizaram-se diversas manifestações populares na cidade do Mondego, em apoio do movimento militar e da Junta de Salvação Nacional. No decurso destes acontecimentos, o povo destruiu seis automóveis estacionados frente à sede da DGS, que se supõe terem pertencido a agentes da mesma.

Cerca das 23 horas, ainda se concentravam neste local muitos milhares de pessoas, aguardando a evacuação dos agentes detidos, que só se deverá vir a efectuar-se quando se gerarem as condições de segurança pretendidas pelas forças militares.

DEMOCRATAS DE VISEU CONVOCAM MANIFESTAÇÃO DE APOIO

O Movimento Democrático de Viseu convocou para manhã, dia 29, uma manistação popular de apoio o Movimento das Forças rmadas e à Junta de Salação Nacional. A concenação realiza-se no Campo e Viriato, naquela cidade, partir das 17 horas, iniando-se o desfile uma hoa depois, rumo ao centro a cidade. Os democratas iseenses convidam o povo participar nesta manifesação cívica.

Subscrito por 19 demoratas do distrito, foi enviado à J. S. N. um telegrama, cujo texto transcrevemos:

«Democratas de Viseu saudam Junta de Salvação Nacional e dão inteira adesão princípios do Movimento das Forças Armadas e programa desta Junta, pelos quais sempre lutaram. Manifestam o seu repúdio contra o facto de fascistas confessos despudoradamente tentarem desvirtuar princípios patrióticos proclamados Movimento militar, dizendo-se apoiar mesmos princípios, manobra essa meramente oportunista. Apelam para o saneamento das instituições, em ordem total consecução programa. Viva Portugal livre!»

Entretanto, durante toda a manhã de ontem decorreu na mesma cidade uma manifestação de jovens, em apoio do M. F. A. e da J. S. N. À tarde, o povo percorreu também as ruas de Viseu, apesar da manifestação convocada na véspera pelos democratas do distrito ter sido cancelada na noite anterior, em benefício da de amanhã.

A escola da DGS-PIDE ocupada ontem

A Escola Técnica da extinta Direcção Geral de Segurança-PIDE foi ocupada ontem, ao princípio da tarde, sem resistência, por forças do Exército e por Fuzileiros.

A coluna militar que procedeu à ocupação partiu dos terrenos fronteiros ao Palácio de Justiça, na Avenida Marquês de Fronteira. Era constituída por engenhos blindados de reconhecimento, autometralhadoras ligeiras, chaimites e numerosos camiões e jeeps com soldados e fuzileiros navais. Admitia-se que permanecessem na escola agentes da DGS-PIDE e receava-se que oferecessem resistência.

A ocupação processou-se sem qualquer incidente. Estava na escola apenas um contínuo, que logo entregou as chaves ao oficial que comandava a força militar.

A Escola Técnica da DGS-PIDE estava instalada na Estrada de Benfica, 241, a Sete Rios. Segundo declarou aquele contínuo, os cursos eram, em geral, constituídos por vinte a trinta alunos. A princípio, duravam três meses. Mas nos últimos tempos, devido à grande necessidade de agentes para o Ultramar, estavam reduzidos apenas a quatro semanas.

O edifício principal, sobre a Estrada de Benfica, compreendia numerosas salas de aula, uma delas equipada com um projector de cinema, uma biblioteca, uma secretaria, um museu da actividade repressiva da DGS-PIDE e uma capela privativa. Nos terrenos situados nas traseiras, havia uma horta. Num edifício anexo, também nas traseiras, ficavam salas de exercícios físicos e dois dormitórios. Dormiam ali os quatro agentes encarregados da guarda do capitão Peralta, o oficial cubano capturado na Guiné e que se encontrava internado na Casa de Saúde da Cruz Vermelha. Também era permitida a utilização dos dormitórios aos alunos. À entrada de ambos os dormitórios, um aviso datado de 8 de Fevereiro de 1972 e assinado pelo director da escola, Lopes Velozo, prevenia que esta regalia seria tirada no caso dos alunos continuarem a dar mostras de falta de higiene.

O museu da Escola Técnica possuía documentação importantíssima para a história do nosso século. Ao contrário do que aconteceu nos serviços de censura à imprensa e na sede da DGS-Pide, onde, muitos documentos foram subtraídos, o comandante da força que ocupou a Escola Técnica teve o cuidado de assegurar que os representantes dos orgãos da informação não partissem com recordações. E fez bem, uma vez que toda esta documentação é essencial para a história do regime fascista.

Várias vitrinas do museu estavam ocupadas com fotografias, símbolos e insígnias do Grande Oriente Lusitano, associação maçónica dissolvida logo nos primeiros tempos do regime instituído em 1926. Viam-se nestas vitrinas numerosas fotografias de reuniões maçónicas no século passado e nas primeiras décadas do nosso século, retratos de grãos-mestres, como Magalhães Lima e o general Norton de Matos. Noutra vitrina, despojos do atentado na Avenida Barbosa du Bocage, em 1936, contra o antigo presidente do Conselho Oliveira Salazar. Estilhaços da bomba, o boné de um dos autores do atentado, os botins utilizados por um outro, para caminhar no cano de esgoto em que foi colocada a bomba, fios eléctricos que serviram para fazer deflagrar o engenho. Outra vitrina exibia blocos de títulos de numerosos jornais clandestinos, carimbos utilizados em inscrições nas paredes, assim como grande número de exemplares de publicações dos movimentos antifascistas. Ainda noutra vitrina, panfletos e insígnias de um movimento de inspiração nacional-socialista fundado por Rolão Preto, documentos e fotografias sobre a actividade dos comunistas em outros países, na maioria relacionados com a Guerra Civil de Espanha. O museu apresentava também duas galés e uma máquina de impressão do «Avante», órgão do Partido Comunista Português. Ao longo das paredes, numerosos dísticos, cartazes e outro material de propaganda antifascista e dos movimentos de estudantes universitários.

A biblioteca da Escola Técnica incluía livros de Lenine, Marx e Staline, colecções das revistas francesas «Esprit», «Les Temps Modernes», «La Pensée», «Nouvelle Critique», obras proibidas de alguns dos nossos melhores escritores.

Numa das salas de aula, fotografias de identificação de numerosos dirigentes do Partido Comunista Português e de outros movimentos antifascistas. Entre outras, fotografias de Álvaro Cunhal, Francisco Martins Rodrigues, fundador da F. A. P. (Frente de Acção Popular), Henrique Galvão, Jaime Serra, Francisco Miguel, Joaquim Gomes dos Santos. Noutra sala, peças de uma armadilha de relógio, modelos em gesso de rastos de pneus, de sapatos e de pegadas. Num armário, um album, horroroso, com fotografias de homens, mulheres e crianças assassinadas ou torturadas. Ainda noutra sala, um quadro com uma poesia escrita por Salazar quando tinha dez anos. Se é certo que teria sido melhor para o País que Salazar tivesse enveredado pela poesia, em lugar de oprimir o povo português durante quatro décadas, não é menos certo, a julgar por esta composição, que teria sido um mau poeta.

Mas os agentes da DGS-PIDE também eram católicos. A escola possuia uma capela privativa. Imagens antigas, talvez do século dezassete. Um Cristo crucificado, uma Nossa Senhora, um Santo António e um S. Jorge a matar o dragão.

Foi com emoção que percorremos a Escola Técnica da DGS-PIDE. Foi aqui que foram preparados para torturar e para assassinar centenas e centenas de agentes da organização que era, conjuntamente com a censura, a pedra fundamental do regime fascista. As fotografias e os documentos exibidos ali falam-nos das torturas e dos crimes de morte de que foram vítimas tantos antifascistas nos longos quarenta e oito anos decorridos desde o 28 de Maio.

Um aspecto do museu da Escola Técnica da DGS-PIDE, em que se vê um cartaz do movimento estudantil contra a repressão fascista, assim como uma bandeira do Partido Comunista Português

Dois agentes na escola da PIDE

Apesar da chuva copiosa que a meio da tarde começou a cair, a multidão compacta concentrada em frente da Escola da DGS-PIDE não arredava pé, convicta de que no interior do edifício estavam agentes.

Cerca das 18 e 30, chegou uma coluna de blindados do Exército. O entusiasmo do povo manifestou-se através de fartos aplausos. Pouco depois, um blindado de transporte de pessoal manobrou para penetrar no pátio do edifício. Porém, a pouca largura dos portões não permitiu que a viatura entrasse.

Foi à vista da multidão que três arquivos de madeira, transportados nos braços de fuzileiros, foram metidos no blindado. E quando o oficial do Exército perguntou aos fuzileiros se havia pessoal para transportar, arreigou-se nos espíritos a convicção de que a espera não seria baldada.

A chegada de um major, cerca das 18 e 45, fez aumentar a expectativa. Aquele oficial, após ter estado no interior da Escola, exortou a multidão, afirmando: «Acreditem em nós. Nós cá estamos para fazer justiça!» A multidão rompeu em aclamações e aceitou recuar um pouco para deixar livre uma estreita faixa da via.

Com os portões abertos, o oficial mandou então sair os dois «Land Rover» fechados que pouco antes tinham sido colocados no pátio do edifício.

Gritos unissonos de «assassinos! assassinos!» ouviram-se logo que o primeiro carro surgiu à saída. No interior do veículo, rodeado de soldados, um Pide chorava, de lenço colado à cara. Logo atrás, outro veículo com o outro agente. Partiram a grande velocidade na direcção da Avenida Columbano Bordallo Pinheiro, para se juntarem à coluna de protecção. Isso não impediu todavia, que a multidão, à sua passagem, tentasse atirar-se aos carros, a custo impedida pelos fuzileiros e soldados. Logo a seguir, o povo dispersou.

Soube-se, entretanto, que os dois «pides» tinham sido anteriormente capturados e transportados para a Escola a fim de aguardarem escolta.

Fotografias de identificação numa das salas da Escola Técnica da DGS-PIDE: Alvaro Cunhal, Henrique Galvão, Francisco Miguel Duarte e Pedro Soares

OCUPADOS OS SINDICATOS DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E DOS FERROVIÁRIOS

O Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório de Lisboa foi ocupado ontem por um numeroso grupo de sócios, na sua maioria dirigentes de secções livremente eleitos.

A direcção do sindicato, como anunciámos oportunamente, apesar dos limites impostos pela censura à Imprensa, foi designada depois de eliminada a lista concorrente, por uma decisão apoiada na legislação repressiva do Ministério das Corporações. Por isso mesmo, a direcção do sindicato era considerada pela maioria dos associados como uma comissão administrativa, disse-nos um dos empregados de escritório presentes.

A frontaria do edifício em que se encontra instalada a sede do sindicato, no número 9 da Rua Braancamp, esquina com a Rua Castilho, encontra-se coberta de cartazes. Anunciam que o sindicato foi devolvido aos trabalhadores, que «com a queda do fascismo foi expulsa a direcção fascista», preconizam um sindicalismo livre.

Durante uma reunião realizada ontem, na sede do sindicato, foi aprovado por unanimidade o seguinte apelo aos empregados de escritório:

«O Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa entrou na posse legítima dos trabalhadores seus associados.

A anterior direcção imposta pelo Governo fascista e instrumento ao serviço desse mesmo Governo, foi expulsa.

O Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa apoia o documento emanado pela inter-Sindical, divulgado pelos orgão de Informação em 26 e 27 do corrente, integrando-se assim na luta de todos os trabalhadores portugueses.

O SNPEDL pede a presença, desde já, de todos os seus associados e empregados para um trabalho sindical ao serviço de todos os trabalhadores e da Democracia.

Viva o Movimento das Forças Armadas.
Viva a Classe Trabalhadora.
Viva Portugal.»

Apoio às Forças Armadas

Na mesma reunião, os sócios que ocupam o sindicato aprovaram um telegrama dirigido à Junta de Salvação Nacional, cujo texto é o seguinte:

«Trabalhadores Sindicato Empregados de Escritório de Lisboa apoiando pontos fundamentais do programa das Forças Armadas, na garantia dos direitos do povo português informam que entraram na legítima posse deste Sindicato, expulsando a direcção vil serventuária do Governo fascista derrubado pelo vitorioso Movimento das Forças Armadas.

Farão entrega em mão texto primeira informação divulgada pelo Sindicato dos Profissionais de Escritório de Lisboa.

Viva o Movimento das Forças Armadas.
Viva a Classe Trabalhadora.
Viva Portugal.»

Ocupado o Sindicato dos Ferroviários

Também a sede do Sindicato dos Ferroviários do Centro de Portugal, na Praça dos Restauradores, 78, 3.º, foi ontem ocupada por um grupo de associados.

A anterior direcção do sindicato foi expulsa. Os ferroviários que ocupam o sindicato propõem-se realizar, no mais curto lapso de tempo, a eleição de uma direcção representativa.

Em declarações ao nosso jornal, afirmaram-nos a sua inteira concordância com o documento elaborado pela inter-Sindical, e já divulgado pelo «Diário de Lisboa», e declararam-nos o propósito de prosseguir o combate por um Portugal livre e democrático.

Aspecto da fachada da Ordem dos Médicos, coberta de cartazes a defenderem uma assistência médica ao serviço da população e a liberdade sindical

A ocupação da Ordem dos Médicos

Como noticiámos ontem, também a sede da Ordem dos Médicos, na Avenida de Liberdade, foi ocupada por um grupo de médicos democratas. Numerosas pessoas permanecem constantemente em frente do edifício da Ordem, a ler os numerosos cartazes ali afixados. Anunciam a «expulsão do curador fascista da Ordem dos Médicos», afirmam que a saúde não deve ser um previlégio de classe, mas um direito de todos os cidadãos, denunciam a assistência médica prestada nos hospitais pelas caixas de previdência.

Na sede da Ordem, reúne amanhã, às 21 e 30, a assembleia geral da Secção Regional do Sul, a qual terá a seguinte ordem de trabalhos:

Estruturação do Sindicato Médico;

Interferência imediata deste Sindicato na organização e funcionamento dos Organismos de Saúde e Assistência Médica;

Reintegração efectiva de todos os médicos demitidos dos seus cargos profissionais;

Atitude face aos médicos da PIDE-DGS.

Telegramas do S. N. P. C.

O Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, em face da vitória alcançada pelo Movimento das Forças Armadas, enviou à Junta de Salvação Nacional o seguinte telegrama:

«Sindicato profissionais Cinema saúda Movimento Forças Armadas pelo glorioso derrube fascismo apoiando programa político Junta Salvação Nacional stop Viva Portugal stop»

O mesmo organismo endereçou também ao Sindicato dos Técnicos de Desenho uma mensagem do seguinte teor:

«Sindicato Profissionais Cinema saúda companheiros apoiando totalmente comunicado catorze pontos ontem publicado stop Viva unidade trabalhadores stop»

OS TRÊS ULTIMOS PRESOS POLÍTICOS

Francisco Martins Rodrigues

A liberdade definitiva só chegou às 20 e 45 de ontem para três dos presos políticos da Cadeia do Forte de Peniche. A essa hora, o major Azevedo, mandatário da Junta de Salvação Nacional, comunicou a Francisco Martins Rodrigues, Rui Pires de Carvalho d' Espinay e Filipe Viegas Aleixo que podiam abandonar livremente a casa onde lhes fora fixada residência, como medida limitativa da liberdade que a título precário haviam recuperado às 4 horas da madrugada.

Os três presos, que sofriam das maiores condenações da história da «Justiça» do Regime do 28 de Maio, só puderam sair da Cadeia do Forte de Peniche mediante o compromisso escrito de permanecerem, até nova ordem, na residência de um advogado de Lisboa que se constituiu co-responsável pelo cumprimento da condição.

A medida de residência fixa, que durou 17 horas, fôra decidida pelo comandante Machado dos Santos, um dos responsáveis pela abertura da Fortaleza, no momento da libertação dos presos, em virtude de aqueles três terem sido condenados simultâneamente por crimes políticos e outros que o Código Penal considera «comuns».

Francisco Martins Rodrigues e Rui d' Espinay, de 46 e 31 anos, respectivamente, foram condenados a 19 e a 17 anos de prisão maior por serem dirigentes do Comité Marxista-Leninista Português e da Frente de Acção Popular, as primeiras organizações clandestinas que em Portugal seguiram uma linha política de tendência maoísta. Exercendo a sua actividade política na clandestinidade, no interior do País, Francisco Rodrigues e D' Espinay identificaram como agente provocador um elemento da PIDE, Mário Mateus, que procurava infiltrar-se naquelas organizações, e executaram-no a tiro, em Outubro de 1965. Foi o então chamado «crime de Belas».

Mário Mateus, que trabalhava em ligação com o agente da PIDE de nome Cleto, lograra dar à polícia secreta pista para prisão de João Pulido Valente, também dirigente daquelas organizações políticas revolucionárias, e libertado ontem.

Presos em Janeiro e Fevereiro de 1966, Francisco Rodrigues e Rui D'Espinay foram depois julgados, com Pulido Valente, no tribunal de Sintra e no Plenário Criminal de Lisboa. Na «instrução» dos processos que levaram às condenações, os dois militantes políticos foram selvaticamente torturados, nas salas do último andar da PIDE, na rua António Maria Cardoso, pelo antigo subdirector da polícia secreta, José Sachetti, e por uma equipa de torcionários (alguns deles, não todos, agora detidos na Cadeia de Caxias) em que se destacaram os chefes de brigada Benedito Pereira André e Inácio Afonso e pelos inspectores Cardoso, Sílvio Mortágua, Abílio Pires, além do agente, cuja indescritível crueldade ficou marcada na pele de dezenas de presos, que o conheciam pela alcunha de «Pegador».

O tribunal Plenário responsável pelo «julgamento» era presidido pelo desembargador Morgado Florindo, tendo como acessores os juízes Bernardino de Sousa (hoje desembargador na Relação de Évora) e Alves Cortês (titular do 3.º Criminal de Lisboa). O agente do Ministério Público (acusação por conta da DGS) era o dr. Costa Saraiva, depois nomeado acessor jurídico do Ministério do Interior.

DO SANTA MARIA À COVILHÃ

Condenado à revelia num tribunal comum por ter participado com o capitão Henrique Galvão no assalto ao «Santa Maria», em Fevereiro de 1961, Filipe Viegas Aleixo exilou-se em França, donde partiu com Hermínio da Palma Inácio, no grupo da Liga de União e Acção Revolucionária que pretendia, em Agosto de 1968, tomar a cidade da Covilhã.

Este grupo foi interceptado na zona de Moncorvo, pouco depois de entrar em território nacional, e os seus componentes entregues à Direcção-Geral de Segurança. Torturado na Rua António Maria Cardoso, Filipe Aleixo foi condenado pelo Plenário do Porto a 19 anos de prisão maior, recolhendo depois ao Forte de Peniche donde, devido à sua idade, já não esperava saír com vida: saiu com 59 anos.

Com Francisco Rodrigues e Rui D' Espinay, Filipe Aleixo ficou retido na mesma residência de Lisboa até ao decreto da Junta que lhe devolveu a liberdade, sem condições.

Rui Pires de Carvalho D'Espinay

O decreto foi lido e entregue aos três homens, rodeados pelas suas famílias e amigos, precisamente no momento em que se renovavam, perante as autoridades militares superiores, diligências tendentes ao levantamento da medida, que fôra imposta pela interpretação literal de um artigo do Programa em que se previa a discriminação de crimes políticos e crimes «comuns». Discriminação que, aliás, só se exerceu nos casos dos referidos três presos, que foram, pois, os últimos a obter a liberdade.

Filipe Viegas Aleixo

POSSÍVEL FERIADO NO 1.º DE MAIO

O prof. Francisco Pereira de Moura na sua qualidade de «leader» da C.D.E. pediu, ontem, ao General António de Spínola, que o próximo dia 1 de Maio seja decretado feriado nacional permitindo assim, ao povo, manifestar-se nas ruas celebrando a festa dos trabalhadores e a vitória do Movimento das Forças Armadas. O chefe da Junta de Salvação Nacional admitiu que poderá ser possível decretar o 1.º de Maio como feriado nacional.

Segundo soubemos mais tarde, a Junta acha possível o feriado do 1.º de Maio devendo a manifestação no entanto realizar-se, como acontece no estrangeiro, em artérias previamente estabelecidas por acordo entre os representantes dos manifestantes e a Junta que detém o Poder. Também a hora deverá ser anunciada previamente para que seja possível montar um indispensável serviço de ordem e também para que as pessoas que não queiram participar na manifestação possam evitar passar pelos locais da sua realização. Ainda segundo as nossas informações, a manifestação poderá realizar-se entre as 16 e as 19 horas no percurso compreendido entre o Saldanha e o Terreiro do Paço.

Os bancos reabrem amanhã

Está decidido que os bancos reabram amanhã as suas portas, voltando a funcionar normalmente e nos horários anteriores ao 25 de Abril.

Foi preso o major Silva Pais director da ex-PIDE-DGS

.. Mais uma etapa no desmantelamento do aparelho da PIDE/DGS. Ontem, cerca das 19 horas, uma força da Polícia Militar comandada pelo alferes Vareta cercou a residência do director daquela odiada corporação, major Silva Pais, na Rua de Moçambique. A operação foi coroada de êxito, mas demorou até cerca das 22 horas visto que para conduzir o director da PIDE À PRISÃO; A Polícia Militar aguardou a chegada de uma força de blindados que lhe serviram de escolta protectora.

O major Silva Pais, que saiu acompanhado da esposa, foi vaiado por enorme multidão que desde o fim da tarde ocupou as imediações da sua residência.

SANTOS E CASTRO TERMINA A CARREIRA POLÍTICA

LUANDA, 28 (ANI) — «Deste modo terminará a minha carreira política e terminará da melhor forma» — afirmou o eng. Santos e Castro na sua mensagem de despedida à população de Angola, salientando que «criado e formado no amor da Pátria nestas terras de Angola, onde me nasceram os primeiros sonhos da autêntica grandeza nacional, encerrar toda quase uma vida ao serviço do público e para bem do público (o que nem sempre é a mesma coisa), agarrado à tarefa imensa de fazer crescer Angola, não podia constituir melhor oportunidade».

«Virada a Junta de Salvação Nacional — como consta das suas proclamações — para os supremos interesses da Nação, e até por algumas das ilustres figuras que conheço e dela fazem parte, não posso deixar de abandonar as funções convicto de que Angola vai continuar a marcha imparável do seu progresso. Os homens de Angola não me podem deter nos seus esforços» — declarou o eng. Santos e Castro.

Santos e Castro e sua família devem partir para Lisboa amanhã no paquete «Infante D. Henrique».

Mensagem em Angola do Governo-Geral

LUANDA, 28 (ANI) — O encarregado do Governo-Geral de Angola tenente coronel Soares Carneiro, nomeado pela Junta de Slavação Nacional, proferiu aos microfones da emissora oficial uma mensagem em que afirmou assumir o governo-geral de Angola, «com o solene compromisso de garantir nesta parcela do território a sobrevivência da nação como pátria soberana do seu todo». Afirmou a sua confiança «no patriotismo, capacidade realizadora e harmonia social das populações».

O tenente coronel Soares Carneiro acentuou: «reitero as minhas homenagens às Forças Armadas que, com sangue e sacrifício se devotam à defesa da paz.» Disse também: «acentuo que não podemos subsistir sem um clima de ordem e segurança. Prossigamos, pois, unidos e com uma determinação que considere juntamente e justamente as exigências de progresso e paz para todos os portugueses.»

Comunicado do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné

BISSAU, 28 — (ANI) — Comunicado do comando-chefe das Forças Armadas na Guiné:

«Pouco depois de o movimento das Forças Armadas haver exigido a demissão do general Bettencourt Rodrigues dos cargos de governador e comandante-chefe, o novo comandante-chefe interino, comodoro Almeida Brandão, enviou a todas as unidades militares estacionadas na província a seguinte mensagem: ao assumir as funções de comandante-chefe interino, em meu nome e no do Movimento das Forças Armadas saúdo os camaradas das unidades de terra mar e ar, com a certeza de todos estarmos unidos, firmes e vigilantes na defesa dos sagrados princípios que orientam a patriótica actuação das Forças Armadas da Metrópole, com a qual estamos inteiramente solidários».

OS MOTORISTAS OCUPARAM AS INSTALAÇÕES DO SEU SINDICATO

O Sindicato Nacional dos Motoristas foi ocupado ao fim da tarde de ontem por um número significativo dos seus sócios e em consequência da direcção que se encontrava em exercício ter sido eleita ilegalmente caso que ao tempo foi noticiado nos jornais. Durante a ocupação verificou-se uma cena de tiros felizmente sem consequências. Às 17 e 40 o referido grupo de sócios, pertencentes ao movimento pro-sindicato, bateu à porta do edifício da sede tendo surgido o presidente em exercício sr. Sotero.

— Temos o direito de ocupar o nosso Sindicato porque as últimas eleições não foram livres — disseram os sócios.

Surgiu então um dos mais antigos empregados do organismo, sr. Montes, o qual se mostrou disposto a reagir pela violência, tendo puxado de uma pistola com a qual deu três tiros que causaram compreensível pânico. Ao fugir, depois, para a rua, foi perseguido aos gritos de «é da PIDE». Os populares agarraram-no e entregaram-no a uma patrulha das Forças Armadas que o levou para averiguações. Mais tarde os sócios do Sindicato encontraram documentos que comprovam as suas ligações com a PIDE pois forneceu àquela polícia vários nomes entre eles o do motorista sr. João Sequeira Branco antigo candidato da CDE às eleições para deputados.

Foi precisamente o sr. João Sequeira Branco quem descreveu estes factos ao «Diário de Lisboa» às 4 e 30 da madrugada dizendo-nos:

— Vamos nomear ainda esta noite uma comissão de gerência e promover, depois, eleições livres.

Durante a madrugada muitos motoristas foram ao Sindicato festejar a ocupação.

O ESCRITOR PEDRO OOM MORREU DE COMOÇÃO

O irreverente e talentoso poeta surrealista Pedro Oom, figura muito conhecida da Lisboa literária e boémia, frequentador assíduo do café Gelo ao tempo em que ali se reunia o grupo em que pontificavam Mário Cesariny de Vasconcelos, Luís Pacheco e outras personalidades daquela corrente estética, morreu ontem de comoção provocada pela queda do fascimo em Portugal.

O insólito autor de tão belos poemas fantásticos e escatológicos como os que publicou em «Grifo» e em «Pirâmide» não resistiu à alegria da vitória.

Lembramos com mágua a sua simpática figura e recordamos as suas importantes intervenções na JUBA. Pedro Oom tinha 47 anos.

QUADROS ESCUROS DA PRIMEIRA VISITA LIVRE À PIDE/DGS

Estamos a subir as escadas da sede da ex-PIDE/DGS, na Rua António Maria Cardoso, às 13 e 13, dia 27 de Abril de 1974. Estamos a subir as escadas livremente e não como prisioneiros. Todo o edifício se encontra ocupado por fuzileiros e soldados do Regimento de Infantaria 1. «Vejam o que quiserem» — diz-nos um aspirante. Vamos subindo as escadas, há cravos vermelhos nas pontas das espingardas, ninguém intimida os cinco jornalistas do «Diário de Lisboa». E o primeiro jornal a penetrar no último reduto fascista a ceder na capital após a ida para Caxias de 170 agentes da corporação. «Posem mexer em tudo» — volta a dizer o aspirante. Durante cerca de duas horas, fomos percorrendo gabinetes, celas, corredores, serviços técnicos, salas de interrogatório. No fim da visita, verificámos que unicamente tínhamos percorrido um quarto do edifício. «Mais não pode ser — tornou a falar o aspirante. — Isto é como um museu, leva muito tempo a ver. E há jornalistas estrangeiros lá fora à espera. Temos de dividir o tempo por todos.» Insistimos pelos subterrâneos —mas o acesso aos subterrâneos foi-nos vedado. Que não, que não. Só mais tarde. Só daqui a uns dias. Bem — ficou-nos nos olhos essa quarta parte do sinistro edifício da Rua António Maria Cardoso. E dessa quarta parte vamos agora dar conta aos nossos leitores.

Espalhadas pelo chão e em cima da mesa da extinta PIDE/DGS um verdadeiro arsenal bélico, entre o qual material de fabrico russo e chinês

Degrau a degrau, do átrio até ao primeiro andar, vamos deparando com os nomes de mortos nas paredes. São os agentes da PIDE/DGS mortos em serviço no Ultramar. Nomes gravados em lápides de mármore negro, geometricamente dispostas, numa homenagem fúnebre que vem datando desde 1961.

Uma frase tirada de um dos últimos discursos de Salazar surge também na parede: **«Nós havemos de chorar os mortos se os vivos os não merecerem.»** Não só esta frase — há também uma de Marcelo Caetano: **«Portugal não pode ceder. Não pode transigir, não pode capitular na luta que travamos no Ultramar.»**

Depois destes degraus, depois destas frases — surge toda uma outra **história**...

Leitão Bernardino

Essa outra **história** é constituida precisamente pelos gabinetes, pelos corredores, pelas salas de interrogatório, pelas celas.

No chão, sobre as secretárias, sobre as cadeiras, sobre as camas encontra-se um mundo de pequenas e grandes coisas, de objectos reles, de armas, de pontas de cigarros, de livros, de revistas pornográficas. **«Um arsenal que deu cabo de muita gente»** — acentuou um fuzileiro que acompanhava o aspirante.

De repente, demos de cara com um inspector da DGS, Leitão Bernardino conhecido por ter exercido principalmente, as funções de «guarda-costas» dos ex-presidentes Salazar e Marcelo.

«Este senhor não foi para Caxias?» — perguntámos.

Foi-nos explicado que «não se tratava de um agente e sim de um funcionário da DGS de que o Movimento necessitava de momento para a resolução de certos problemas.»

«Há códigos que nós não podemos decifrar. Códigos e arquivos. Temos de recorrer a alguns funcionários para que nos auxiliem nessa tarefa.»

Bernardino, acompanhado de mais cinco colegas (colegas dele), abandonou daí a pouco as instalações da ex-PIDE/DGS num **Fiat** de cor creme. O homem tinha perdido aquele ar sorridente com que tantas vezes os reporteres o viram em diversos serviços oficiais. Ia, na verdade, bastante preocupado.

Mais tarde, no Posto de Comando do Movimento, foi-nos dito que «os agentes se encontravam detidos em Caxias, e os inspectores com residência vigiada.»

«Massagens especiais»

«Ora estão agora os senhores no gabinete do inspector Mortágua» — disseram-nos elementos do Exército.

«Servia para interrogatórios...?»

«Não sabemos. Mas há aqui

Num fogão de sala, elementos da PIDE/DGS queimaram vários documentos importantes antes da rendição. Na fotografia, as cinzas do passado

...na coisa bastante curiosa...»
«O quê?»
Abrem uma gaveta e mostram-nos umas luvas brancas, uma bata também branca e uma etiqueta de pano com as seguintes letras bordadas a verde: «SR. INSPECTOR MORAGUA».
A bata servia para evitar «determinados contactos indiscretos com os detidos políticos» as luvas «para massagens especiais».
«Mas as luvas estão imaculadas...»
«Bem, uma organização destas, como é óbvio, tem sempre madeiras...»

Pornografia

Quando acendemos um cigarro já nos encontravamos noutro gabinete. «Este é o gabinete da corrupção...» — foi dizendo o nosso cicerone.
Tratava-se de um gabinete que albergava «collants», «soutiens», calcinhas de várias cores, cosméticos, perfumes, etc. Ao fundo, uma cadeira com o seguinte dístico: «MAKE WAR WITH LOVE.»
Segundo o nosso cicerone, semelhante gabinete destinava-se «à distracção dos agentes».
Aliás, um pouco por toda a parte, abundavam as mais variadas revistas pornográficas. E nas paredes calendários exibiam corpos esbeltos e nus...

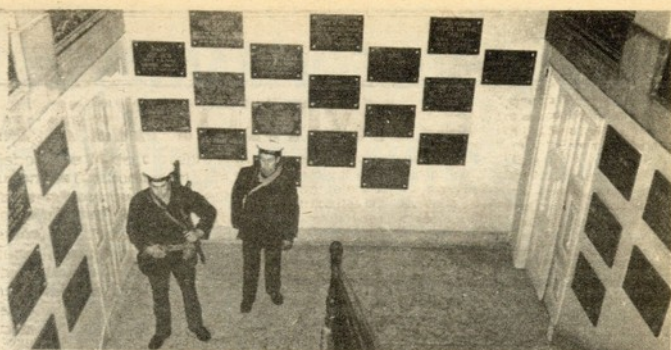
Até às celas

Por vinte e quatro degraus, divididos em seis lances, descemos até às celas. Até às celas e até aos quartos dos agentes de serviço. As celas, para os presos vencidos após os interrogatórios, são de paredes espessas, comas baixas, de maus colchões e cobertores de feltro. Os quartos são aceitáveis.
E o aspirante:
«Gente que trabalhava toda a noite tinha de dormir...»
«Irónico, sempre irónico!»
«Ora! Estou sem dormir há mais de vinte e quatro horas... Tenho passado pelas brasas, é o que é!»
Os repórteres desejam descer mais e perguntam:
«E os subterrâneos? Não podemos descer aos subterrâneos?»
«Não. Os suberrâneos estão selados. Temos de os **estudar**. Pode haver qualquer perigo desconhecido... Ou até qualquer surpresa macabra...»

O cidadão em fichas

Depois de termos passado pelo gabinete de Silva Pais, agora ocupado pelas forças do Movimento, fomos conduzidos até ao armamento encontrado em vários recintos da PIDE/DGS.
«Setecentos quilos de armas. E das mais aperfeiçoadas, das mais modernas, das mais precisas... Se a esses setecentos quilos lhe juntarmos o peso das munições, teremos, seguramente, uma tonelada de armamento.»
Abreviando, abreviando, estamos agora nos arquivos.
«Muito cidadão português está aqui feto em fichas. Desde a primeira actividade política até à morte.»
Estantes repletas de documentação. Exaustiva. Ali estava um grosso arquivo de Imprensa, um outro ainda mais volumoso sobre o «Movimento Estudantil», etc. O nome por ordem alfabética de todos os visitantes de presos políticos ao longo de meses e anos; os mais diversos esquemas oposicionistas; recortes sublinhados de muitos e desencontrados peiódicos; etc. Enfim...

O relógio das tarefas

Apenas numa das paredes contavam-se mais de 70 «**dossiers**» de arquivo. Sobre as secretárias, encontravam-se espalhadas muitas fichas, fotografias, descrição minuciosa do dia-a-dia de alguns cidadãos.
Pormenor curioso na sala de um elemento superior da PIDE/DGS. Numa das paredes está um relógio. À frente de cada hora — um trabalho específico. Ora vejamos as suas tarefas diárias: 12 horas — **almoço**; 13 horas — **ginja**; 14 horas — **entrada**; 15 — **meditação**; 16 — **mula**; 17 — **correio**; 18 — **pausa**; 19 — **crítica**; 20 — **reunião**; 21 — **incógnita**; 22 — **bar**; e 23 horas — **WC** (casa de banho).
...Por aqui nos ficamosAté porque já nos sentimos verdadeiramente magoados com pormenores de casos passados na PIDE/DGS que nos foram sendo contados de sala para sala. Cá fora, na rua, há cravos vermelhos nos canos das espingardas... Respira-se melhor.

Placas de mármore negro ao longo da escadaria onde figuravam os nomes dos «heróis». Os verdadeiros não figuravam ali

Uma das salas dos arquivos da PIDE/DGS. Na fotografia pode ver-se várias máquinas de escrever, onde zelosos funcionários asseguravam informações exaustivas sobre movimentos e cidadãos portugueses

REACÇÕES NO ESTRANGEIRO AO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

China congratula-se

HONG KONG, 28 —(FP)— Embora indirectamente a China congratulou-se no sábado com o Golpe de Estado das Forças Armadas Portuguesas que derrubou o Governo de Caetano Tomas.
Na sua primeira reacção ao acontecimento, a Agência Nova China, captada em Hong Kong, lembrou que «a pandilha que estava no Poder em Portugal reprimiu durante anos e anos os Movimentos de Libertação Nacional de Angola, Moçambique e Guiné».
«Esta criminosa política não enfraqueceu os Movimentos de Libertação Nacional, antes pelo contrário, isolou Portugal a nível internacional e teve sérias consequências internas a nível económico e social, provocando um profundo descontentamento na população portuguesa» — acrescenta a «Nova China».
«Foi contra tudo isto que surgiu este Golpe de Estado» — concluiu aquela agência de Pequim.

Ghana

ACRA, 28 (R.) — O jornal «Daily Graphica, órgão governamental ghanês dizia que a crise que o Golpe Militar fez precipitar em Portugal é apenas o início de uma nova fase de continuado colonianismo português. O jornal acrescenta: «Partindo de várias considerações, parece suficientemente claro que a nova política é somente uma modificação de tácticas para o mesmo fim — a «missão civilizadora» dos portugueses em Africa».

Congo-Brazaville

BRAZAVILLE, 28 (R.) — O Congo continuará a apoiar Movimentos Nacionalistas Africanos nos territórios portugueses enquanto o Novo Regime de Lisboa não aceitar a independência total e incondicional das suas colónias africanas — anunciava ontem um comunicado do Governo.
O comunicado acrescentava que os acontecimentos em Portugal foram resultantes da impopularidade da oligarquia governativa e de um reconhecimento geral das vitórias obtidas pelos Movimentos de Libertação na Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.
O Governo disse ter tomado nota das declarações do novo leader português, General António de Spínola, concernentes a uma solução política para a questão africana, bem como às intenções do regime em restaurar a liberdade em Portugal.
O Congo considerou sempre os regimes portugueses do ditador Salazar e de Marcelo Caetano como os nostálgicos herdeiros do nazismo alemão e hitleriano e do fascismo italiano de Mussolini, concluía o comunicado.

Tanzânia

DAR ES SALAM, 28 (E.P.) — O jornal governamental tazaniano «Daily News» publica um editorial em que indica que o primeiro voto da Tanzânia é que o General Spínola negocie a independência dos territórios portugueses de Africa. Se o General Spínola está disposto a responder aos votos dos povos colonizados, a Africa acolherá a sua chegada ao Poder com alegria, acrescenta o jornal.

Tunis

TUNIS, 28 (E.P.) — Dois jornais de Tunis comentaram ontem o Golpe de Estado ocorrido em Portugal, insistindo na importância da mudança relativamente aos territórios africanos sob domínio português.
Sob o título de «O que a Africa aguarda de Spínola», o jornal «L'Action», órgão do Partido Unico Tunisino, indica que tudo leva a crer que o General Spínola não é hostil ao diálogo com os representantes autênticos dos povos africanos combatentes».
Pelo seu lado, o jornal «Assabah» salienta que este Golpe de Estado «acaba de dar a prova viva da falência da mentalidade colonista do antigo regime português».

União Indiana

Nova Deli, 28 (F.P.) — Toda a Imprensa consagra os seus editoriais ao Golpe de Estado Militar Português, sob títulos tais como «Final do ultimo império colonial» ou «Portugal Libertado».
Os jornais formulam a esperança de que Portugal abandonará a sua pretenção de considerar Goa como «província portuguesa». Alguns jornais desejam que «o vento da liberdade que soprou sobre Portugal atinja dentro em breve a Espanha vizinha».

Namíbia

BONA, 28 (R.) — Sean Macbride, Comissário das Nações Unidas para a Namíbia (Sudoeste Africano), disse em Bona que as consequências em Africa do Golpe Militar em Portugal forçarão a Africa do Sul a retirar do território de Namíbia.
Macbride, acrescentou que o Golpe Militar Português e a consequente perspectiva de independência para Moçambique e Angola como estados negros forçarão com certeza a Africa do Sul a abandonar o território de Namíbia.

REACÇÃO DOS EMIGRANTES EM FRANÇA À NOVA SITUAÇÃO POLÍTICA DO PAÍS

PARIS, 27. — Passados os primeiros momentos de surpresa, da mais total estupefacção, de inquietação também devido a fragmentariedade das notícias, os meios da emigração portuguesa em Paris reagem à notícia do levantamento militar português. Para muitos, só hoje é que esses acontecimentos começam a ter uma realidade tangível e, pela primeira vez desde há dois dias em certos pontos da capital francesa, onde se encontram operários portugueses, se via em torno dos quiosques de jornais numerosos grupos comentando as notícias. Não é impunemente que se vive 40 anos sob um regime de opressão e silêncio: se desde a manhã de quinta-feira raríssimos eram os portugueses de França que ainda não estavam ao corrente dos acontecimentos, a grande maioria preferia calar-se e não comentar a notícia, ou por lhe parecer impossível que fosse realmente o fim do salazarismo, ou por receio ou desconfiança em relação a um movimento que compreendia mal. Todas as estações de rádio francesas tinham dado hora a hora notícias sobre Portugal, ao mesmo tempo que transmitiam entrevistas com os líderes e principais personalidades da oposição portuguesa em Paris, tendo mesmo as eleições francesas, que no entanto atravessavam um dia fundamental, sido eclipsadas no plano da informação. Mas ao fim do dia era ainda dificílimo obter reacções, excepto nos meios politizados.

Sexta ao meio-dia e à tarde, perto das fábricas Renault e Citroën, grupos de operários portugueses comentavam já os acontecimentos, em torno dos jornais. Mas evitavam fazê-lo em voz alta, dispersando-se mesmo rapidamente com a aproximação de estranhos. A desconfiança, o receio — sentimentos bem compreensíveis — continuavam a pesar sobre homens que não conseguiam acreditar — como muitos outros, dos mais diversos meios sociais — que o regime salazarista tinha caído. Provavelmente, foi a transmissão, às 20 horas, na televisão francesa de uma primeira reportagem sobre Portugal, com as imagens da alegria da multidão rodeando os soldados, que tornou plausível, para grande parte dos emigrados, a realidade dos acontecimentos.

Em certos cafés de St. Denis e da Republique, grupos de operários portugueses tinham já ontem à noite começado a comemorar os acontecimentos. Num pequeno café da periferia norte da capital, uma sala repleta de portugueses via em silêncio a reportagem da televisão francesa: numa das mesas, sem uma palavra, um homem de uns cinquenta anos chorava. No fim da reportagem o silêncio manteve-se. Alguém baixou o som da televisão. Ao balcão, vários clientes franceses, operários sem dúvida, abstinham-se igualmente de falar. Durante uns bons cinco minutos, apenas o ruído da maquina de café e o tilintar dos copos arrumados pelo proprietário. Depois um dos franceses aproximou-se de um dos portugueses, um rapaz de uns 19 ou 20 anos, bate-lhe nas costas e disse: «Então, António, vais voltar a Portugal?» O moço não respondeu e aproximou-se do balcão, com outros compatriotas, «vamos beber um copo», convidou outro francês. «sou eu que pago», respondeu um dos portugueses. Da sala uma voz embargada pela emoção: «Nunca pensei que havia de vêr o regime pelo chão». Era o homem que tinha chorado durante a transmissão da reportagem.

A sala esvaziou-se pouco a pouco. Ao balcão o grupo dos portugueses engrossou, os franceses faziam perguntas: «Quem é esse Spínola... Vão voltar». Respostas hesitantes. «Voltar, não sei... o serviço militar...», disse um. O que se vai passar? A incerteza. Mas só pode ser melhor. Uma única certeza, patente numa espécie de regozijo contido e grave: é o fim do regime. Alguém pede champagne, uma, duas garrafas. A terceira é oferecida pelos franceses.

Do outro lado de Paris, numa sala de reuniões do boulevard St. Michel, às dez e meia da noite, 200 portugueses de meios universitários, artísticos, certos sectores políticos reunem-se para comentar a situação. Discussões acesas, profundos desacordos quanto à interpretação dos acontecimentos. Diversas moções são apresentadas, levantando cada uma nova discussão, por vezes violentas. Fala-se de organizar uma manifestação, ou um grande «meeting» que tente reunir todas as correntes políticas e sociais da emigração portuguesa. Acordo, nas diversas intervenções, quanto à afirmação do princípio da independência do Ultramar, da amnistia total dos prisioneiros e emigrados políticos, dos desertores e refractários. Interrogações sobre a possibilidade de voltar a Portugal num futuro imediato e sobre a participação dos emigrantes num eventual escrutínio nacional. Mas as divergências acentuam-se, à medida que as horas passam e finalmente é na maior confusão que é aprovada uma última moção, por uma pequena maioria e tendo-se abstido uma parte da sala. Os termos da moção, como as «exigências» são criticados por muitos, que os consideram «ridículos». Por outro lado, além da formulação «maximalista» a moção aparece a muitos outros como ficando mesmo muito atrás das primeiras propostas da Junta de Salvação Nacional, que já tinha declarado instaurar as liberdades de expressão, reunião e associação reclamadas. Os únicos pontos de acordo são os que tocam a «amnistia total e imediata de todos os prisioneiros, perseguidos e exilados políticos», assim com a «amnistia geral de todos os refractários e desertores».

Por outro lado, sucedem-se as tomadas de posição dos meios políticos mais estruturados e de grupos de personalidades portuguesas de Paris. O economista Ramos da Costa afirma a sua confiança nas declarações de intenções do Movimento das Forças Armadas e a sua intenção de regressar rapidamente a Portugal. Um grupo de universitários portugueses, entre os quais figuram Barradas de Carvalho, Celestino de Castro, Silas Cerqueira, Magalhaes Vilhena, Virgílio Fernandes publica uma declaração em que afirma que «a queda do Governo ditatorial pode abrir a via da paz e da liberdade, se a oposição democrática unida e o povo português conseguirem desde já fazer ouvir e aceitar as suas reivindicações fundamentais. A primeira é, antes de qualquer questão política, a libertação imediata de todos os presos e detidos políticos e militares sem excepção». A declaração pronuncia-se igualmente a favor da abertura de negociações com movimentos nacionalistas africanos.

Na tarde de sábado, diversos movimentos e grupos reunem-se para tomar posição, posições que devem começar a ser conhecidas a partir de domingo, ou fim da noite.

Do lado «oficial» ou para-oficial, a reserva é mais total. Durante dois dias procurei em vão contactar por telefone a embaixada de Portugal, que segundo o telefonista ou outro funcionário, nitidamente nervoso, que respondia, estaria «fechada para almoço», «fechada para lanche», ou para fim-de--semana»... Mas a uma colega francesa que conseguiu contactar o adido de Imprensa foi-lhe respondido que «a embaixada não tem declarações a fazer, dado que não representa o governo, mas sim o Estado português». Outros organismos, como a Casa de Portugal, são igualmente difíceis de contactar, não se conseguindo obter nenhum dos seus dirigentes mas, apenas empregados que se dizem muito subalternos, sem quaisquer responsabilidades e não saberem de nada, nem como se pode falar com os seus superiores. Aparentemente, a posição tomada é idêntica à da Embaixada de Portugal, a saber, a reivindicação da independência em relação ao anterior regime e uma relação puramente institucional com o Estado. É provável que seja mesmo iminente a revelação de um certo número de passados «oposicionistas» até agora insuspeitáveis...

Mas voltando à grande maioria dos portugueses de França, que até agora não se manifestou de modo formal — até por falta de meios e estruturas que lho permitam, pode-se apesar de tudo resumir alguns dos seus sentimentos dominantes: satisfação, cada vez mais patente e afirmada, com a queda do salazarismo, um preconceito favorável ao Movimento das Forças Armadas, mas algumas interrogações e inquietações, entre as quais as que dizem respeito à situação dos desertores e refractários. Manifesta-se também uma grande tendência de regresso a Portugal, sobre tudo naqueles que até agora estavam impossibilitados de o fazer por motivos políticos ou militares.

J. GABRIEL VIEGAS

A NATO E A QUEDA DO GOVERNO PORTUGUÊS

BRUXELAS, 28 — O golpe de Estado militar de 25 de Abril em Portugal, constitui um acontecimento muito importante para a NATO, afirmam os especialistas de questões europeias em Bruxelas No quartel-general da NATO, abstêm-se, evidentemente, de qualquer tomada de posição oficial, mas, nas conversas particulares todos se felicitam com a queda do regime do ex-presidente Salazar

Não é preciso demonstrar a importância de Portugal para esta defesa graças às bases aéreas e navais neste País, e nos Açores que fazem parte do sistema defensivo da N.A.T.O. nomeadamente quanto ao abastecimento da Europa, a partir dos Estados Unidos, em caso de emergência. Os Açores ocupam, nesta perspectiva, uma posição-chave.

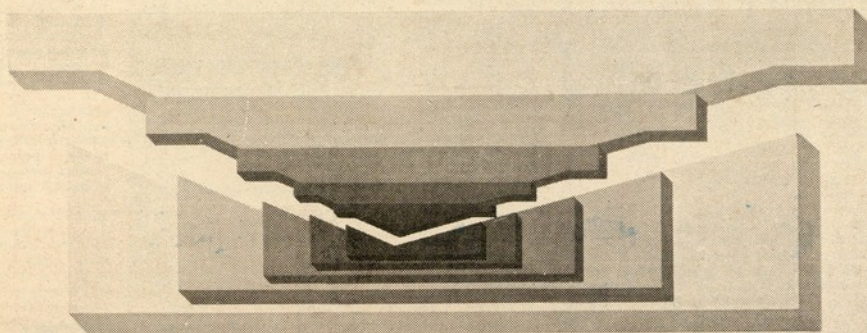
Esta posição explica aliás, salienta-se, que Portugal se tenha tornado membro da Aliança Atlântica, apesar das reticências que o regime de Salazar inspirava aos outros países da N.A.T.O. no plano político. Uma transformação política de Portugal após o golpe de Estado deveria melhorar a imagem de membro da N.A.T.O., pensa-se. E assim, a Holanda, a Noruega, a Dinamarca e o Canadá, que muitas vezes criticavam o regime português porque não estava em conformidade com os critérios democráticos da Aliança Atlântica, deveriam adoptar agora uma posição mais favorável relativamente a Lisboa.

Esta evolução poderia, por outro lado, melhorar as possibilidades de Portugal se tornar um dia membro do Mercado Comum.

Actualmente Lisboa está ligada à C.E.E. apenas por um acordo de livre troca concluído em Julho de 1972. A instauração de um regime democrático em Portugal permitiria a Lisboa apresentar um dia a sua candidatura a uma adesão.

A admissão de Portugal no Mercado Comum não poderia todavia ser imediata, pensa-se nos meios europeus de Bruxelas, o nível de industrialização de Portugal é manifestamente ainda demasiado baixo para que o País possa enfrentar a livre concorrência dentro do Mercado Comum.

Mas seria possível, a exemplo da Turquia e da Grécia, o estabelecimento de acordos de associação com a C.E.E., reservando-lhe o direito de pedir a adesão quando o seu desenvolvimento económico estiver suficientemente avançado. (FP)

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Ferreira Morgado do BOAVISTA-LEIRIA

A ESPANHA ATENTA AOS ACONTECIMENTOS EM PORTUGAL

MADRIDA, 28 — (E.P.) — Quarenta e oito horas após o golpe de Estado militar que pôs termo a meio século de ditadura civil, a Espanha continua a seguir com atenção a evolução dos acontecimentos no «País Irmão». Apesar da estabilidade da situação reinante em Portugal a verdade é que não foi ainda tomada nenhuma posição oficial.

Oficialmente, a política espanhola em relação ao novo regime português será a da «Doutrina Estrada» (do nome do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Mexicano): não julgar as mudanças políticas ocorridas num determinado país e manter relações com o Novo Governo sem fazer qualquer declaração formal de reconhecimento. O ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol considera além disso que ainda é prematuro comentar a situação em Portugal tanto mais que se trata de um «País Amigo».

No Conselho de Ministros de sexta-feira o ministro dos Negócios Estrangeiros, Cortina y Mauri, fez uma comunicação acerca dos acontecimentos em Portugal, mas mais nada se sabe.

O comunicado do Ministério da Informação põe ao mesmo nível os três pontos abordados pelo ministro Cortina y Mauri: Portugal, a situação Pré-Eleitoral em França e as Relações Hispano-líbias.

DECLARAÇÃO DA EMBAIXADA EM LISBOA

Contactado pelo «DL», o ministro conselheiro da embaixada de Espanha afirmou que o seu país reconhecerá automaticamente o Governo português, logo que este se forme. Efectivamente, a Espanha segue a doutrina «Estrada» (nome do político mexicano que a criou), segundo a qual o reconhecimento de um novo Governo é feito, nestes casos, de imediato, sem quaisquer formalidades.

O representante espanhol garantiu ainda ao nosso jornal que nenhum indivíduo solicitou asilo político à embaixada, como se chegou a supor. Julga — se, de resto, que ninguém se encontra refugiado em qualquer embaixada de Lisboa.

REGRESSO A LISBOA DO EMBAIXADOR NA SANTA SÉ

CIDADE DO VATICANO, 28 — (R) — O embaixador português junto da Santa Sé, Eduardo Brazão, partiu de Roma para Paris, segundo anunciaram círculos diplomáticos na Cidade do Vaticano.

Todavia os mesmos círculos informaram que a sua partida nada tem a ver com o Golpe Militar de Lisboa, e que a viagem estava programada anteriormente.

As relações entre o Vaticano e o antigo Governo português de Marcello Caetano pioraram recentemente depois da expulsão de um bispo e vários missionários do território de Moçambique, na Africa Oriental portuguesa.

OS PORTUGUESES DO URUGUAI SAUDAM O GENERAL SPÍNOLA

MONTEVIDEU, 28 — (F.P.) — Residentes portugueses no Uruguai enviaram ao General Spínola um telegrama de saudação às Forças Armadas que derrubaram o «regime obscurantista e de terror».

A mensagem, firmada por Aurélio Martins em nome dum sector da colectividade portuguesa, declara: «Democratas portugueses residentes na República Oriental do Uruguai saúdam vitória Forças Armadas Portuguesas contra regime obscurantista e de terror como condição fundamental para reconstruir um Portugal livre e democrático».

OCUPADA NO PORTO A ACÇÃO NACIONAL POPULAR

PORTO, 28 — A delegação da Acção Nacional Popular foi ocupada por dezenas e dezenas de trabalhadores. Elementos do Movimento das Forças Armadas aceitaram a ocupação. Não se verificaram quaisquer estragos no interior do edifício. Os trabalhadores afirmaram pertencer ao Movimento Democrático.

Detido na fronteira o detentor de 72.000 francos franceses

No final da reunião de ontem com os directores dos jornais, da Rádio e da TV, o coronel Galvão de Mello revelou que nessa mesma manhã, na fronteira de Vilar Formoso, as Forças Armadas haviam detido um indivíduo portador de 72.000 francos franceses (360.000$00) que ia passar ilegalmente. — De acordo com a afirmação já feita — disse o coronel Galvão de Mello — a Junta agradece à Imprensa que denuncie todos estes casos não escondendo, também, os nomes dos seus autores. Neste caso, quanto ao indivíduo que está preso, trata-se de Jeremias Lopes de Carvalho.

Uma das telefotos que ontem foram publicadas em jornais de todo o Mundo. A legenda que a acompanhava dizia assim: «Os primeiros fascistas já foram desterrados, outros foram presos e os heróis do povo foram libertados de Caxias e Peniche. A missão dos soldados suscita o regozijo do povo por todo esse país fora. De armas ao alto, os soldados percorrem as ruas felizes».

«OUTROS LAÇOS NOS UNEM» —AFIRMOU O REPRESENTANTE DA RODÉSIA EM PORTUGAL

Bulawayo, (Rodésia), 28 (R) — O representante diplomático, da Rodésia em Portugal, coronel W.M. Knox, disse que existe uma vasta perspectiva para aumento de comércio entre os dois países «Uma vez que temos tantos outros laços que nos unem».

O coronel Knox desmentiu que a sua missão fosse o «ponto fulcral» das operações de transgressão às sanções contra a Rodésia.

Frisou pretender desmentir aquilo que se tornou uma errada concepção popular - que a missão era o centro dos esforços para transgredir as sanções económicas impostas pelas Nações Unidas depois da Rodésia ter declarado unilateralmente a independência da Inglaterra em 1965.

De resto nem sequer sei como essas coisas foram feitas, penso apenas que essas missões específicas foram levadas a cabo por homens de grande coragem e determinação a trabalharem pelos seus próprios meios, com frequência nas circunstâncias mais difíceis, e que é a eles que se deve prestar todo o crédito pelo êxito que se manifesta evidentemente em todo o país.

Inaugurando uma Feira Comercial em Bulawayo, o coronel Knox acrescentou: Não devemos esquecer também aqueles países corajosos que, apesar do poderio das Nações Unidas, mantiveram os seus princípios recusando-se a curvarem a cerviz e mantiveram os seus portos abertos, não só para a Rodésia como também para todos os países sem saída para o mar e que por vontade da sua soberania consentiram que esses países interiores se servissem dos portos.

ELEIÇÕES FRANCESAS

GISCARD ADIANTA-SE A CHABAN

PARIS, 28 (R) — O ministro das Finanças Valery Giscard d'Estaing distanciou-se ainda mais do principal candidato gaullista, Jacques Chaban-Delmas, dado que a última sondagem à opinião pública lhe conferiu uma vantagem de 13 por cento em relação ao seu rival das direitas.

A sondagem, publicada na revista semanal Le Point, mostra que o candidato da Frente Unida das Esquerdas, François Mitterrand, obterá 42 por cento da primeira volta do escrutínio em 5 de Maio, Giscard d'Estaing, 31 por cento e Chaban-Delmas, 18 por cento.

O vespertino France-Soir diz que a distância de 13 pontos entre os dois pricipais candidatos da maioria governamental representam para «o Maire» de Bordéus, Chaban-Delmas, uma desvantagem que muitos consideram inultrapassável.

O outro principal acontecimento da campanha eleitoral francesa de ontem foi a declaração do candidato das direitas Jean Royer — que obteve três por cento na mesma sondagem — de que manterá a sua candidatura à presidência.

Entretanto, o secretário-geral do P. C., Georges Marchais declarou ao «France-Soir» que — a questão de quem ficará com os principais ministérios ainda não foi debatida com os nossos aliados, nem sequer no seio do Partido Comunista.

Marchais reiterou também o apelo comunista para uma retirada da França da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO).

CARTA AO «FOREIGN OFFICE»

LONDRES, 28 (R) — A embaixada Portuguesa em Londres enviou ontem uma carta ao ministério dos estrangeiros inglês informando-o do estabelecimento da Junta de Salvação Nacional instituída para governar Portugal — anunciaram em Londres entidades inglesas.

Essas entidades explicaram que a carta ainda não foi publicamente declarada pelo «Foreign Office» e que a sua aceitação não constitui nem implica o reconhecimento do novo regime português.

Acrescentava que a questão da Inglaterra reconhecer o novo governo português tem ainda que ser considerada pelo ministério dos negócios estrangeiros.

O BRASIL RECONHECEU O NOVO REGIME PORTUGUÊS

Brasília, 28 (F.P.) Governo do Brasil acusou normalmente a recepção de uma nota ocicial da embaixada portuguesa, informando-o da formação de uma Junta de Salvação Nacional, presidida pelo General Spínola.

A resposta não menciona ainda o reconhecimento oficial mas equivale, segundo alguns especialistas, a um reconhecimento «de facto» do novo regime.

U.R.S.S. CEM MORTOS NUM DESASTRE AEREO

MOSCOVO, 28 (R) — Um avião comercial soviético despenhou-se ontem à noite quando ia levantar voo do Aeroporto de Leningrado com rumo a Krasnador, a Sul da U.R.S.S.. O avião levava cerca de 100 pessoas a bordo. De acordo com pessoas chegadas a Moscovo, os passageiros teriam morrido todos. Testemunhas do acidente disseram que viram o aparelho, um Ilyushin-18, a ser destruído pelas chamas no fim da pista de 3.200 metros.

O desastre teria ocorrido cerca das 18 horas (15 TMG), e durante uma hora nenhuns outros aparelhos levantaram voo do aeroporto.

ESCLARECIMENTO DA JUNTA MILITAR

Segundo um comunicado da Junta de Salvação Nacional radiodifundido durante a noite, e em relação a algumas notícias publicadas em jornais, esclarece a Junta que o sr. Coelho Dias, ex-inspector superior da extinta Direcção-Geral de Segurança, foi chamado simplesmente a colaborar no arrolamento dos bens da extinta Direcção.

João Abel Manta

«Diário de Lisboa» 28 de Abril de 1974

primavera?

ANTOLOGIAS

Termino hoje a minha série de notas sobre poetas dos anos 60 em Inglaterra, bem como de alguns já intimamente ligados aquilo a que podemos ir entendendo pelos anos 70 Antes de passar a referir o vasto conjunto de poetas da década anterior, gostaria de remeter para algumas antologias extremamente úteis aqueles a quem estes assuntos possam ter interessado

O nosso meio cultural ainda continua altamente colonizado pela França, pelos periódicos e pelos livros que de Paris saem, quer porque a língua francesa ainda não perdeu o peso da língua quase segunda no nosso sistema de ensino, quer porque nenhum movimento livreiro intenso se estabelece com outros países, para lá de limitadas e limitantes edições Isto leva a que nos mantenhamos crentes numa modernidade cultural que só aparentemente é francesa, da pintura, ao cinema, à literuatura ou, mais subtilmente, que só atentemos no «estrangeiro» que os franceses propõem, ao traduzi-lo e divulgá-lo

No caso da poesia, em que a tradução é mais rara, e, sobretudo, no caso da mais recente poesia, em que a máquina comercial ainda só levemente repara, o público português interessado vê-se boicotado por um deficiente conhecimento de outras línguas ou, quando tal não acontece, por uma venda muito restrita dos livros nessas línguas. Se pensar no caso inglês, por ser aqueie que tenho vindo a referir e por o inglês ainda ir sendo uma língua e uma zona de relação comercial apesar de tudo privilegiada, para além das edições que a Penguin decide fazer, pouco nos chega com a abaundância que ultrapasse os eleitos de uma só livraria e, mesmo desses, só o que chegar primeiro. Daqui que Dylan Thomas seja conhecido, para lá de meia dúzia, só depois da tradução para francês; daqui que as pessoas conheçam a obra de Éluard e não a de Hugh MacDiarmid; que se tenham deixado seduzir por Pierre Emmanuel e ainda hoje desconheçam Philip Larkin. Não quero com isto propor uma substituição das zonas colonizadoras, mas apenas chamar a atenção para outra dimensão da Europa de que nos estamos continuamente a esquecer, para lá de meia dúzia com a atenção desperta. Dois dos maiores poetas do séc. XX português, Fernando Pessoa e Jorge de Sena, são-no em parte também por não terem abdicado duma atenção ao modo de funcionamento doutras zonas culturais (e não apenas à dominante que pela França passa). E só se deixa de ser província quando se consegue dialogar em identidade com todo o espaço da civilização..

É neste contexto que a antologia pode funcionar como um auxiliar importantíssimo de modo que os primeiros passos no novo mapa cultural para que a atenção se propõe voltar sejam dados com uma relativa segurança. No que diz respeito ao caso inglês, há três que podem resultar óptimos guias da situação mais recente da poesia desse país. Vejamos quais os seus critérios, para sabermos o que delas poderemos esperar.

A primeira, publicada em 1971 pela Chatto and Windus de Londres, com uma edição posterior em «paperback» bastante mais barata, chama-se «The Young British Poets» — «Os jovens poetas britânicos». Trata-se de uma amostragem de poesia de vinte e três dos mais novos poetas de Inglaterra, nenhum deles nascido antes de 1935, seleccionada por Jeremy Robson, ele próprio representado como poeta na antologia.

Perspectiva ela os anos 60 um tanto contra a poesia «pop» durante esses anos praticada, melhor, propõe conta a moda da poesia «pop» uma outra corrente da poesia durante esses anos 60, a meu ver, efectivamente aquela que com mais força iniciaria as coordenadas que os anos 70 estão a mais querer acentuar. Este ponto de vista que exclui referências à cena «pop» (se exceptuarmos Brian Patten) e aos concretismos, diz-nos já o critério que preside à elaboração da antologia. O que se exclui: «quase todo o verso escrito acerca da Bomba, do Vietname, etc., na segurança de Hampstead, Liverpool ou outro lugar, morre com os cabeçalhos de jornal que ecoa». O quese inclui: «é interessante

notar que estes poetas (os que figuram na antologia) não foram submergidos por influências americanas como muitos dos seus contemporâneos foram, e que, sem serem insulares, continuaram a escrever dentro da tradição inglesa». (Do curto prefácio de J. Robson). Muitos dos poetas que referi, embora não todos, como facilmente se depreenderá pela exclusão que Robson propõe, surgem nesta antologia (refiro em especial a figura de Ian Hamilton, que não aparecerá em nenhuma das outras).

Precisamente no polo oposto desta, surgira em 1969 na Penguin Books uma antologia da poesia do «Underground» em Inglaterra, chamada «Children of Albion» e organizada por Michael Horovitz, igualmente poeta nela antologizado.

Allem Ginsberg era, com William Blake desde o título, a figura tutelar da antologia (um dos sintomas da tal contaminação americana que Robson referia) e nela ocupam lugar de relevo as figuras do movimento «pop» (com a excepção, por motivo de já bastante publicitado, dos poetas de Liverpool, Brian Patten, Roger McGough e Adrian Henri), dos precursores e continuadores da poesia de protesto, dos poetas influenciados pelo «jazz», dos praticantes do concretismo poético. O teor predominante anti-«establishment» da antologia é facilmente verificável pelo posfácio que Horovitz para ela escreveu, peça de guerra onde fica esclarecido o ponto de vista radical que presidiu à organização da antologia, que se quis amostradora de uma geração que reassumira um tom profético e romântico, que quebrara a insularidade da poesia inglesa, que tornara o gosto da poesia um gosto público, que se definia para lá do livro em recitais e em acontecimentos poéticos colectivos. Digamos que esta antologia é a que melhor representa a retórica revolucionária da década de 60, sem se limitar a uma selecção dos poetas entre os mais novos na idade, mas entre os que praticavam esta mais nova (então) forma de fazer poesia.

De um ponto de vista informativo, não será ela das mais úteis uma vez que nada sobre os poetas e as suas obras nos é dito, para lá de um ou mais poemas que de cada um deles se tenha escolhido para a edição. Esta tarefa, embora muitos dos poetas de «Children of Albion» não sejam retomados, é melhor cumprida pela terceira e última das antologias propostas. Também editada na Penguin Books, em 1970, por Edward Lucie-Smith, chama-se «Poesia inglesa desde 1945». É, sem dúvida, a que melhor nos enquadra e esclarece os poetas e a sua produção no pós-guerra inglês, com uma rápida presença de alguns precursores da situação actual na primeira metade do séc. XX, e uma breve secção final com algumas opiniões críticas de nomes representativos. Os critérios de Lucie-Smith estão muito menos orientados por um ponto de vista dominante, situa-se num zona de reconhecimento da necessária pluralidade das vozes poéticas: «Talvez o mais radical contributo da revolução modernista, considerada como um todo, seja a substituição da ideia de um tom ou estilo dominante, ao qual o indivíduo responde o melhor que pode, pela de uma multiplicidade de estilos, que oferece ao indivíduo a liberdade de fazer as suas próprias decisões. Neste livro tentei registar as espécies de escolhas que os poetas fizeram».

Embora lhe escapem alguns dos nomes mais novos da poesia inglesa, esta antologia é a que mais facilmente dará ou esclarecerá pistas na aproximação que comecemos a fazer da situação actual da poesia na Inglaterra. O seu âmbito é mais vasto que o de qualquer das outras duas (não se fixa num tom considerado prevalente numa década, nem escolhe como limite inicial uma data de nascimento): por isso, a tudo o que de mais importante aconteceu na e para a poesia inglesa a partir do final da última guerra ela dá voz ou indicações bibliográficas de óptima ajuda.

NOTA — Os dois poemas que escolhi para acompanhar a nota de hoje são de dois poetas sugidos nos anos 60 que não havia referido (por opção crítica) em notas anteriores, embora me pareça pertinente o conhecimento da sua produção, reveladora da influência da poesia americana entre alguns dos poetas ingleses.

UM POEMA DE LEE HARWOOD

«Tens razão, mesmo que não queiras.»

... Com todos os rifles trazidos em segurança
mesmo o frouxo brilho do metal polido

Butios, francelhos e falcões
em altos círculos sobre o vale

o pó da estrada deslubrante
com os portões brancos fechados compreende
o jardim tão fechado, e demasiado verde?

UM POEMA DE TOM RAWORTH

**NOTAS DA CANÇÃO
NÃO VOU FICAR MUITO TEMPO
NESTA CIDADE**

A face no sonho é um nome no papel
a loja de bicicletas cheira («por vezes
a minha mente canta»)
os cristais de gelo sangram: estas canções
são canções de amor

os planos escrevem: dizem
deixa-me entrar por favor
as luzes apagam-se
(por vezes as minhas unhas cantam)

Eng.º Virgílio Preto (Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul)

«Como estamos a trabalhar num regime inflacionista não conseguimos assegurar os preços das matérias-primas e materiais

Continuando a apresentar a nossa série de entrevistas com os presidentes dos diversos grémios, registamos hoje as palavras do eng. Virgílio Preto, presidente do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul. Antes de assumir este cargo, o eng. Virgílio Preto teve uma acção muito vasta, quer na execução de projectos e obras quer em diversos cursos de aperfeiçoamento. Foi bolseiro do Governo francês ao abrigo da Cooperação Técnica no domínio da prefabricação e betão prefabricado durante seis meses no decorrer do ano de 1963. Cursou ainda a cadeira de Coordenação de Execução de Obras de Construção Civil no L.N.E.C. em 1965 e Redução de Custos em 1970, no CEGOC. Foi também presidente da Associação Franco-Portuguesa de Cooperação Técnica e Científica junto dos serviços comerciais da Embaixada de França em 1966/73, tendo tido participação activa em diversos colóquios superiores a nível nacional e internacional.

O eng. Virgílio Preto é presidente do Grémio pela segunda vez.

A Indústria da Construção e as Obras Públicas é, nos dias de hoje, foco principal no desenvolvimento da Economia de qualquer País, dado até a sua estrutura vital, que faz desenvolver os mais variados sectores com ela relacionados. No entanto, no que diz respeito a Portugal, parece a nossa economia ressentir-se de toda uma situação que, num futuro próximo, poderá tornar-se caótica, caso venha a eternizar-se a falta de matérias-primas que está a verificar-se em cada vez maiores proporções.

Após a tomada de posse da nova direcção do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul, na voz do seu presidente, eng. Virgílio Preto, trazemos à presença dos nossos leitores um válido depoimento, que julgamos ser do maior interesse público.

À nossa primeira pergunta, sobre qual seria a importância da construção civil na vida económica portuguesa, o eng. Virgílio Preto respondeu:

— Trata-se da indústria mais importante não só pelo seu valor **mas também, pelos diversos** sectores industriais existentes agregados à mesma. Esta, está dividida em dois subsectores, ou sejam, o das Obras Públicas e o da Construção Civil e Obras Particulares, com regimes jurídicos diferentes.

O subsector das Obras Públicas é regido pelo *regime jurídico* para as empreitadas de Obras Públicas e o subsector da Construção Civil é regido pelo *Código Civil.*

As indústrias agregadas que dependem fundamentalmente da construção são, entre outras, a dos cimentos, da cerâmica de barro vermelho, da siderurgia, das loiças sanitárias, da aparelhagem eléctrica, dos plásticos, das tintas, dos vidros e, algumas mais que não vale a pena citar.

Por outro lado, as empresas que se dedicam às Obras Públicas, garantem fundamentalmente ao País todas as suas infra-estruturas: estradas, pontes, aeródromos; ou sejam, as vias de comunicação. Regem ainda as obras hidráulicas, tais como, os portos, as barragens, etc. Visam também as urbanizações — trabalhos que englobam as terraplanagens, arruamentos, a rede de águas e esgotos, toda uma parte da construção civil necessária aos telefones e redes eléctricas, ainda **os edifícios necessários às** autarquias e administração pública.

O subsector da Construção Civil é fundamentalmente ocupado pela construção de prédios de habitação e também construções industriais, visto não serem feitos pelo Estado e serem englobados, pois, neste subsector.

O eng. Virgílio Preto falou-nos depois sobre qual era o actual volume dos negócios e o número de operários comportados na respectiva indústria, dizendo-nos:

— O volume do capital envolvido na Industria de Construção Civil, em termos gerais, deve rondar aproximadamente os 24 milhões de contos, e, no respeitante a pessoal, os números devem estar cifrados na ordem dos 221.000 assalariados. Faço notar que, o pessoal correspondente aos quadros médios e superiores é nitidamente insuficiente para as necessidades da indústria. Posso ainda dizer-lhe que, por exemplo, no estrangeiro, dá-se grande importância aos quadros médios. No nosso País, devido a esta insuficiência, a nossa indústria não tem a rentabilidade e a expansão que deveria ter.

Fala-se que a indústria portuguesa, no capítulo da construção, atravessa no presente, determinada crise relacionada com a falta de matérias-primas...

— Quererá o sr. eng. Virgílio Preto falar-nos no assunto? — perguntámos.

— No momento presente nota-se cada vez mais, uma maior falta de matérias-primas, que, a curto prazo, se pode transformar num problema verdadeiramente catastrófico para a Economia Nacional com todo um cortejo de repercussões, tais como o desemprego e o mal-estar social.

Perguntámos ainda, dentro deste capítulo, ao presidente do Grémio, a que se devia tal falta de matérias-primas.

— Em primeiro lugar houve uma expansão extraordinária da procura, foram lançados grandes programas, tendo o mesmo coincidido com uma rarefacção no mercado internacional e, as nossas indústrias não tiveram poder de resposta necessária, até por falta das matérias-primas (como atrás já citei). Refiro-me principalmente, e por exemplo, ao problema da falta do ferro e derivados do petróleo, servindo de exemplo os plásticos e os corantes.

— Qual o número total de agremiados e o que representam como poder económico?

A esta pergunta respondeu o eng. Virgílio Preto:

— O Grémio com[illegible]dando na sua parte Sul as regiões de Leiria, Covilhã, toda a região até ao Algarve e ainda os Açores, é composto por cerca de 3800 industriais, dos quais 86 são *grandes empresas,* 400 *médias empresas,* e mais de 3200 *pequenos industriais.* Por sua vez, na região **do Norte, o Grémio comporta** cerca de 5000 sócios, existindo, no entanto, um grande número de *pequenos industriais* englobados nestes números que lhe estou a fornecer. O Grémio do Sul representa mais de metade de todo o potencial da indústria nacional.

Fornecendo-nos dados bastante concretos e que explanam com toda a exactidão o actual panorama da Indústria de Construção e Obras Públicas na economia portuguesa, o eng. Virgílio Preto — a propósito da situação na indústria no último triénio — disse-nos:

— A verdade é que se deu uma subida espectacular com um avolumar constante da carteira de encomendas das empresas. Contudo, agora receia-se, naturalmente, uma recessão devido precisamente à falta de matérias-primas. — O problema, na realidade, está a tornar-se cada vez mais dramático para o País. De repente, pode subverter-se completamente o equilíbrio das empresas.

— E porquê? — perguntámos.

— Porque as empresas do sector, são fundamentalmente transformadoras — compram um sem-número de produtos, com os quais fabricam, permanentemente, diversos tipos de obras completamente diferentes, em condições diferentes também, com a agravante de em 90 por cento dos casos, com preços dados de avanço, vendermos aos donos das obras uma coisa que ainda não se encontra concluída. Como estamos a trabalhar num regime **puramente** inflacionista, não conseguimos, mesmo que o queiramos, assegurar os preços das matérias-primas e materiais a incorporar. Tornam-se pois muito fáceis, numa obra que dure um ano, os aumentos verificados em tal lapso de tempo não serem cobertos pelas margens de lucros e de administração, o que na verdade se traduz por vender ao cliente um produto que saíu mais caro, do que, pelo qual foi contratado inicialmente.

Continuando as suas afirmações, o eng.º Virgílio Preto falou em seguida, sobre a actual posição do Grémio perante a Indústria de Construção Civil e das Obras Públicas:

— É intenção da direcção a que presido, procurar de todas as formas possíveis, uma maior produtividade em toda a indústria, não só no capítulo da construção civil como também no das obras públicas.

E continuou:

— **As eleições a que se pro**cedeu recentemente tiveram como efeito principal, chamar a atenção dos industriais para a existência do Grémio. O mesmo foi devidamente demonstrado até pela votação maciça das eleições, número de votos na realidade invulgar e jamais registado em assembleias do género, pois que se registou um total de 1132 votos.

A partir deste momento, os industriais aperceberam-se na realidade de que o Grémio era o Organismo que tinha sido criado para defender a **classe** e pressionaram a direcção eleita, no caso, aquela a que presido, para que leve junto do Governo os justos anseios de todos os industriais da construção e, esperam, que o Grémio resolva a nível estatal, as dificuldades que lhes forem levantadas pela conjuntura económica.

No que pessoalmente me diz respeito, e tendo sido já, anteriormente, presidente deste mesmo Grémio, encontrei sempre, junto das entidades oficiais, o máximo apoio para tudo quanto era de justiça. Eu e os meus colegas de direcção, estamos crentes que vamos encontrar, da parte dessas mesmas autoridades, todo o apoio necessário, até porque, sendo as indústrias a ferramenta e a fonte de prosperidade das nações, nenhum Governo verdadeiramente consciente se pode dar ao luxo de deixar arruinar essas mesmas indústrias. Mais ainda, se considerarmos neste ponto, as indústrias envolvidas, todas elas fornecedoras em grande escala de produtos para as construções, melhor poderemos de facto, avaliar a importância económica da referida indústria na vida do País, não só no capítulo da Construção Civil e das Obras Públicas como na equação do binómio construção-operariado pois move um total de cerca de 800 000 assalariados, o que no capítulo do emprego se reveste de um interesse muito especial.

Sobre a verdadeira importância da Construção Civil e das Obras Públicas, a um só tempo, na vida económica nacional, o eng.º Virgílio Preto respondeu-nos:

— A Indústria da Construção Civil tem uma importância capital para o progresso nacional, pois é ela que constrói toda e qualquer infra-estrutura de todos os sectores, tendo a particularidade de nenhuma das suas realizações poder ser importada, na medida em que a Indústria de Construção for devidamente apoiada o surto económico do País será harmonicamente cumprido, permitindo minimizar a entrada de empresas e técnicos estrangeiros, tantas vezes desnecessária.

A terminar a nossa entrevista, perguntámos ainda ao eng.º Virgílio Preto, qual o plano de trabalhos em relação ao futuro, da direcção a que mais uma vez preside?

— Procurando servir os agremiados — respondeu-nos — da melhor maneira que nos fôr possível, é intenção da direcção levar a efeito a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Pugnar junto das entidades oficiais pela criação de um «Centro de Produtividade» na Construção Civil; pensamos, também, promover a «Formação Profissional», tendo como base a dignificação das várias profissões; — entendemos ser nosso dever, lutar pela criação da **Carteira Profissional** para as várias profissões dos operários da Construção Civil, nos sectores em que tal se verifique ser conveniente; — Pedir a **elevação dos valores dos alvarás e revisão da respectiva legislação;** — No que diz respeito à promoção do Aperfeiçoamento da Legislação, referimos os seguintes sectores: **Obras Públicas; Revisão dos preços e sua extensão às Obras Particulares; Criação de «cadernos de encargos tipo» para as Obras Públicas e Particulares.** É necessária, ainda, a criação de secções especializadas para **conselhos de carácter técnico e jurídico,** a todos os associados do Grémio, uma **informação permanente da actividade de gremial junto dos mesmos,** tal como uma **aproximação maior com os Grémios congéneros.** Por último, pensámos também num sector que venha a reger a **ética e disciplina na classe e sua regulamentação,** como procuraremos fazer todas as deligências necessárias para a construção da sede do grémio.

FERNANDO MONIZ

REDOBRA A EXPECTATIVA

No «Diário de Lisboa» de 14 do corrente referimo-nos ao novo esquema de funcionamento da Bolsa de Lisboa, publicando os horários e as directrizes principais do novo Decreto-Lei n.º 8/74.

Referimo-nos, então, ao facto de no fim de cada sessão se proceder à transacção de cautelas. Nessa altura deixámos a dúvida se essa transacção, integrada no actual esquema das três sessões semanais, respeitava a cautelas na generalidade, ou se era limitada às actualmente ali cotadas, casos do BNU e da Cinorte.

Infelizmente, pois julgamos pouco salutar o actual sistema de proibição de transaccionar cautelas oficialmente (excepção feita às acima citadas e devidamente cotadas), as cautelas referentes às últimas subscrições ainda não podem ser objecto de transacção oficiosa, pois que o actual regime que regula as bolsas de valores não contempla este aspecto.

Quando dizemos infelizmente, não queremos insinuar que estamos totalmente em desacordo, já que também reconhecemos que se trata não só de um travão à especulação, como, ainda, uma medida que poderá criar nas pessoas o desejo e o gosto de possuirem permanentemente acções em carteira.

Todavia, é bom não esquecer que as subscrições previstas para o corrente ano não podem prescindir totalmente da participação do público, o qual se está cada vez a afastar mais dos mercados de títulos. Importa igualmente ir considerando o preço a que as acções são colocadas à disposição do público em geral, pois verificam-se casos flagrantes de que alguns papéis foram deliberadamente manobrados e «puxados» para se conseguir um preço de subscrição altamente compensador para não dizermos especulativo. Ainda na sessão do passado dia 22, se verificou que as acções ao portador da Companhia Nacional de Navegação tinham vendedor, sem comprador e não efectuado, a 2.660$00.

E certamente todos se recordam que este papel foi colocado para a subscrição pública, há relativamente pouco tempo, a 3.500$00. Ainda em relação às cautelas, julgamos da maior conveniência marcar e fazer cumprir as datas de substituição das mesmas pelos títulos definitivos. Oportunamente, informaram-nos das dificuldadas em dispor dos títulos impressos e assinados em devido tempo.

Porém, parece-nos importante não descurar este aspecto pela imagem que pode criar junto do público.

Sobre este particular, referiremos dois casos que nos parecem dignos de registo. O primeiro refere-se ao problema da troca das cautelas pelos títulos definitivos relativos ao último aumento de capital dos seguros Alentejo. Têm existido problemas, já que muitas pessoas ainda continuam a aguardar pelos títulos definitivos ao portador, tal como na altura da subscrição solicitaram. Todavia, como existe o problema das nominativas, embora em seguros a cotação seja a mesma, a troca, há bastante tempo anunciada, ainda não se concluiu.

Outro caso que nos feriu a atenção refere-se ao aumento da Grão-Pará, cuja subscrição decorrreu há cerca de um ano e só agora vai proceder à troca das cautelas pelos títulos definitivos.

TAP

Não conseguimos ainda obter quaisquer elementos que nos permitam avaliar do montante de numerário moblizado pela subscrição da TAP; que reservava para o público um total de 127.000 acções. Todavia, pelo movimento verificado, podemos adiantar que todos os pedidos serão considerados. A partir dos «uns», naturalmente.

U.E.P. e Fornos Eléctricos

De acordo com a informação que prestámos no nosso artigo do passado dia 21, decorreu o aumento de capital dos Fornos Eléctricos e da U.E.P., sendo esta última através da emissão de 50000 obrigações, as quais fazem parte de uma emissão total de 100.000, tendo ficado as outras 50000 para subscrição oportuna.

Recordamos, entretanto, que cada obrigação, cujo valor é de 1000$00, dará direito á subscrição de uma acção do valor nominal de 100$00, num aumento de capital futuro da U.E.P.

Ainda no campo da emissão de obrigações, lembramos que a C.P. já tem autorização para nova emissão, tal como a C.P.E. e o Metropolitano de Lisboa.

Petrosul

Informámos no «Diário de Lisboa» do passado domingo, que a Petrosul ia colocar à subscrição pública um total de 113.250 acções, pelo valor nominal. Este valor é de 1000$00. Quanto à data da emissão, adiantaremos que é propósito da administração da Petrosul que a mesma ocorra ainda durante este primeiro semestre, portanto, até ao final do próximo mês de Junho.

Outras subscrições

Para além de todas aquelas a que nos temos ultimamente referido e que se propõem aumentar o capital social, também as fábricas Mendes Godinho, SARL, cujo capital social actual é de 10 000 contos, aprovou, em assembleia geral, o aumento de 10 mil para 120 mil contos, embora naturalmente não seja ainda conhecida a data possível em que esse aumento se verificará. Adiantaremos, entretanto, que o aumento será feito por incorporação de reservas, subscrição de accionistas, empregados e público em geral. A propósito de reservas, informamos que as mesmas montam a 67.900.792$31. O lucro das fábricas Mendes Godinho, que entre outras actividades tem divisões alimentar e de cerâmica, referente ao exercício de 1973, atingiu o montante de 12.510.683$70, contra 6 157 contos de 1972.

Todavia, como a emissão referente ao aumento de capital da Somotel já está negociada e pronta há dois meses, cremos que será desta feita a próxima a sair. A confirmação depende, agora, de múltiplos factores.

A última semana

Comentar neste momento o comportamento do mercado de títulos durante a semana passada, em que operou sómente duas vezes, talvez nos conduza a conclusões precipitadas. Os acontecimentos que estiveram na origem da não realização da sessão de sexta-feira, estão demasiado frescos para que se possa fazer uma interligação entre eles e o movimento das bolsas de valores. A baixa sistemática no valor das cotações durante o período que antecedeu as importantes mutações na vida nacional, poderá agora, ser considerada como tendo sido o prenúncio desses mesmos acontecimentos. Todavia, a lógica desta conclusão não tem como base qualquer elemento válido que a fundamente. Daí, ser apenas mais uma hipótese a juntar a outras.

Por isso, julgamos preferível aguardar a evolução da próxima semana para então avaliarmos dos reflexos produzidos nas bolsas de valores.

No entanto, não queremos deixar de citar o exemplo da bolsa de valores inglesa que, durante o período das últimas eleições não se ressentiu, já que as grandes oscilações verificadas ocorreram durante a greve dos mineiros. Daí, talvez, o nosso optimismo.

ÚLTIMAS COTAÇÕES

	ANTERIOR	ACTUAL
Bancos		
Agricultura	5.550$00	5.050$00
Alentejo	2.640$00	2.400$00
Angola	6.000$00	5.650$00
Borges e Irmão	8.850$00	8.050$00
Crédito Predial	5.450$00	4.940$00
Espírito Santo	10.700$00	9.700$00
F. Magalhães	6.950$00	6.350$00
Fomento Nacional	5.200$00	4.700$00
Burnay	104.500$00	—
BIP	10.000$00	9.500$00
BNU - n.	6.000$00	5.800$00
BNU - c.	8.750$00	7.950$00
P. Magalhães	9.050$00	8.200$00
Portugal - n.	7.500$00	7.400$00
Portugal - p.	8.600$00	8.500$00
B.P.A.	15.700$00	15.850$00
Totta e Açores	9.050$00	8.600$00
Seguros		
Alentejo	600$00	550$00
Aliança Mad.	1.720$00	1.560$00
Atlas	1.630$00	1.480$00
Bonança	14.600$00	14.200$00
Com e Ind.	82000$00	—
Douro	36.000$00	33.250$00
Garantia	50.000$00	50.000$00
Império	50.000$00	54.600$00
Lusitana	810$00	735$00
Metrópole	27.550$00	27.550$00
Mundial	4.140$00	3.760$00
Mutualidade	6.500$00	5.900$00
Nacional	26.150$00	26.000$00
Nauticus	545$00	494$00
Pátria	23.350$00	25.650$00
Portugal Previd.	6.650$00	6.050$00
Tranquilidade	11.350$00	10.300$00
União	85.000$00	85.000$00
Tagus	68.000$00	62.700$00
Port. de Seguros	12.850$00	11.650$00
Sagres	37.000$00	—
Soberana	6.000$00	5.550$00
Diversas		
Celulose Guadiana	6.000$00	5.900$00
C. Leiria - p.	22.600$00	20.450$00
C. Tejo - p.	81.250$00	73.350$00
F. Ramada	2.060$00	1.870$00
Port. Celulose	9.000$00	8.550$00
Siderurgia - p.	15.500$00	14.050$00
Siderurgia - n.	10.500$00	9.500$00
Socel	7.400$00	7.050$00
Cidla	4.140$00	3.760$00
C.U.F.	4.120$00	4.120$00
Intar	690$00	660$00
Nitratos	1.400$00	1.350$00
Petroquímica	1.700$00	1.620$00
Sacor	5.950$00	5.550$00
Sacor - n.	4.400$00	—
Tabacos Port.	1.810$00	1.720$00
Tabaqueira	12.700$00	12.700$00
U.F.A.	945$00	855$00
Efacec	6.400$00	6.200$00
Empor	498$00	—
Grão-Pará	3.340$00	3.040$00
Lisnave	11.250$00	11.550$00
Bertrand	2.100$00	2.100$00
Mabor	12.500$00	12.500$00
Matur	2.860$00	2.600$00
C.N.N.	2.600$00	2.420$00
C.N.N. - n.	1.400$00	1.400$00
Novinco	13.000$00	—
Salvor	2.540$00	2.300$00
Setenave	7.800$00	7.100$00
T.A.P.	1.800$00	1.630$00
Turística da Penina	4.000$00	3.800$00
Marconi - p.	2.140$00	1.940$00

FEIRIMPOR, S. A. R. L.

SOCIEDADE COMERCIAL DE IMPORTAÇÃO

REPRESENTANTE DA SO. VE. MAR. CO.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Exmos. Senhores:

Tmos o prazer de submeter à apreciação de V. Ex. o Balanço referente ao ano de 1973.

A nova empresa constituida no dia 1 de Junho de 1973 viu-se na necessidade de, ao longo desse ano, procurar situar-se no mercado do comércio a que se dedica, cautelosamente, evitando correr qualquer risco.

Como resultado dessa directiva constatou-se um volume de vendas que, embora não excessivamente grande, permitiu que se apurasse um saldo do exercício no montante de Esc.: 93.663$90.

Nestes termos, e com vista à consolidação desta empresa pondo-a a coberto das dificuldades que porventura, possam surgir ao longo do exercício de 1974, propomos que seja aprovada a seguinte proposta sobre o destino a dar ao saldo do exercício de acordo com os estatutos

5% para o Fundo de Reserva Legal
no montante de Esc. 4.683$20
Fundo de Reserva Especial Esc. 88.980$70

Ao Conselho Fiscal cumpre aqui agradecer pela colaboração prestada, agradecimento esse também extensivo a todos quantos connosco trabalham.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Eduardo José Sousa Martins Soares

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONÍVEL					
Caixa...				24$60	
Depósitos à ordem...				277 458$10	277 482$70
REALIZÁVEL					
Dívidas a receber:					
Clientes ...			392 995$00		
Devedores Gerais ...			1 752$00	394 747$00	
Existências:					
Mercadorias...				395 792$90	790 539$90
IMOBILIZADO					
Imobilização incorpóreas	58 727$30				
Amortização ...		19 573$80	39 153$50		
Imobilização corpóreas...	46 449$20				
Amortização ...		4 645$00	41 804$20		80 957$70
	105 176$50	24 218$80			
					1 148 980$30

PASSIVO

EXIGÍVEL			
A curto prazo:			
Fornecedores...	486 525$90		
Credores gerais ...	252 606$60	739 132$50	
A médio prazo:			
Credores gerais ...		164 814$80	903 947$30
DE TRANSIÇÃO			
Previsão para depreciação de existências ...		39 579$30	
Previsão para devedores duvidosos ...		11 789$80	51 369$10
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA			
INICIAL			
Capital ...		100 000$00	
ADQUIRIDA			
Lucros e perdas:			
Do exercício ...		93 663$90	193 662$90
			1.148 980$30

O CONTABILISTA
José Manuel de Almeida

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Eduardo José Sousa Martins Soares

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO

CUSTOS DA EXPLORAÇÃO		
Remunerações de corpos gerentes ...	67 645$00	
Remunerações e gastos directos com o pessoal ...	50 158$20	
Comissões de vendedores e demonstradores ...	790 779$80	
Mercadorias ...	3 314 085$60	
Fretes relativos a vendas ...	41 911$40	
Aluguer de «stands» ...	82 392$90	
Deslocação e estadia de vendedores e demonstradores ...	238 604$40	
Gastos de demonstração ...	88 878$10	
Outros gastos de feira ...	81 265$30	
Publicidade e anúncios ...	1 585$00	
Encargos fiscais e parafiscais ...	9 463$70	
Encargos gerais ...	83 620$90	
	4 850 390$30	
Amortização e reintegrações ...	24 218$80	
Dotação às contas de provisão ...	51 369$10	4 925 927$20
RESULTADOS		
Do exercício ...		93 663$90
		5 019 642$10

CRÉDITO

RENDIMENTOS DA EXPLORAÇÃO		
VENDAS:		
Máquinas «STECA» ...	5 014 690$00	
Elementos e conjuntos incorporáveis ...	4 780$00	5 019 470$00
Proveitos Financeiros		
Juros de depósitos ...		172$10
		5 019 642$10

O CONTABILISTA
José Manuel de Almeida

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Eduardo José Sousa Martins Soares

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Exmos. Senhores Accionistas:

De acordo com a lei e os estatutos da sociedade examinei o relatório, o balanço e a conta de lucros e perdas referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973 que me foram apresentados pelo Conselho de Administração.

O exame incidiu sobre as contas constantes dos citados documentos e incluiu as verificações dos livros e registos contabilísticos e outros procedimentos que considerei necessários ao completo esclarecimento das variações do património, tendo recebido do Conselho de Administração e dos serviços todas as provas e informações solicitadas.

Verifiquei também que o critério valorimétrico das existências tem como base o preço médio de custo efectivo, o que considero adequado para a dimensão e actividade da empresa, e bem assim que as taxas de amortização utilizadas na correcção do activo imobilizado estão de conformidade com o que a lei determina.

Gostosamente dou o meu acordo à política seguida pelo Conselho de Administração na orientação dos negócios da sociedade ao longo dos escassos sete meses da sua existência, congratulando-me com os bons resultados alcançados e com a prudência manifestada na proposta de distribuição do benefício obtido.

Assim tenho a honra de propor:

a) Que aproveis o relatório do Conselho de Administração, o balanço e a conta de lucros e perdas relativos ao exercício de 1973;
b) Que aproveis a proposta do Conselho de Administração, contida no seu relatório, para a aplicação dos lucros apurados no final do exercício;
c) Que aproveis um voto de merecido louvor ao Conselho de Administração pela acção desenvolvida na gestão dos bens da empresa;
d) Que aproveis um voto de agradecimento a todos os colaboradores da empresa pela dedicação que sempre demonstraram no desempenho das suas funções.

Lisboa, 7 de Março de 1974.

O Fiscal Único
David Gonçalves Cruz Barão

Mário Castrim

«O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO»

Anda comigo. Assim de braço dado, lembras-te? Como daquela vez quando estávamos no Terreiro do Paço e me deste o braço e lá fomos e apanhámos ambos a mesma cabeçada do cavalo e tu vieste levantar-me junto da muralha e dizias-me «Estás bem?» e eu olhava para ti e tinhas sangue a escorrer da testa e depois nunca mais te vi e nem sei quem és nem ao menos o teu nome.

Pois hoje digo-te: anda comigo. Passaremos pelo presídio de Caxias. Não poderemos ir lá a pé, em plena madrugada. Nessa altura estarei eu a espreitar o mundo através do rectângulo da folha de papel onde escrevo. Estaremos diante do televisor, a assistir, perdão, a conviver com a libertação dos presos, dos melhores filhos do nosso povo.

Começarás por ver aquela janela gradeada onde se agita um lenço. Virá depois a entrada dos portões. Já falta pouco. Tem calma. A Junta de Salvação Nacional está a cumprir a sua promessa. Está a merecer a confiança do povo português. Abanarás a cabeça duas, três vezes. Dirás: «Não, não posso acreditar».

Acreditarás. Espera um pouco. Vai-te entretendo a ver os rostos que estão ali, também como tu, à espera de abraçar quem devem — e são muitos. Há ali um sorriso total como uma bandeira na boca de José Cardoso Pires. Passam Rogério Paulo, Sofia de Melo Breyner, Francisco Sousa Tavares, Cecília Areosa Feio. Uma atenção grave no rosto de Jorge Sampaio. A multidão toda ela de rostos conhecidos, parentes de manifestações e de perigos.

Finalmente verás os portões abrirem-se. O Sérgio Ribeiro, o Tengarrinha, um grande plano de Palma Inácio, a tranquilidade de Nuno Teotónio Pereira e tantos, tantos outros por cuja sorte tanto sofremos.

Eles nos dirão de espancamentos e torturas. Das estátuas, das noites e noites sem dormir. Um dirá: «Eram seis **PIDES a bater-me com matracas de borracha**. Enfim, eram seis **valentes** a desencadear a paranóia, a loucura, sobre um homem indefeso.

As entrevistas são a correr, palavras soltas, frases truncadas. Estão ali as mulheres, os filhos, os amigos. Há uma seara de abraços à espera. Não ouvirás as palavras que nos darão uma nova consciência dos anos desgraçados. Isso vai ser a partir de agora, não poderá deixar de ser. A Televisão cumprirá o seu dever de trazer toda a verdade ao de cima. Será preciso lancetar os tumores da consciência nacional. Há que descer nos subterrâneos da infâmia, esventrá-los. Para se ganhar o futuro.

Anda comigo. Os portões fecharam-se. As chaves pendem inúteis das mãos do funcionário. Iremos agora através da multidão. Verás em cada rosto um sorriso, em cada peito um cravo. O cravo é a flor que o povo deu aos seus filhos militares. O cravo é a flor deste Abril.

Iremos, por entre a multidão, milhares e milhares e milhares de amigos a bradar: **o povo unido jamais será vencido!**

Jamais será vencido aquele a quem o povo estiver unido. Será homem ao mar aquele que abandonar o povo e a quem o povo abandonar. Esta é a grande lição da História.

Lição que alguns duramente aprenderam há poucos dias.

Abaixo a televisão! Viva a Televisão!

Ora a verdade é que nós vimos ontem os presos sair do presídio de Caxias.

Mas não os vimos entrar.

Não soubemos dos espancamentos, das torturas, das buscas.

Havia fascismo. Mas para a grande massa da população, o fascismo entrava-lhes em casa com os sapatorros dominadores e impantes da televisão. Para grande parte da população portuguesa, a imagem do fascismo, era a imagem da televisão. A R.T.P. e o estado novo (que morreu podre e de velho), associavam-se intimamente. A televisão era, ao nível da consciência quotidiana, o instrumento mais poderoso do fascismo: amordaçava a inteligência, distorcia a informação, aviltava as emoções. Diariamente, quase horariamente, o martelo pilão moía as mesmas caras, as mesmas expressões no culto da personalidade mais execrável e mais chato que o espírito mais demoníaco não poderia sequer imaginar.

O Movimento das Forças Armadas teve problemas vitais a resolver. Havia que dominar os quartéis, os paióis, as vias de comunicação. Havia que quebrar as resistências possíveis e mais perigosas. Tudo isso se fez e sabe-se como desde a primeira hora o povo esteve a seu lado e como seria capaz de participar mais activa e concretamente se tal lhe fosse pedido. Agora, os presos foram libertos — falta só libertar a televisão.

Sem duvida: através da televisão estamos a viver inesquecíveis momentos da História — que nem por ser dos nossos dias deixa de ser História. No entanto, pode dizer-se que nos encontramos perante excepções. A imagem que o povo português tem diante dos seus olhos, actualmente, é ainda a imagem da televisão **antiga**, da televisão monstruosa. A televisão continua a ser a televisão do pesadelo.

Amigos da Junta de Salvação Nacional: não é verdade que tiraram o comandante da Guarda Republicana e puseram outro? Não é verdade que substituiram o comando da P.S.P.? Não é verdade que extinguiram a Pide-D.G.S.? Como se explica a manufenção da chefia podre na R.T.P.! Como se explica que a Imprensa enuncie o regresso aos seus postos do Mensurado e Vasco Teves, no **Telejornal?** Mas então os representantes e executantes das normas fascistas que dão pelo nome de Ramiro Valadão e Miguel de Araújo vão continuar a vigiar, a cortar, a censurar, a ameaçar? Mas então, o instrumento do Poder fascista continua nas mãos dos que fascizaram com a maior tranquilidade? Como se explica que o cravo vermelho de Abril não ande ainda ao peito da televisão portuguesa? Como se entende que, três dias depois da vitória para o futuro, a televisão permaneça ancorada no passado, através das imagens, rostos, nomes e trabalho que o povo sente ainda na garganta como um vómito e tem nos olhos como uma ofensa? Para tudo dizer: não será de temer que a maioria do povo português ao ver o conjunto **desta** televisão imagine que afinal de contas nem todos os fascistas foram desalojados?

Não se pedem impossíveis. Nem aventuras. Mas é preciso que os amigos da Junta de Salvação Nacional saibam que há sangue novo à espera de correr nas veias de televisão; que escritores, intelectuais, artistas e técnicos, que a televisão fascista sempre recusou, estão dispostos a construir ou colaborar numa televisão com dignidade. Aguardam apenas que mais esta árvore podre seja derrubada.

De Norte a Sul do País, a televisão é agora mais procurada do que nunca. Agora a televisão pode começar a servir plenamente o seu ideal de informar e consciencializar a todos os níveis: cultural, social, artístico. Há que quebrar, desde já, os vínculos com a televisão do Pesadelo.

E urgente libertar a televisão do presídio do Lumiar. Não se arranjará também para a TV antiga uma ilhazinha qualquer?

CIRCULAR AOS FUNCIONÁRIOS DA RTP

Pouco a pouco, a vida na RTP vai regressando à normalidade, procurando-se criar as condições que permitam o seu funcionamento ao serviço dos princípios definidos pela Junta de Salvação Nacional.

Assim, os funcionários do quadro receberam agora uma circular de duas páginas, assinada pelo capitão Teófilo da Silva Bento, delegado do Movimento das Forças Armadas, onde se define a nova orientação da RTP e se aconselha o cumprimento dos deveres profissionais.

Aí se lembra ser a TV o órgão de informação mais influente ao serviço do povo, e que se deve ter presente a responsabilidade derivada de tal facto. Os funcionários, devem voltar a ocupar os lugares, não podendo dar faltas injustificadas. E seu dever, também, respeitarem-se mutuamente, bem como aos superiores.

A circular assegura, igualmente, que serão prestadas todas as condições de protecção aos funcionários da RTP, em ordem a permitir que as suas obrigações sejam cumpridas com segurança.

Entretanto, o dr. Ramiro Valadão, que nos últimos anos foi presidente do conselho de administração da RTP, compareceu na sexta-feira nas instalações da rua da Lapa, retirando do local diversos documentos. E convicção generalizada de que o dr. Valadão se teria já demitido das suas funções, ou delas teria sido destituído.

MESA-REDONDA POLÍTICA EM TV-7

Nos estúdios do Lumiar foi gravada ontem de manhã, a rubrica TV 7 destinada a incluir na programação de hoje, a qual é preenchida por uma mesa-redonda, em que participam José Afonso, Maria Lamas, Urbano Tavares Rodrigues e Victor Wergonvirus. Nela se debate a actual situação política do País. tema em que intervêm igualmente Carlos Carvalhais, director do «Notícias da Amadora», Manuel Lopes, presidente da Federação dos Sindicatos de Lanifícios e presidente do Sindicato de Lanifícios de Lisboa, Franco, Baptista Bastos, Alberto Aarons de Carvalho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Blasco Hugo Fernandes e Nikias Skapinakis. À hora a que o nosso jornal entra na impressão, não há todavia uma confirmação de que a referida mesa-redonda constitua realmente a rubrica TV 7

TRIBUNA LIVRE

DEPOIS DO PESADELO

Por EDUARDO CAETANO

Tal como a grande maioria dos portugueses, já começava a desesperar de nunca vir a ser um cidadão livre no meu próprio país. Nunca o tinha sido, pois nasci pouco antes da chegada ao poder da ditadura de Maio de 1928, e o regime parecia eternizar-se.

A minha alegria é a de toda a gente. Os portugueses a sentem depois da expectativa das primeiras horas do 25 de Abril, dia fundamental na História de Portugal que marca o início de uma nova era. Começa a III República, se se quiser conceder o nome de II República ao interregno da ditadura fascista implantada em 1928.

No dia 26, consolidada a vitória do Movimento das Forças Armadas contra a reacção, emanava dos portugueses uma sensação de alívio, uma necessidade de comunicabilidade humana, uma força nova que só a liberdade autêntica pode gerar.

E a primeira vez que escrevo um artido de jornal livremente, sem ter de pensar permanentemente na lâmina suspensa que obrigava a torcer, contornar ou simplesmente eliminar muitas ideias. E por isso sinto uma alegria interior indescritível, tão intensa que leva à insónia.

Há muito tempo que os adversários do regime banido reclamavam, à boca pequena como não podia deixar de ser, uma acção das Forças Armadas como a única solução possível e viável para a eliminação do reaccionarismo no poder. Finalmente apareceu a Primavera de Lisboa! Movimento rapidíssimo, eficiente, sem derramamento de sangue, não fora a triste e derradeira marca criminosa dos agentes da Pide que até ao último momento continuaram a tingir as mãos de sangue...

A magnanimidade das Forças Armadas foi tal que até protegeu os agentes da odiada Pide do castigo imediato reclamado pelo Povo. Poria tê-los entregue, ou mesmo lavar as mãos como Pilatos, e deixar que a multidão os linchasse. Mas não, deu-lhes a protecção que apesar de tudo se dá a seres humanos, mesmo que a muitos repugne alguns deles merecerem tal consideração. Todavia o Povo português espera que tal gente seja julgada em tribunal beneficiando dos direitos e obrigações inerentes aos réus. Para se saber bem e haver consciência dos horrores praticados. Para se poder estabelecer uma escala de culpabilidades a partir dos principais culpados. Para que acabe para sempre, em Portugal, essa monstruosa e aviltante polícia política que durante quase meio século fez estremecer de horror os **cidadãos portugueses**.

Acabou-se um regime associado intimamente à opressão, à desonestidade, á sabujice e à mediocridade. Toda a gente deseja que tenha terminado a era do domínio dos «familiares, compadres e amigos». Portugal anseia por ter governantes e dirigentes com valor. Foi corrido o vértice da pirâmide, mas não chega. Haverá que substituir a fatia seguinte, aquela que maneja os cordelinhos há muitos anos...

A concretização do ideal de integridade e incorruptibilidade do Movimento das Forças Armadas é fundamental em um meio que está minado, há muito tempo, pela corrupção política, económica e moral.

Os que amam a tolerância, como nós, ficaram deveras impressionados com o civismo, verdadeiramente exemplar, com que o Movimento libertador tratou os vencidos ex-governantes.

Neste momento histórico, todos os que querem a verdade, a justiça, a liberdade e a tolerância deverão prestar uma colaboração total à Junta de Salvação Nacional, para bem de Portugal. Seria criminoso fazerem o jogo da reacção.

Quaisquer que sejam as nossas opiniões, da direita, do centro ou da esquerda, é imperioso que o Movimento das Forças Armadas fique absolutamente consolidado. Não são mais uns meses ou mesmo um ano que têm qualquer significado em comparação com quase 50 anos de opressão. E natural e humano que haja impaciência. Mas acima de tudo não se deverá prejudicar ou deitar a perder o que foi feito, para bem de todos nós.

As forças reaccionárias são materialmente poderosas e estão emalhadas internacionalmente. Não desistem facilmente! Há que acautelar um golpe que pode surgir de supresa a explorar uma eventual fraqueza.

Nesta fase inicial, a pior asneira que se poderia fazer, com consequências trágicas para todos nós e portanto para o país, seria começarem-se questiúnculas e lutazinhas rivais provocando a divisão entre os adversários do regime deposto. Toda a luta de posições ideológicas tem neste momento de ser relegada para mais tarde, para uma ocasião oportuna. Porque, acima de tudo, está a consolidação de forma inabalável daquilo que levou meio século a obter.

Do fundo do seu ser, os homens livres agradecem às Forças Armadas a sua arrancada triunfante para a libertação do Povo português. Todos unidos à volta da Junta de Salvação Nacional!

Finalmente sou um homem livre. Passou o pesadelo!

SINDICATO DOS ARQUITECTOS NORTENHOS

Do Sindicato dos Arquitectos (Secção Regional do Norte) recebemos o seguinte ofício:

«Exm.º senhor Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Secção Regional do Norte do Sindicato Nacional dos Arquitectos.

A direcção da Secção Regional do Norte do Sindicato Nacional dos Arquitectos em exercício, eleita para o triénio de 72/74, reúniu na noite de 25 de Abril de 1974, e decidiu:

1 — Em cima dos últimos acontecimentos ocorridos no país e embora não podendo fazer, ainda, uma análise política correcta da situação, mas porque, seja como for, o actual momento político é um momento histórico, pelo menos pela alteração do «statu quo».

1.1 — Considerando que a eleição submetida a regras ridículas de processo eleitoral é, por isso mesmo, falha de legitimidade.

1.2 — Considerando que, na contingência, só aceitou constituir-se em lista por vontade expressa da maioria dos sócios presentes nas reuniões preparatórias onde o processo foi bem denunciado.

1.3 — Considerando que o programa prévio a que se vinculou, se torna, neste momento, insuficientíssimamente reinvindicativo e actuante.

1.4 — Considerando, por outro lado, que o desinteresse, a apatia e inconsciência de todos se patenteou desde sempre e ainda de uma forma mais nítida no decurso da última assembleia geral, por isso mesmo ainda não está encerrada.

2 — Tornando-se evidentemente indespensável repensar a existência da Secção Regional do Norte do Sindicato Nacional dos Arquitectos em termos dignos.

3 — Decide apresentar a V. Ex.ª a sua demissão colectiva».

COMO VIVER COM O SEU CORAÇÃO

Escolha um médico que respeite, obedeça-lhe, «agarre-se» a ele como se fosse o seu mais precioso tesouro — como de facto é!

Comentário de Laurence B. Ellis, M. D., Director do Departamento de Informação Médica e Educação da Sociedade Médica de Massachussetts.

A primeira regra a ter em conta, quando alguém procura um médico com quem se possa «abrir», respeitar e obedecer, é desfazer-se do hábito americano de «pular de médico para médico».

De facto há razões de peso que justificam este conselho! Para o tratar bem, o seu médico tem que o conhecer tão bem na saúde como na doença. O prévio conhecimento dos seus antecedentes e dos outros membros da família, ajudam-no a fazer o diagnóstico correcto, a poupar tempo (precioso numa situação de urgência!) e a estabelecer uma base de mútuo entendimento e confiança. Deve ainda aconselhar-se com o seu médico sempre que tenha de consultar qualquer especialista.

O seu médico de família» deve em princípio ser membro da Sociedade Médica local ou regional. Os Serviços de Informação de quaisquer destas Sociedades assim como os do Hospital da sua comunidade podem facultar-lhe os nomes dos vários médicos que exercem clínica na cidade e nos arredores. Dessa lista é que você deve seleccionar o médico que lhe pareça capaz de se responsabilizar pelos cuidados médicos de toda a sua família.

Traduzido e impresso com autorização da American Heart Association, Inc.

A nossa página de Medicina continua a contar com a colaboração do prof. Fernando Pádua que, muito amavelmente, decidiu oferecer-nos uma série de cinco avisos sobre doenças de coração.

O prof. Fernando Pádua entende que mais do que a leitura de artigos, o público em geral deve é alertar-se para as consequências previsíveis das doenças cardiovasculares as quais grassam vertiginosamente em todo o Mundo. Portugal, a caminho de uma vida de maior ritmo, é um dos países onde as doenças de coração assumem cada vez maior importância.

A preciosa colaboração do prof. Fernando Pádua, que é um eminente especialista português de doenças do coração, professor catedrático na Faculdade de Medicina de Lisboa, intitula-se «Você que me lê» e consta de avisos acerca de temas correntes sobre causas de graves doenças cardiovasculares, graves se não forem tratadas a tempo, como é evidente. O objectivo destes avisos é, precisamente, o de alertar o público português quanto às possibilidades de se precaver contra as doenças de coração.

VOCÊ QUE ME LÊ SEJA QUEM FOR

SE QUER ESTUDAR O SEU CORAÇÃO E DESCOBRIR A DOENÇA ANTES DE ELA SURGIR

VISITE O SEU MÉDICO UMA VEZ POR ANO

Para ele o auscultar e medir a tensão
fazer um exame radiológico e um electrocardiograma
analisar o açúcar e as gorduras do sangue

E ENTRETANTO NÃO ESQUEÇA

Não engorde, emagreça até, ande muito a pé, faça desporto e deixe de fumar!

a) Prof. Fernando de Pádua.

MSD Colaboração da MERCK SHARP & DOHME

UM DOCUMENTO LITERÁRIO

A ÚLTIMA CARTA DA FREIRA DE BEJA ENVIADA AO CAPITÃO CHAMILLY

Publicamos hoje a última carta de amor escrita por Mariana Alcoforado, freira no Convento da Conceição em Beja a um oficial francês o capitão Chamilly que esteve em Portugal em 1666. As cartas anteriores foram publicadas nas nossas edições de 31 de Março, 7, 14 e 21 de Abril.

«Amei-te como uma louca!»

Esta é a última carta que te escrevo e espero fazer-te conhecer pela diferença dos termos e do estilo dela, que me persuadiste, enfim, que não me amavas e que, portanto, devo cessar de amar-te.

Aproveitei, pois, a primeira ocasião para mandar-te o que me resta de ti...

Não receies que te escreva, porque mesmo não porei o teu nome no sobrescrito.

De todas as particularidades encarreguei D. Brites, a qual eu tinha acostumado a confidências mui diversas destas...

Os seus cuidados me serão menos suspeitos que os teus.

Ela há-de usar de todas as cautelas precisas, a fim de poder assegurar-me que recebeste o retrato e pulseiras que me deste.

Quero, porém, que saibas, que desde alguns dias me sinto em estado de poder rasgar e queimar os penhores do teu amor, que tão extremosamente queridos tinha; mas dei-te a conhecer tanta fraqueza, que jamais terias acreditado que eu chegasse a ser capaz de uma tal extremidade...

Quero assim comprazer-me em toda a pena, que experimentei, separando-me deles e causar-te ao menos qualquer agastamento.

Confesso com vergonha minha e tua, que me achei mais apegada do que quero dizê-lo, a estas ninharias, que senti serem-me de novo necessárias todas as minhas reflexões para desembaraçar-me de cada uma em particular, quando já me lisonjeava de não ser-te mais afeiçoada.

Mas tudo se consegue, sendo aí a vontade ajudada de tantas razões.

Entreguei-me a D. Brites... Quantas lágrimas me custou esta resolução!

Depois de mil agitações, mil incertezas que tu não conheces e de que não te darei conta seguramente, pedi-lhe as maiores instâncias de não me falar mais nelas, de não restituir-mas, ainda quando lhas pedisse somente para as ver uma derradeira vez e de enviá-las finalmente, sem dar-me aviso.

Só conheci bem o excesso do meu amor, depois que quis fazer todos os esforços para curar-me dele e creio que não teria ousado tentá-lo, se tivesse antevisto tamanhas dificuldades e tantas violências.

Estou persuadida que teria sentido perturbações menos desagradáveis, amando-te, ingrato como és, do que despedindo-me de ti para todo o sempre.

Experimentei que te queria menos do que a minha paixão e tive extraordinário trabalho em combatê-la depois que os teus injuriosos procedimentos me fizeram a tua pessoa odiosa.

A altivez, própria do meu sexo, não me ajudou a tomar estas resoluções contra ti.

Ai de mim!

Tenho sofrido os teus desprezos, teria suportado o teu ódio e até o negro ciúme que me causasse a tua afeição para outra; pois teria tido ao menos alguma paixão com que pelejar, mas a tua indiferença me é insuportável!...

As tuas pertinentes protestações de amizade e os ridículos cumprimentos da tua última carta me fizeram ver que tinhas recebido todas as que te escrevi que não moveram no teu coração nenhuns afectos e que todavia as leste!...

Ingrato!...

Tal é ainda a minha loucura, que me desespero por não poder lisonjear-me que elas não chegassem até aí, ou que não te fossem entregues.

Detesto a tua lhaneza...

Porventura tinha-te pedido de me participares singelamente a verdade?...

Por que não me deixavas as ilusões da minha paixão?...

Bastava não me escrever: eu não procurava ser alumiada e desenganada.

Não é grande desdita a minha, quando vejo que não pude obrigar-te sequer a usar de alguma precaução, para continuar a trazer-me em doce engano e que assim não sei mais como desculpar-te?...

Sabe, pois, que percebo enfim seres indigno de todos os meus sentimentos e conheço todas as tuas ruins qualidades.

Porém se tudo quanto obrei por amor de ti pode merecer que dês alguma, ainda que ténue, atenção ao favor que imploro, conjuro-te de não me escrever mais e de ajudar-me a perder inteiramente de ti a memória.

Se levemente mesmo me afirmasses ter sentido algum pesar, lendo esta carta, talvez te acreditasse e talvez também a tua confissão e o teu consentimento me causariam despeito e ira, e tudo isto poderia atear em mim de novo a chama.

Não te embaraces pois com a minha conduta; derrubarias todos os meus projectos, de qualquer modo que te quisesses ingerir neles. Não quero saber o sucesso desta carta; não venhas perturbar aquele estado para o qual me disponho.

Parece-me que podes estar satisfeito dos males que já me causas, qualquer que fosse o teu primeiro intento de fazer-me desgraçada. Não me prives da minha incerteza; espero com tempo alcançar por meio dela alguma tranquilidade.

Prometo de não aborrecer-te; desconfio demasiadamente de todo o sentimento violento, para ousar intentá-lo.

Estou persuadida que acharia neste país um amante mais fiel... mas ai! quem poderia dar-me amor?

A paixão de outrem teria acaso virtude de ocupar-me?... Que poder teve a minha sobre ti?

Não fiz eu a experiência, que um grande coração enternecido não esquece mais o que fez descobrir transportes que não conhecia e de que era capaz? — que todos os seus afectos e movimentos estão profundamente arraigados ao ídolo que erigiu para a sua adoração? — que as suas primeiras feridas não podem ser nem cicatrizadas, nem extintas? — que todas as paixões que lhe oferecem socorro e com todas as suas forças tentam enchê-lo e contentá-lo, lhe prometem vãmente uma sensibilidade que não recupera mais! — que todos os prazeres que procura, sem desejo de os encontrar, não servem senão para convencê-lo que nada lhe é tão caro como a lembrança das suas penas?

Para que me fizeste conhecer a imperfeição e sagrado de uma paixão, que não deve durar eternamente e os infortúnios que acompanham um amor violento, quando não é recíproco?

E por que causa uma inclinação cega e um cruel destino se aferram de ordinário em decidir-nos por aqueles que nos desamam e que seriam sensíveis a outros amores?

Quando mesmo eu pudesse esperar qualquer distracção e receio de uma nova afeição, em encontrar um homem sincero ao qual me aliasse, tenho tanto dó de mim, que faria muito escrúpulo de pôr o mais ínfimo de todos no estado de miséria a que me reduziste; e ainda que eu nenhuma obrigação tenha de poupar-te, não poderia resolver-me a exercitar sobre ti uma vingança tão cruel, no caso mesmo que ela dependesse de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro actualmente desculpar-te e compreendo perfeitamente que uma religiosa é em geral pouco amável.

Contudo parece que, se os homens fossem suceptíveis de razão nas escolhas que fazem, deveriam antes namorar-se delas do que das outras mulheres.

Nada as estorva de pensar constantemente na sua paixão; nenhuma das mil coisas que no século servem de ocupação e divertimento as distraem.

Parece-me que não deve ser muito agradável ver as damas que amam sempre distraídas por mil bagatelas e que é preciso ter bem pouca delicadeza para sofrer, sem uma desesperada impaciência, que elas falem tão-somente de assembleias, atavios e passeios...

Eles estão expostos incessantemente a novos ciúmes, sendo elas obrigadas a obsequiosas atenções, a complacências e conversações infinitas.

Quem pode assegurar-se de que em todas estas ocasiões não se tem algum deleite e de que suportam sempre todos os deveres de seu estado com extremo enojo e nenhum consentimento?...

Ah! Quanto devem elas desconfiar de um amante que lhes não pede contas bem exactas de tudo, que acredita facilmente, sem inquietação, quanto elas lhe dizem e que com muita confiança e tranquilidade as vê sujeitas a todas as obrigações!

Mas não pretendo provar-te com boas razões que devias amar-me. Estes meios são péssimos e outros muito melhores empreguei eu, que não aproveitaram.

Conheço demasiadamente qual é a força do meu destino, para diligenciar superá-lo...

Hei-de ser infeliz toda a minha vida!...

Não o era eu quando te via todos os dias? Morria de susto de que não me fosses fiel.

Queria ver-te a cada instante o que não era possível.

Perturbava-me o perigo a que te arriscavas, entrando neste convento...

Não vivia quando estavas no exército.

Desesperava por não ter mais formosura e ser mais digna de ti.

Murmurava contra a mediocridade da minha condição.

Imaginava muitas vezes que o amor, que parecias ter por mim, poderia de algum modo prejudicar-te.

Julgava a meu parecer, que não te amava suficientemente; atemorizava-me a ira dos meus parentes contra ti.

Estava, enfim, em um estado tão lastimoso como aquele em que, presentemente, me acho.

Se me tivesses dado algumas provas da tua paixão, depois que estás ausente de Portugal, teria feito todos os esforços para sair também dele e disfarçada em outros trajos, ir encontrar-me contigo...

Ai! Que teria sido de mim se depois de chegar a França, tu ali de mim nenhum caso fizesses?

Que desordem! Que desatino! Que cúmulo de vergonha para a minha família, que tão cara me é depois que não te amo!

Bem vês que, a sangue frio, conheço que era possível chegar a ser ainda mais miserável e mais digna de comiseração do que o sou e que ao menos te falo uma vez na vida de bom siso...

Quanto a minha moderação te será grata! Quanto ficarás contente de mim!

Não quero sabê-lo...

Já te pedi de não tornar a escrever-me e de novo te suplico com a maior insistência o mesmo.

Acaso nunca fizeste alguma reflexão sobre o modo porque me tens tratado?

Não te vêm ao pensamento jamais as muitas obrigações que me deves, com preferência a todas as pessoas do mundo?

Amei-te como uma louca!

Que desprezo tinha para todas as coisas!...

O teu procedimento não é de um homem honrado...

A não teres tido aversão natural para mim, era forçoso que me amasses descomedidamente.

Deixei-me encantar por qualidades muito medíocres!

Que obraste tu jamais que houvesse de agradar-me?

Que sacrifícios me fizeste?...

Não correste após mil divertimentos?...

Descontinuaste por ventura o jogo e a caça?...

Não foste o derradeiro a de lá voltar?...

Expuseste ali loucamente a tua vida, apesar de haver-te rogado tanto de a poupar por amor de mim...

Não procuraste com diligência os meios de estabelecer-te em Portugal, aonde eras estimado.

Uma carta de teu irmão decidiu-te a partir, sem a menor hesitação.

E não soube eu que durante a viagem conservaste a mais alegre disposição?

Forçoso é o confessar que tenho obrigação de aborrecer-te mortalmente.

Ah! Eu mesma causei todas as minhas desgraças...

Acostumei-me logo no princípio a uma grande paixão com demasiada candura e é necessário artifício para ser amada.

E necessário procurar com destreza os meios de inflamar: o amor por si só não chama amor.

Pretendias que eu te amasse e como tinhas formado este desígnio, estavas resoluto a empregar todos os expedientes para conseguir o teu intento, até mesmo a amar-me, deveras, se necessário fosse.

Mas cedo conheceste que podias sair bem da empresa, sem te deixar levar de amor por mim, e que esta paixão era escusada.

Que perfídia!...

Cuidas tu que pudeste impunemente enganar-me?...

Declaro-te que se por algum acontecimento fortuito voltares a este País, eu mesma te entregarei à vingança dos meus parentes.

Vivi muito tempo em um abandono e em uma idolatria que me horrorizam, e os meus remorsos perseguem-me com um rigor insuportável.

Sinto vivamente a vergonha dos crimes que me fizeste cometer, e falta-me, ai de mim! a paixão que me estorvava o conhecimento da enormidade deles...

Quando deixará o meu coração de ser dilacerado?

Quando me verei eu livre deste embaraço cruel?...

Contudo creio que não te desejo mal algum, e que me resolveria a consentir que fosses feliz...

Mas como poderás tu sê-lo jamais, se tens um bom e bem formado coração?

Quero escrever-te outra carta para mostrar-te que poderei talvez estar mais tranquila dentro de algum tempo.

Que gosto será o meu de poder então lançar-te em rosto os teus iníquos procedimentos, depois que estes já me não causaram comoção e de dar-te a conhecer que te desprezo, que falo da maior indiferença da tua traição, que esqueci todos os meus prazeres e todas as minhas penas e que só me lembro de ti quando muito quero lembrar-me!...

Convenho em que tens grandes vantagens sobre mim e que me inspiraste uma paixão que me fez perder todo o siso, mas pouco deves vangloriar-te disto...

Era jovem, era crédula, tinham-me encerrado desde a infância neste convento; aqui não tinha visto senão gente desagradável; jamais tinha ouvido os louvores que me davas continuadamente; parecia-me que te devia os atractivos e a beleza que dizias admirar em mim e que me fazias conhecer, ouvia dizer muito bem de ti; todos me falavam em teu favor, tu fazias tudo para espertar o amor...

Mas, enfim, quebrei este encanto... verdade é que me deste poderosos auxílios e confesso que deles tinha extrema necessidade.

Ao remeter-me as cartas, que tinha tuas, guardarei cuidadosamente as duas últimas e as tornarei a ler ainda mais vezes do que li as primeiras, como preservativo de recair nas minhas fraquezas. Ah! Quanto estas me custam caro e quanto teria sido feliz se houvesse querido sofrer que eu te amasse sempre!...

Conheço muito bem que ainda com alguma demasia atendo à tua infidelidade e às minhas arguições queixosas; mas recorda-te que eu tenho prometido um estado mais sossegado, e que hei-de alcançá-lo, ou hei-de tomar contra mim alguma resolução violenta, cujo êxito conhecerás sem muito desprazer?...

Mas de ti nada mais quero...

Sou uma insensata em repetir-te as mesmas coisas tantas vezes...

E necessário deixar-te e desviar de ti para sempre o pensamento.

Creio mesmo que não tornarei a escrever-te...

Acaso tenho obrigação de dar-te exacta conta de todos os diversos movimentos do meu coração?

OPINIÕES DO REALIZADOR E INTÉRPRETES DA PEÇA «A EXILADA»

Decorrem no Lumiar os ensaios da peça «A Exilada», original de Henry Kistemaeckers, dramaturgo francês de origem polaca. A tradução e adaptação para a TV é de Ruy Ferrão, o qual é também responsável pela realização.

Assistimos, numa das últimas tardes, aos trabalhos de preparação desta peça, já na fase de marcação. Algumas cenas curiosas perpassaram diante dos nossos olhos. Diálogos com bastante interesse. E, ... do mais, achamos curioso transcrever o que a revista «La Petite Ilustration», datada ... Agosto de 1913, diz, em determinado passo, acerca desta peça. — «A Exilada» é uma ... de uma pujança e de uma ...ação raras. Tem a violência dos Balkans e a poesia dos Vosges. A cena de amor entre os dois jovens, no 2.º acto é tão terna e tão profunda como certas criações de Musset. Tem uma força extraordinária, capaz de empolgar os espectadores». — ...to, claro está, sendo embora opinião de um crítico de teatro, não devemos esquecer-nos que foi escrito em 1913. Naturalmente que os tempos mudam e, com eles, os gostos da crítica e do público. Mas as peças de Moliére, ressalvadas naturalmente as distâncias ... poder de criação, não continuam, hoje, a possuir uma flagrante actualidade? Decerto ... «A Exilada», se nos fala da ternura de certa cena de amor, pode parecer a muitos deslocada no tempo, mas é certo que no tempo de hoje continua a prevalecer o amor, a despeito de todas as forças negativas que procuram ridicularizar e deteriorar os valores ...mos da vida.

Num breve intervalo dos ensaios, ouvimos as várias opiniões dos actores intervenientes e também a do realizador Ruy Ferrão, que nos declarou:

— Esta obra foi encontrada num lote de peças e de recortes que adquiri e que pertenceram à grande actriz ...ília Simões, que a representou cerca de 1914, com grande êxito. Eram muitas as peças. Gostei desta, como aliás doutras que penso fazer. Propu-la à RTP que a aceitou... e aqui estou a ensaiá-la com imensa satisfação, porque, apesar de não ser aquilo que é hábito chamar, presentemente, uma peça de tema central, tem muitas coisas que nos fazem pensar — e muito! — e, sobretudo, uma peça muito bem carpinteirada. Além disso possui um diálogo muito vivo, servido extraordinariamente bem pelo **naipe de actores escolhidos. Estes estão verdadeiramente interessados pelas personagens curiosíssimas desta obra.**

Lígia Teles

— Gosta do papel que desempenha nesta peça?

— Sem dúvida que sim. O meu papel tem imensa representação e, além disso, é extremamente humano.

— Foi fácil integrar-se nesse papel?

— Fácil não é nunca. E é por ele exigir muito trabalho que eu gosto de o fazer.

— Que pensa da peça, como tema?

— Tenho a impressão de que este tipo de peças tem grande aceitação na grande massa do público. O público gosta de ver espectáculo e o espectáculo, para o público é, logicamente, a história e o aspecto visual.

Madalena Sotto

— Qual a sua opinião sobre «A Exilada»?

— Penso que é uma peça que vai agradar ao grande público... e é para ele que é dirigida.

— Porquê tanto tempo fora da TV?

— A minha ausência na TV pode ser justificada pela falta de papéis adaptáveis às minhas características de actriz. Aliás, gosto imenso de trabalhar na TV, porque estamos pouco tempo em contacto (os colegas), e quando acabamos a gravação, não houve tempo para mal-entendidos. Existe sempre a boa camaradagem.

Ruy Ferrão dá indicações durante o ensaio de uma cena de «A Exilada» em que participam Irene Cruz e António Montês

— Acerca do seu papel...

— Faço o papel de uma condessa, uma mulher fútil, mas, ao fim e ao cabo, não é tão fútil como parece. E antes cheia de sensibilidade e bom-senso. Integro-me nele perfeitamente.

Irene Cruz

— Uma opinião sobre «A Exilada»...

Acho que tem um bom enredo, está muito bem escrita e tem acção. Pode dar um bom espectáculo de TV.

— Quanto à personagem que interpreta...

— A acção passa-se, como será fácil o espectador verificar, no princípio do século.

— Faço o papel de uma ingénua que, sendo embora tímida e reservada, sabe perfeitamente o que quer. Em determinada altura deixa essa timidez para alcançar o seu ideal.

Curado Ribeiro

— Trata-se de uma peça tradicional, de um dramaturgo muito conhecido que impôs o seu verdadeiro caminho: é um fraco que vence.

— Que pensa da peça como espectáculo?

— Acho, sinceramente, que poderá constituir um bom espectáculo de TV, tendo principalmente um conjunto de intérpretes que não é muito fácil reunir.

Baptista Fernandes

— Esta peça é um marco do teatro romântico europeu. Acho que, como espectáculo, tem interesse para o grande público da TV.

— Quanto ao seu papel?

— Faço a figura do príncipe seu teatro na sua época, chegando até a ser considerado como um padrão.

— Qual é a sua criação?

— A de um homem receoso, entalado entre duas paixões, mas sem força para impor o Franz Rodolphe de Salicz Karlsbourg — é curioso citar o nome — que é um homem de meia-idade, duro, de olhar alucinado e cruel que acaba por morrer numa batalha. O papel é um pouco difícil. A personagem é bastante antipática, mas que tenho grande interesse em criar, pois lendo as críticas da época, vejo que foi feita por um grande actor francês, que obteve enorme êxito.

António Montez

— É uma peça que se sente datada, mas que, no entanto, tem no diálogo e na construção possibilidades de agradar ao público de hoje, que se prende ao seu aspecto romanesco.

— Quanto ao seu papel...

— Faço o papel de um galã da época, com tudo o que isso pode dizer de positivo e, para os dias de hoje, de negativo. Tem interesse pelo que exige de comportamento adequado e porque, dentro do espectáculo, ajudará aquilo que me parece ser o que mais poderá agradar ao público: um conjunto que dê às pessoas a verosimilhança necessária a este tipo de espectáculo.

Joaquim Rosa

— Parece-me tratar-se de uma peça capaz de obter êxito junto do público. E composta por um conjunto de personagens bastante recortadas, o que permite aos actores uma exteriorização mais receptiva.

— Quanto ao papel que desempenha...

— Começou por me ser distribuído outro. Este tem uma recorte de personalidade bastante vincada, o que me permite esconder como pessoa e apresentar um outro tipo totalmente diferente do que sou. Tal circunstância exige, como é óbvio, uma maior exteriorização como actor e mais completa explanação das possibilidades artísticas.

Os ensaios de «A Exilada» continuarão ainda mais uns dias, até à data da gravação. Após recolhermos estas opiniões, pegamos novamente na revista «La Petite Ilustration» e, pelas críticas da época, esta peça é realmente um marco da dramaturgia do princípio do século.

NÃO PERCA DURANTE A SEMANA

CINEMAS

A GOLPADA

The Sting, película realizada por Roy Hill e que já ganhou sete óscares, constitui um estudo sobre a amizade, solidamente construída num mundo de corrupção, brutal, onde impera o ódio e a cobiça. É um produto **made in USA**, que marca o retorno aos processos cinematográficos que celebrizaram o velho cinema americano. Está no Tivoli, com sessões às 15 e 15, 18 e 30, e 21 e 45.

AMERICAN GRAFFITTI

Também dos Estados Unidos, chegou-nos **American Graffitti**, de George Lucas, que se mantém há algumas semanas no **Apolo 70**. Se ainda não viu, aconselhamo-lo a não perder.

No limiar dos anos 60, em plena mutação da América, os jovens de uma pequena cidade da **west coast** traçam todo um itinerário cujo interesse sociológico salta à vista. É um filme belo, dizem os **críticos**. Sessões às 15 e 15, 18 e 30, e 21 e 45.

LUCKY MAN

O filme de Lindsay Anderson é um autêntico retrato da sociedade competitiva em que vivemos, e constitui como que um apelo para a construção de um mundo que, tudo indica, não poderá deixar de ser construído. Está no **Império**, com sessões às 15 e 15, e 21 e 30.

FILMES NACIONAIS

Malteses, burgueses e às vezes foi considerado uma surpresa do mais recente cinema português. Artur Semedo deu-nos um filme a meio caminho entre o cinema novo e a comédia popular de outros tempos — talvez a primeira comédia inteligente e virulenta do nosso cinema. Está no **Avis**, com sessões às 15 e 30 e 21 e 45. Costa e Silva, por seu turno, deu-nos uma **Festa trabalho e pão** que merece ser vista. Projecta-se no **Estúdio** do Império, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 45.

«CLÁSSICAS»

O leitor poderá rever — ou, quem sabe, ver pela primeira vez — alguns filmes cuja importância a crítica acentuou quando foram estreados. Exemplifiquemos: **Amo-te, Amo-te,** de Alain Resnais, quarta-feira, no **Monumental**, pelas 18 e 30; **Ricardo III**, de «sir» Lawrence Olivier, também na quarta-feira, no **Império**, às 18 e30;**Perseguiçãoimpiedosa**, de Arthur Penn, quinta-feira,no**Apolo,**àmeianoite; **Estradas do Inferno**, de Robert Altman, sexta-feira, no **Monumental,** às 18 e 30; **A regra do jogo**, de Jean Renoir, no **Londres**, sexta-feira, à noite.

HIROSHIMA

«Hiroshima mon amour», agora estreado em Portugal, é o primeiro filme de Alain Resnais, realizado há 16 anos. A crítica considera-o uma das obras mais importantes da história do cinema, e ponto de partida de uma nova linguagem em que a palavra e a imagem se completam. Estudo cinematográfico sobre o encanto e a crueldade do amor, esta película está em exibição no **Londres.** Sessões às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.45.

RITUAL

Realizada por Ingmar Bergman para a televisão, em 1969, esta película estreia-se entre nós como mais uma grande obra do realizador sueco. Num jogo cinematográfico que parte dos rostos para a descoberta total das pessoas e dos objectos, Bergman continua a demonstrar o seu inesgotável talento. Vá ao **Estúdio**, e aprecie esta obra-prima do cinema.

Este é o Artur Semedo dos «Malteses»

Cena do filme «A Regra do Jogo», de Jean Renoir, que o Londres vai exibir na sexta-feira, na sessão da meia-noite

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45.

CERIMÓNIA SOLENE

A agonia de uma sociedade tradicional é-nos descrita com notável vigor pelo realizador japonês Nagisa Oshima. A película situa-se no período após-guerra até à actualidade, e ilustra o desagregar da sociedade japonesa. Veja este filme no **Satélite**, às 15.30, 18.30 e 21.45.

DELÍRIO DE AMOR

A vida e a obra de Tchaikovski apaixonaram o realizador inglês Ken Russel que procurou transpor para a tela, com a ajuda de actores como Glenda Jackson e Richard Chamberlain, a trágica beleza da «patética». Para além do compositor, Ken Russel quis mostrar o homem na sua formidável contradição. Consegui-o, com raro equilíbrio. Em exibição no **São Jorge**, às 15.15, 18.15 e 21.30.

EXPOSIÇÕES

Aprecie os trabalhos que Natividade Corrêa expõe na Quadrante e na Galeria São Francisco, pode apreciar uma exposição de gravura internacional (das 10 às 13 e das 15 às 19).

RÁDIO

Como o leitor certamente se apercebeu, nos últimos dias da semana finda, a rádio assumiu entre nós um papel de extrema importância, tanto no domínio informativo como na nova caracterização dos programas. O que há a esperar de tudo isto, nas próxima semanas? Certamente uma melhoria geral de qualidade. Sintonize o **Rádio Clube** e a **Renascença.** Mas, se puder, não deixe de «cheirar» os outros emissores.

LIVROS

TOM SAWYER

As aventuras de Tom Sawyer e Huck Finn, descritas pela pena de Mark Twain, continuam a alimentar a imaginação das gerações mais novas, tal como havia acontecido no tempo dos nossos avós. De casa de sua tia às esquinas do mundo, Tom vive a aventura da adolescência, descobre a dificuldade de viver entre os adultos, apercebe-se do Bem e do Mal, do estranho labirinto constituído pelos sentimentos. O enredo é curioso: numa cidadezinha dos Estados Unidos, Tom Sawyer, ao longo de diversas aventuras, deslinda um crime terrível. Rebeca é a sua apaixonada, e Huck Finn, marginal incorrigível, o amigo fiel e inseparável.

Edição da Unibolso (Editores Associados), com capa de José Antunes. Tradução de Luísa Derouet.

O ASSALTO AO «SANTA MARIA»

A «Operação Dulcineia», que chamou a atenção do mundo para a crise política portuguesa com a tomada do navio «Santa Maria» por forças oposicionistas chefiadas pelo capitão Henrique Galvão, é descrita neste livro pelo próprio «líder» do movimento, Se o leitor quer conhecer os factos e o clima que rodearam o assalto ao «Santa Maria» leia esta edição da DELFOS, traduzida do original que circunstâncias levaram a ser escrito em inglês.

MÚSICA

MARIA JOSÉ MORAIS

Maria José Morais dá hoje um recital de piano no São Luís, pelas 16 horas. Do programa fazem parte as seguintes obras: **Sonata op. 101 em lá maior**, de Beethoven;**VAlsadeMephisto**, de Liszt; **Duas sonatas**, de Scarlatti, **Premiére comunion de la vierge**, de Messiaen;**Barcarolaop 60,**de Chopin;eaterceirasonata de Prokofieff. Num panorama que se apresenta fraco em concertos executados por nacionais, esta pode muito bem ser uma derivante para os melómanos.

TEATRO

ZOO STORY

A peça do dramaturgo Edward Albee encontrou em Portugal uma recepção bastante favorável por parte da crítica de diversos sectores, encontrando-se em cena no Laura Alves. José de Castro e Canto e Castro são os principais actores. Sessões diárias às 22 horas, excepto à terça, dia de descanso da companhia.

COM PARRA NOVA

A revista portuguesa mais recente — que, na sua estrutura, mereceu desvanecedoras referências da parte de um conhecido homem de teatro francês, numa das suas vindas a Portugal — é um espectáculo renovado, que está a interessar o público jovem. **Com parra nova** é uma reedição do **Tudo a Nu** do Sérgio de Azevedo, e continua no ABC. Duas sessões diárias.

Laura Alves é a figura central da peça «A Menina Alice e o Inspector», que está em cena no teatro Capitólio. Trata-se de uma obra de Robert Thomas, encenada por Varela Silva. Nela intervêm, além de Laura Alves, Nicolau Breyner, Simone de Oliveira e Joaquim Rosa. Sessões diárias às 21 e 45, excepto à segunda-feira.

HORÓSCOPO

PARA O PERÍODO DE 28 DE ABRIL A 4 DE MAIO

Pelo ASTRÓLOGO HORUS

ÁRIES

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR O aspecto sentimental no decorrer deste período não deixa muito a desejar. Algumas dificuldades e contrariedades surgirão. Mantenha-se alerta e seja prudente tanto no ambiente doméstico como nos assuntos exteriores.

DINHEIRO Neste domínio as coisas estarão paradas. Nada de extraordinário se passará, pois as influências astrológicas neste capítulo não serão favoráveis. Contudo, com algum esforço conseguirá o estritamente habitual.

PROFISSÃO A altura não é indicada para empreender qualquer alteração na sua situação profissional. Não tome, portanto, novas responsabilidades, nem faça interferências no serviço dos superiores ou mesmo de colegas. Deixe que as doisas decorram normalmente.

SAÚDE Cuidado com as infecções na laringe ou nos brônquios.

TAURUS

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR Neste campo a sua atitude demasiado enérgica dará origem a uma crise sentimental. Não viva duas aventuras ao mesmo tempo. Dissipe o equívoco que se formou à sua volta.

DINHEIRO As possibilidades de realização monetárias são muito escassas, por conseguinte não se coloque numa situação difícil de remediar. Evite as despesas supérfluas.

PROFISSÃO Os afazeres profissionais mantêm-se estacionários. Quanto a projectos de que vem pensando pôr em prática, aguarde melhor oportunidade de os expandir. Haverá atraso, travagem ou mudança nos seus desejos.

SAÚDE Restabelecimento progressivo dos seus achaques. Contudo, não diminua de atenção e continue de vigilância aos seus pontos fracos.

GEMINI

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR Procure compreender bem os sentimentos dos seus familiares e das pessoas do seu convívio quotidiano. Deixe falar o coração e esqueça o passado; a sua felicidade depende da sua atitude. Tenha confiança.

DINHEIRO Conseguirá algo depois de algum esforço e espera. Como os dinheiros auferidos não serão substanciais é conveniente poupar o que conseguir realizar.

PROFISSÃO Deixe correr tudo suavemente por enquanto, não levante atritos nem faça alterações no seu procedimento profissional. Toda a tentação interesseira conduzirá, sem dúvida, à decepção. Não entre em desacordos com ninguém.

SAÚDE Os membros inferiores e o coração são as partes afectadas durante esta semana. Contudo, se usar de cuidado não terá gravidade o seu estado.

CANCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR Protecção absoluta em todos os interesses sentimentais. Período de idolatria. Todos mostrarão muita simpatia e procurarão por todos os meios distinguir-vos. Muita harmonia e felicidade nos assuntos puramente de amor.

DINHEIRO Propício aos assuntos financeiros. Os ganhos serão superiores às suas melhores estimativas. Ponha em prática os seus empreendimentos e as ideias pendentes e terá êxito. Bom para resolver casos que anteriormente se lhe afiguravam insolúveis.

PROFISSÃO Indicado para estudos e para estabelecer proiectos duráveis. A semana e favoravel a viagens profissionais: Grande facilidade no desempenho de toda e qualquer missão de trabalho.

SAÚDE No plano físico goza igualmente de benéficas protecções astrais. Os que se encontram doentes, nesta altura, farão progressos consideráveis.

LEO

(Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR O período virá carregado de agressividades e promete conflitos sentimentais, familiares e é desfavorável também às amizades. Portanto, tome cuidado com as novas relações sociais nesta altura pois estas serão de carácter autoritário e facilmente inflamáveis.

DINHEIRO Seja prudente nas suas operações financeiras. Grande actividade e pouco resultado monetário são as perspectivas para si durante esta semana.

PROFISSÃO O dia-a-dia no exercício da sua actividade não decorrerá satisfatoriamente. Não comparticipe em negócios duvidosos. Use de atenção com os seus superiores e colegas.

SAÚDE Pode sofrer de vertigens e de mal-estar acompanhado de momentos de impaciência e dificilmente suportará certos ambientes.

VIRGO

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR Incompreensão dos seus sentimentos parece afectar-vos. Os seus familiares mostram-se reservados. Tente compreender o motivo desse procedimento, e reaja habilmente expondo as suas razões mas sem agressividade.

DINHEIRO Todas as tentativas que fizer ou os esforços que aplicar neste sentido serão debalde, pois as influências astrais deste período não vos favorece.

PROFISSÃO O desenvolvimento profissional será muito restricto. Os projectos não terão realização prática, por isso, é preferível adiá-los para melhor oportunidade. Porém, as ocupações concernentes a escritos podem salientar-se.

SAÚDE As preocupações da vida física, nesta altura, são principalmente de ordem respiratória.

LIBRA

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR As influências astrológicas em referência ao amor, às relações familiares e de amizade são muito favoráveis. Tudo e todos contribuirão para que goze de boa disposição durante o período presente.

DINHEIRO A sorte manifesta-se a seu favor. O que fizer será bem acolhido. Mostre-se agradável e cortês no trato com as pessoas e não deixe perceber nenhum sintoma de interesse.

PROFISSÃO Os afazeres quotidianos e os problemas profissionais marcham no plano desejado. Prossiga no seu objectivo e tome iniciativas com o propósito de melhorar a sua situação actual.

SAÚDE Gozará de explêndida saúde. Será um período de boa disposição e bem-estar.

SCORPIUS

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR A semana é excelente para harmonias familiares. Poderá ter grandes satisfações amorosas e conjugais. A sua posição esta muito favorecida quanto às relações sociais e a toda a actividade no seu círculo amistoso.

DINHEIRO Todos os empreendimentos com vista a realizações financeiras receberão bons patrocínios influentes. Propício aos negócios em geral.

PROFISSÃO Esta sob influências asso. Inicie coisas novas e aplique a sua actividade e sabedoria num campo mais vasto. Ponha mais entusiasmo no trabalho. Bom para elevar-se dentro do seu emprego e conseguir uma melhoria nos seus proventos mensais.

SAÚDE Passará por um período agradável e sem preocupações físicas, contribuindo grandemente para isso a boa disposição adoptada.

SAGITTARIUS

(Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR A vida sentimental é favorável na semana que se apresenta. Boas perspectivas na parte familiar e muito especialmente em assuntos de amor e de amizade. Se souber manter com firmeza os seus desejos, os astros muito auxílio vos darão.

DINHEIRO As condições financeiras podem ser prósperas por intermédio de assuntos ou de pessoas ligadas ao campo da arte ou de negócios de antiguidades.

PROFISSÃO Está sob influências astrais para conseguir um bom e notável rendimento do seu trabalho, assim como para assumir responsabilidades de certa importância, mesmo que para tal seja necessário fazer deslocações.

SAÚDE Benefícios de saúde. Os que se encontram doentes recuperarão bastante.

CAPRICORNIUS

(Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR Seja um pouco mais maleável nos seus sentimentos. Liberte-se do orgulho e expanda com sinceridade o que lhe vai no coração. No convívio familiar terá harmonia, no entanto não mostre reserva e terá a felicidade assegurada.

DINHEIRO Período propício para angariar dinheiros. Os seus empreendimentos terão êxito. Possibilidades de recebimento de dádivas como prémio de admiração ao seu esforço, e de dedicação ao trabalho.

PROFISSÃO Desenvolvimento da sua posição. Sentirá desejos de admiração por assuntos de arte. Tente explorá-los, pois que os assuntos artísticos proporcionam-lhe, nesta altura, boas e proveitosas satisfações.

SAÚDE Será óptima, no entanto não cometa imprudências a fim de a conservar.

AQUARIUS

(Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR Previna-se contra as amizades pouco sinceras e inimizades ocultas, que pretenderão atingir-vos, com o consequente abalo da sua reputação. Tenha também muita atenção com todos os interesses respeitantes à sua vida privada.

DINHEIRO Não comece coisa alguma que não possa produzir só, durante este período, porque se o mais importante ficar dependendo de esforços alheios poderá desapontar-se. Na verdade, progredir nesta quadra há-de ser obra da sua própria diligência.

PROFISSÃO Lembre-se de que se o sucesso ou insucesso nesta ocasião pode ser determinado pelas suas relações com os seus amigos, colegas e superiores. Julgue com acerto os projectos e as ideias nas quais tem estado a trabalhar. Observa-se uma certa propensão para os actos temerários e uma excessiva confiança. Cuidado!

SAÚDE E favorável, mas se conseguir acalmar o seu espírito que se sentirá agitado, ainda conseguirá passar melhor durante este período.

PISCIS

(Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR Relações agradáveis no campo sentimental e das amizades. Contudo, evite toda e qualquer decisão precipitada no domínio sentimental, procurando no entanto não parecer demasiado desconfiado, porque lhe querem bem.

DINHEIRO Pode contar com a sorte na semana em curso. Alcançará um sucesso de ordem financeira que o alegrará bastante, porque foi difícil de conseguir.

PROFISSÃO O seu dinamismo permitir-lhe-á alcançar realizações e resultados superiores à média, sobretudo no que se refere ao desporto. Poderá esperar uma melhoria dos seus assuntos profissionais.

SAÚDE Não são de esperar alterações importantes do seu estado de saúde, durante este período.

ALFREDO GUSMÃO DO AMARAL

PARTICIPAÇÃO,
MISSA DO 7.º DIA
E AGRADECIMENTO

Maria Constança Barbosa de Araújo Cotta do Amaral, Maria Valentina Cotta do Amaral, seu marido e filha, Joaquim Cotta do Amaral, sua mulher e filhos, Francisco Xavier do Amaral, sua mulher e filhas, António Guilherme do Amaral, sua mulher e filhas, Graziela do Amaral Figueiredo, Maria da Glória Gusmão do Amaral e demais família, participam o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô, irmão e parente, ocorrido no passado dia 21, e que amanhã, dia 29, pelas 18.30 horas, na Igreja Paroquial de Benfica, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

A família agradece a todos os que o acompanharam à sua última morada ou que por qualquer outro meio manifestaram o seu pesar, bem assim àqueles que assistirem ao piedoso acto.

Antiga Agência «SRAF»
R. das Pedras Negras, 5-r/c.
Telefs. 86 92 88/86 93 00

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

(S. A. R. L.)

AVISO

CONCURSO

Até às 16 horas do dia 8 de Maio de 1974, esta Companhia aceita propostas para a exploração de uma dependência no átrio da estação de Sintra.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração da dependência é de 15 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Sintra — Cacém — Amadora — Lisboa (Rossio — Lisboa S. Apolónia) — Sector Comercial da Região Centro, Lisboa (Santa Apolónia) — Serviço Comercial de Passageiros da Companhia, Rua Vítor Cordon, 45, Lisboa-2.

Esta Companhia reserva-se o direito de rejeitar todas as propostas, ou algumas delas, se assim o julgar conveniente.

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Vítor Cordon, 45, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência no átrio da estação de Sintra».

● NÃO PERCA DURANTE A SEMANA

Não tendo a R T P seleccionado as suas emissões, senão até à próxima terça-feira, inclusive, a nossa página, destinada a esclarecer os espectadores sobre as principais rubricas não pode publicar hoje, excepcionalmente, a programação integral da semana, como é habitual, indicando, no entanto, os programas até 30 do corrente

HOJE:

11.00 Eurovisão — Automobilismo — Grande Prémio de Espanha Fórmula 1. Transmissão directa de Madrid.
12.30 Missa de Domingo.
13.10 Continuação da transmissão do Grande Prémio de Espanha — Automóvel.
14.00 Expedição.
14.25 TV Educativa — Educação musical (adultos).
15.15 TV Rural, pelo eng.º Sousa Veloso.
15.45 Tarde de Cinema — Ali Baba e os 40 Ladrões.
17.20 TV Infantil — Coordenação de Maria do Sameiro Souto.
18.10 O Mundo à nossa volta. Edison, o grande mágico. Documentário da BBC.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
20.00 TV 7 — Revista Semanal de Actualidades.
21.00 «Doris em Apuros». Série filmada.
21.30 Telejornal — 3.ª edição — Notícias do País e do Estrangeiro.
22.00 No Tempo em que você nasceu. Convidado: José Calvário. Colaboração de Paulo de Carvalho e do conjunto Yu Cluve.
22.30 Domingo Desportivo — Realização de Alfredo Tropa.
23.50 Telejornal — 4.ª edição.

II PROGRAMA

21.00 Dó Lá Si — Programa musical apresentado por Maria José Guerra.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Noite de Cinema — «Noite após Noite». Um filme realizado por Archie Mayo.

AMANHÃ (2.ª feira) — 29

13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 A Flora exótica das Canárias (documentário).
14.40 Telescola.
19.00 Momento Desportivo.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 TV Infantil — Coordenação de Maria do Sameiro Souto.
20.00 Eurovisão — Festival de S. Remo.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Série «Columbo».
23.50 Telejornal — 4.ª edição.

Ali-Babá e os 40 ladrões

II PROGRAMA

19.00 Desenhos animados.
19.50 «Viva o Palhaço» — filme com Danny Kaye.
21.30 Telejornal.
22.00 O mimo Marcel Marceau.
22.50 Tele-Ritmo (programa musical).

TERÇA-FEIRA — 30

13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 Programa musical, com Maria Betania.
14.40 Telescola.
19.00 Série George.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 TV Infantil — Coordenação de Maria do Sameiro Souto.
19.55 Sangue na Estrada.
20.55 «O Golfinho» (filme búlgaro).
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.05 Noite de Cinema.
23.25 Telejornal — 4.ª edição.

II PROGRAMA

19.00 Desenhos animados.
19.30 Diário de um navegador solitário. (Documentário).
20.00 Tele-Ritmo (prof. musical).
21.00 O Rapaz do Elefante.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Recital pela pianista Maria João Pires.
22.25 Panorama — América: a minha história dos Estados Unidos.

TAÇA DE PORTUGAL

«Azuis» em Alvalade

O Sporting, depois do esforço de quarta-feira última em Magdeburgo e das canseiras de uma viagem de regresso que não cumpriu com o previsto, recebe hoje à tarde, no seu relvado de Alvalade, a turma do Belenenses: que poderá fazer o Sporting nesta eliminatória da Taça? Naturalmente que cumprir o favoritismo que lhe é apontado se «esquecer» todos os contratempos que lhe surgiram no caminho, nesta última semana.

Mas, se os seus jogadores não se esquecerem de todos os contratempos vencidos e continuarem a acusar um desgaste físico e moral perfeitamente naturais, então os seus adversários do Restelo terão uma palavra a dizer.

É nestas circunstâncias que o jogo de hoje em Alvalade assume a importância maior de mais uma jornada da Taça de Portugal, que naturalmente tem outros jogos de interesse, como a seguir se procurará demonstrar.

Ontem à tarde, quatro clubes entraram em campo com a firme disposição de eliminarem os seus adversários: o Atlético defrontou na Tapadinha o Farense e o Boavista defrontou, no seu Estádio do Bessa considerado neutro, os «onze» de Famalicão.

Em suma eis duas equipas de primeira divisão, contra turmas da divisão secundária.

DESDE MANHÃ

A Taça começa bastante cedo: logo às 10 horas da manhã, com o embate entre o Benfica e o Oriental. Vai ser, julgamos, um prélio sem importância de maior, já que ninguém irá acreditar num desaire dos (ainda) campeões nacionais, quando o campeonato está verdadeiramente «a arder». E como o Benfica tem feito «chapa 5» nos últimos encontros, talvez que desta feita o marcador se repita, novamente...

No Lavradio, Fernando Caiado está a dar as despedidas aos seus rapazes e... às bancadas vazias. Certo que sairá no final da época, irá fazer tudo para que os seus pupilos consigam marcar alguns golos, os suficientes para eliminar o Beira Mar que (a nível de campeonato) tem sido um autêntico quebra-gigantes. No entanto, a maior capacidade dos fabris, (que o factor casa em nada os favorece...) deve bastar para que o Barreiro, mais propriamente o Lavradio, esteja presente na cerimónia do próximo sorteio.

No Estádio Padinha, em Olhão, irão defrontar-se Olhanense e Salgueiros: outro confronto entre um primodivisionário e um secundário, com todo o favoritismo para o primeiro. Natural (naturalíssimo) portanto, o Olhanense passar à fase seguinte.

No Estádio das Antas vai repetir-se o encontro de domingo passado que contou para o Nacional: o que não se deverá repetir é a dificuldade com que os portistas acabaram por vencer o seu adversário. Agora, com um cheirinho a Taça, Cubillas e seus parceiros irão cedo construir o resultado que sossegue todos os adeptos e simpatizantes do clube que representam.

Mas, se o encontro de Alvalade (já o dissemos) se mostra bastante equilibrado pelas circunstâncias marginais que o caracterizam, o mesmo se poderá dizer do embate de Coimbrões: aqui, o Avintes recebe o União de Tomar. Naturalmente que os do rio Nabão têm mais futebol nas pernas; naturalmente que todo o favoritismo vai para eles; no entanto, o Avintes tem vindo a fazer uma carreira de vanguarda nesta Taça, não nos admirando muito que algo de anormal acontecesse em Coimbrões.

Enfim: mais uma jornada de Taça a procurar esquecer o Nacional; sem o conseguir, adiantemos...

Aspecto do jogo Atlético - Farense, que acabou empatado a uma bola

A semana «leonina» vista por Pargana

BOAVISTA, 5 - FAMALICÃO, 1

PARA OS MINHOTOS NÃO BASTOU A VONTADE...

Jogo no Estádio do Bessa.

Arbitro: António Espanhol, de Leiria.

Equipas:

. Boavista: Barrigana, Bernardo, Mário João, Barbosa e Trindade; Wilson, Zezinho e Acácio; Moura, Tai e Salvador.

. Famalicão: Matos, Valdemar, Semião, Vítor e Iriq; Egídio, Luís Carlos e Lucas; Vasco, Miranda e Leonardo.

Ao intervalo: 3-1. Marcaram os golos — pelo Boavista: Acácio (12 m), Acácio (33 m), Moura (41 m), Vítor (88, na própria baliza) e Rufino (90 m). Pelo Famalicão: Vasco (15 m).

O primeiro tento do Boavista, tecnicamente mais apetrechado que o quadro minhoto, correspondia inteiramente ao confronto entre as duas equipas de dois escalões diferentes. Mas o empate, a três minutos depois, criou equilíbrio e expectativa, apesar da desorientação que pautou as jogadas da defesa do Famalicão.

Até final da primeira parte o desnivelamento entre as duas equipas foi equilibrado pela vontade e decisão dos minhotos a despeito do maior poder técnico dos jogadores do Boavista. Os famalicences insistiram no ataque e por diversas vezes lograram criar perigo junto à baliza adversária. Com 3-1 ao intervalo, mercê da sua melhor preparação e rodagem, o Boavista impôs um resultado folgado, que teria sido mais amplo (houve três situações de perigo aberto para a baliza de Matos) se não fosse a determinação e a sorte da defesa do Famalicão. Zezinho e Taí, o primeiro com um remate à trave e o segundo com um tiro vigoroso, criaram momentos de grande emoção no campo do Bessa.

Na segunda parte decaiu o interesse do jogo com o afrouxamento da ofensiva dos donos da casa e mesmo com a orientação dos seus elementos. O Famalicão aproveitou para insistir no ataque mas não conseguiu modificar o resultado. Com a entrada de Rufino e Domingos o Boavista recuperou o ímpeto que veio a traduzir-se no «placard» dilatado no final da partida.

A arbitragem decorreu a contento.

DISCOS

LONDRES (ABRIL) — Após algumas semanas de calma comparativa nas listas de êxitos de Londres com destaque para a lírica espectacular de Terry Jacks «Season In The Sun», as coisas voltaram à normalidade barulhenta

Os «top-ten» têm agora em Londres, na primeira posição, a canção «The Cat Crept In», interpretada por Mud, um grupo medíocre mas que conseguiu atingir a craveira do grande êxito, depois de no ano passado se ter já distinguido com «Tiger Feet»

Slade, Garry Glitter e Glitter Band estão também entre (os 10 mais) numa excelente posição

Quanto a Nova York, as coisas estão mais diversificadas, pelo menos, com Elton John, Ringo Starr e Gladys Knight a marcarem boa posição, juntamente com uma música do falecido e talentoso Jim Croce, que parece ser mais popular na morte do que na vida

Designam-se abaixo as listas das posições actuais, com as posições da semana passada entre parênteses:

Nova York

1 (1) Tsop, MFSB.
2 (7) The loco motion, Grand Funk.
3 (3) Best thing that ever happened to me, Gladys Knight and The Pips.
4 (2) Bennie and the Jets, Elton John.
5 (6) Come and get your love, Red Bone.
6 (8) Oh my my, Ringo Starr.
7 (10) I'll have to say i louve you in a song, Jim Croce.
8 (9) Lookin' for love, Bobby Womack.
9(13) The show must go on, Theree Dog Night.
10(11) Keep on singing. Helen Reddy.

Londres

1 (8) The cat crept in, Mud.
2 (1) Season in the sun, Terry Jacks.
3 (2) Angel FACE; Glitter Band.
4 (3) Everyday, Slade.
5 (5) You are everything, Diana Ross and Marvin Gaye.
6 (17) Remember you're a womble, Wombles.
7 (6) Remember me this way, Gary Glitter.
8 (22) Homely Girl, Chi-Lites
9 (11) Doctors orders, Sunny.
10 (4) Emma, Hot Chocolate.

Amesterdão

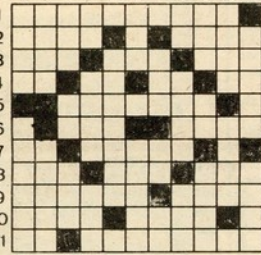
1 (1) «Be my day», The Cats.
2 (4))Waterloo, Abba.
3 (3) Ik zie een ster, Mouth and Macneal.
4 (2) Tigers feet, Mud.
5 (10) Kwek, kwek, Ronald en Donald.
6 (6) Fly away, Teach in.
7 (7) Seasons in the sun, Terry Jacks.
8 (5) De Heilsoldaat, Marc Winter.
9(12) In the still of the night, Jack Jersey.
10(9) Si on chantait, Julien Clerc.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10768

HORIZONTAIS:

1 Aplanariam.
2 Aquele que. Malho.
3 Liguei. Preposição. Senhor em inglês.
4 Seguia. Pata. Tempo do verbo ir. Idem.
5 Estado patológico de alguns órgãos (especialmente o fígado) com esclerose por formação de tecido fibroso.
6 Página. Lavrem.
7 Antes do meio-dia. Tocar rufos em.
8 Pronome pessoal. Pelos de certos animais. Fruto da ateira.
9 Ser vivo irracional. Acreditas.
10 Guarda segredo. Dá urros.
11 Sufixo que designa estado. Aprova.

VERTICAIS:

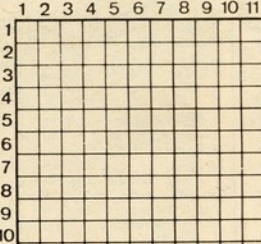
1 Neste lugar. General ateniense do século V um dos chefes da espedição à Sicília.
2 Seiva de pinheiro. Escavar.
3 Monarca. Compare. Um milhar.
4 Antónimo (sq). Dar pios. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
5 Espécie de ramada para servir de suporte a plantas trepadeiras.
6 Preposição. Cidade da Suécia.
7 Curso de água natural e abundante. Carta de jogar. Reis.
8 Prefixo de negação. Guarnecer de asas. Greda branca.
9 Duna na Suécia. Erbio (s.q). Vale espanhol nos Pireneus.
10 Mil cento e dois em romano. Oriente.
11 Maneira. Queime.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6926

HORIZONTAIS

1 Título do antigo rei de Calecut. Uma das Novas Hébridas na Melanésia.
2 Rezava. Dá entrada (barco).
3 Pé de animal. Prefixo de negação. Cinquenta e um em romano.
4 Esteiro. Comia (pop.).
5 Carta de jogar. Mãe de Rómulo e Remo.
6 Preposição. Utensílios domésticos.
7 Doença. Observar. Césio (s. q.).
8 Terçados. Matemática.
9 Vila e sede de concelho Braga. Brotar.
10 Pise. Pega.
11 Misturar. Solitários.

VERTICAIS

1 Bafejar. Leito.
2 Lavrais. Sugam o leite materno.
3 Freguesia do concelho de Castelo Branco. Antiga moeda brasileira de prata.
4 Ovário de peixe. Rebolares.
5 Batráquio. Pico dos Pirenéus. Neon (s. q.).
6 Cólera. Frívolas.
7 Iramã. Patas. Grama.
8 Dividir ao meio. Senhor.
9 Aparência. Ruins.
10 Molusco cefalópode muito apreciado na alimentação. Triste.
11 Menina (bras.). Moluscos comestíveis criados em viveiros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10767

HORIZONTAIS:

1 Papo. Bara.
2 Ola. Pás. Mor.
3 Ba. Ramos. Op.
4 Per. Nem.
5 Ecope. Orobó.
6 Aba. Via.
7 Birra. Lidou.
8 Etólico.
9 Sa. Erano. In.
10 Pão. Oco. Era.
11 Osso. Elos.

VERTICAIS:

1 POBRE. BISPO.
2 Ala. Cai. Aas.
3 Pã. POBRE. Os.
4 Reparte.
5 Pare. Aoro.
6 Sam. Laço.
7 Sono. Lino.
8 SERVIÇO.
9 Am. Moído. El.
10 Roo. Bao. Iró.
11 Arpão. Urnas.

PROVÉRBIO Pobre bispo, pobre serviço

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6925

HORIZONTAIS

1 Ser. Aca. Cãs.
2 Aresta. Cara.
3 Ta. Aarão. Mm.
4 Anca. Rm.
5 Negasseis.
6 Ledas. Atais.
7 Anos. Orai.
8 Pá. Ião. Ms.
9 Recorda.
10 Ruela. Airão.
11 Or. Ar. Laças.

VERTICAIS

1 Satã. Láparo.
2 Era. Nena. Ur.
3 Re. Aedo. Re.
4 Sangas. Ela.
5 Atacas. Içar.
6 Caras. Vão.
7 Sa. Oral.
8 Coreto. Dia.
9 Cá. Miar. Arc.
10 Arm. Siam. Aa.
11 Sama. Sismos.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)
NO TEMPO EM QUE VOCÊ NASCEU
Com o Convidado José Calvário
Programa realizado por Luís Andrade e gravado no Teatro Maria Matos.

2.º Programa (22.00)
NOITE DE CINEMA
«NOITE APÓS NOITE»
Filme de grande metragem realizado por Archie Mayo e interpretado pelos artistas, George Raft, Constance Cummings e Mae West.

HOJE

1.º Programa
1.º Periodo

11.55 Eurovisão - Automobilismo
12.30 Missa de domingo
13.10 Eurovisão - Austomobilismo
13.35 Hoje pode ver
13.45 Teleiornal — 1.ª edição
14.00 Expedição
14.25 TV Educativa
14.50 Silêncio... vamos rir
15.10 TV Rural
15.35 Tarde de Cinema «Ali Baba e os 40 ladrões»
17.00 TV Infantil
17.50 O mundo à nossa volta
19.10 Domingo Desportivo
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Poly em Espanha
20.00 TV 7
21.00 Doris em Apuros
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 No Tempo em que Você Nasceu
23.30 Domingo desportivo — 2.ª EDIÇÃO
00.00 Telejornal — 4.ª edição
00.05 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «As Solteironas»
21.00 Do, la, si
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Noite Apos Noite»
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Periodo

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vivendo o futuro
13.15 A família Partridge
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O homem de amanhã
14.20 Logo à noite

2.º Periodo

14.40 Ciclo preparatorio TV
19.00 TV Educativa «Lingua portuguesa»
19.25 Filme infantil «O Diario das Fabulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Juvenil
20.00 Momento desportivo
20.30 Portugal no mundo
21.00 Museu aberto
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Columbo
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.55 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
20.45 O homem de amanhã
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Impacto
23.00 Musica para olhar «Abrham Bosse e Marin Marais
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e chovia em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	13º
P. DOURADAS	4º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	11º
FARO	13º
FUNCHAL	13º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 20º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 3º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 14,5º
Atmosfera 12,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.32	3,4 m	1.48	1,1 m
20.56	3,5 m	14.00	1,4 m
Dia 29			
9.44	3,3 m	3.02	1,3 m
22.10	3,5 m	15.27	1,5 m
Dia 30			
11.00	3,3 m	4.22	1,3 m
23.25	3,5 m	16.47	1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco; aguaceiros; neblina em alguns locais; temperatura sem alteração apreciável

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.43
OCASO ÁS 20.26

DIA 29 | DIA 6 | DIA 14 | DIA 21

rádio

EMISSORA 1.º Programa

15.30 Tarde desportiva. Radio Desporto. Futebol: Relato e informações dos jogos da 6.ª eliminatória da «Taça de Portugal». Actualidade desportiva
18.30 Musica sem palavras
19.05 Musica da Europa
20.00 Jornal da noite (edição de domingo)
21.00 Rádio desporto
21.30 «Pequena historia do teatro musicado em Portugal». Programa de João Nobre e Luis Francisco Rebelo
22.00 Teatro das Comédias: «Os Namorados» de Harold Brighouse
22.29 Musica portuguesa
23.05 «Sol e Toiros»
23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horario.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção como 1.º programa.

2.º Programa

16.00 Noticiario-Onda Musical
18.30 Concerto de Domingo-Intercâmbio Musical-Festival de Besançon de 1973
20.00 Jornal da Noite
20.30 Nocturno (Borodine)
20.40 O Homem e a sociedade
21.00 O violoncelista Paul Tortelier
21.30 Que quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico - MF 2

15.30 Audição integral de «O anel dos Nibelungos», de Richard Wagner. 2.º acto da opera «O Crepusculo dos Deuses»
16.42 Concerto para violino e orquestra, de Alban Berg.
17.12 Septeto em mi bemol maior, op. 20 (Beethoven).
18.00 Musica de bailado
18.30 Junção com o 2.º programa
21.00 Musica ligeira variada
22.00 Oratoria «A Paixão de Cristo» (Almeida Motta)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda media

15.03 Musica pelo caminho
15.45 Tarde desportiva
18.13 Projecção
18.35 Meia hora depois
19.03 Formula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 Musica para o seu jantar
21.02 Leitura
21.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas
23.20 Tempo de ritmo
23.30 No mundo aconteceu
24.01 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural.
07.00 Talismã

Modulação de frequência

18.00 O nosso programa
19.05 Em órbita
20.00 Boa noite em FM
22.00 Clube à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

15.45 Programa
18.05 Zonal Azul
18.20 Palavra do dia
18.25 Terço e missa
20.05 Zona verde, espaço ocupado pela família
20.35 Intervalo
21.05 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Programa dos socios
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR

06.00 às 08.00, 10.00 às 12.00 e 22.00 às 02.00

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

08.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA

12.00 às 14.30

RÁDIO VOZ DE LISBOA

14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222. (Tel. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721).

ALMIRANTE REIS
Luso, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269).

ALTO S. JOÃO
Dalton, Mouzinho de Albuquerque, 7-A (Tel. 843571)

ALVALADE
Nova Iorque, Av. Est. Unidos da América, 140-B (a Entrecampos) (Tel. 760653); **Marbel**, Avenida de Roma 131-A, (Tel. 776235)

AREEIRO
Chiadre, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)

AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel. 41961-54672).

BAIRRO DA LIBERDADE
Zanel, R. A. 182 (Tel. 651840)

BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350)

BENFICA
Benfiluz, Est. de Benfica, 444-A (Tel. 782608)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)

CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238)

ESTEFÂNIA
Romeno Baptista, Rua Passos Manuel 6-10, (Tel. 50593)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est. A-da-Maia, 64-C (Tel. 702228)

LAPA
Alb. Rua Santana à Lapa, 158 (Tel. 663562)

LUMIAR
Douro, Alam. Linhas de Torres, 83-A/B (Tel. 791131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro Grilo), (Tel. 382470)

OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à Piscina), (Tel. 310581)

PENHA DE FRANÇA
Zema, R. General Justiniano Padrel, 21 (à Calç. Barbadinhos), (Tel. 832580)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tel. 720703-726395).

TURNO D-2

(TODA A NOITE)

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcantara, 5-A (Tel. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 866126)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515)

ALVALADE
Líbia, Avenida da Igreja, 4-B/C (Tel. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)

ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (Tel. 49479).

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C (ao Bairro Social)

AREEIRO
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443).

BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecreim, 125 (Tel. 323446-370685).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 68 (Tel. 300172)

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (Tel. 638132)

BENFICA
Macedo, Est. Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C, (Tel. 687475); **Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153, (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Linalda, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955)

ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5 (Tel. 54808)

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (Tel. 862909); **Higiénica**, Rua Heliodoro Sangado, 20-A (Tel. 844361).

LAPA
S. A. E. Silva, Filhos, Rua S. João Mata, 74, (Tel. 661010)

LUMIAR
Patuleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Tel. 790332)

MOURARIA
Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464)

PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços 50-52 (Tel. 610280)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (Tel. 48966-533601)

SETE RIOS
Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 22839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090) **PA-**

PAREDE
Grincho, Av. da Republica, 87 (Telef. 2471204)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 263052)

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008) **CASCAIS**
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078)
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marques de Pombal, lote 9 (Telef. 934589)
Campos, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072)
Clabel, R. António Sardinha, 23 D (Telef. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (Telef. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia 51 (Telef. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Quimica, Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, Telef 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Telef. 980058)

COLARES
Abreia (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telef. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2073207)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 270356)

MOITA
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Telef. 22783)
Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Telef. 24558)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Martino, Sucr., Praça Marq. de Pombal, 122; **Pombeiro**, C. Mártires da Pátria, 152; **Prelada (da)**, Rua Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**, Rua S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236.

SUB-TURNO A

Ameal, Rua do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do)**, Rua do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297.

COIMBRA

TURNO J

Machado, R. Bernardo de Albuquerque (Tel. 23767); **Sitália**, Largo da Sé Velha 13-14 (Tel. 23234); **Luciano e Matos**, R. da Sofia, 7-11 (Tel. 22147)

cinemas ●cinemas● cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pesadelo dos pesadelos A LENDA DA CASA ASSOMBRADA com Pamela Franklin, Roddy McDowal e Gaile Hunnicutt
(Metro: Anjos

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
4.ª semana! Colorido
Grupo D (18 anos)
Barbra Streisand, Robert Redford «O NOSSO AMOS DE ONTEM»

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18anos)
Color de luxe. Mete medo ate aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco e Larry Haines

CASINO ESTORIL (Tel. 264621)
15.30, 18.30 e 21.30
Cor de luxo Grupo D (18 anos)
«DESAFIO DE GIGANTES», com Lee Marvin e Ernest Borgnine

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
5.ª Semana! Technicolor
Grupo D (18 anos)
um dos dez melhores filmes do ano! «AMERICAN GRAFFIT» (Nova Geração) de George Lucas. Hoje às 24.00 horas cowboy à meia-noite Grupo D (18 anos) «AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE», de Sidney Pollack.

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 17.30, 18.45, 21.45
Grupo D (18 anos). Obra admiravel diamante intacto... o filme de Alan Resnais com Emmanuelle Riva Eiji Okada e Bernard Fresson «HIROSHIMA, MEU AMOR»

ROMA (T. 729192/727778)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Rod Steiger, Rossana Schiafiino, Rod Taylor, Claude Brasseur e Terry Thomas OS HEROIS

ALVALADE (Tel. 717480)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
mete medo ate aos profissionais «O ESQUADRÃO IMDOMAVEL» com Roy Scheider e Tony Lo Bianco e Larry Haines.

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
Dani-Michel Calabru e Jean Leferure
VÊM A OS CABELUDOS
Hoje
18.30
Grupo A (6 anos)
A SEDU ÃO DA SELVA realização de John Trent com Margaret Brooks e Louis Gosseti

RESTELO (Tel. 610275)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
6.ª semana! Technicolor «FIM-DE-SEMANA ILEG TIMO», com Marcello Mastroiani, Oliver Reed e Carol Andre

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Malcolm McDowell UM HOMEM DE SORTE um filme de Lindsay Anderson
(Metro. alameda)

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo C (14 anos)
Um espectaculo maravilhoso HORIZONTE PERDIDO com Peter Finch e Liv Ullmann

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30, 21.30
Eastmancolor Grupo D (18 anos) 3.ª semana! Jean-Louis Trintignant e Romy Schneider «O ULTIMO COMBOIO». Matinee infantil Grupo A (6 anos) hoje às 18.30 «PIPPI DAS MEIAS ALTAS»

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
SEGREDOS PRO BIDOS Jacqueline Bisset
(Parque Castil)

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
20.ª Semana! Technicolor todd-ao Grupo C (14 anos) o filme de Norman Jewison «JESUS CRISTO SUPERSTAR»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 16.30 e 21.45
28.ª Semana! Eastmancolor
Grupo D (18 anos) Bernard Le Coq Maureen Karwin e Michel Calabru.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.45 e 21.45
3.ª Semana! Eastmancolor
Grupo A (6 anos)
«EUSEBIO A PANTERA NEGRA»

PATHÉ (Tel. 821933)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Color de Luxe. Arranjem-lhe um sarilho e ele arranja-lhes um lindo enterro À ESPREITA DO SARILHO com Robert Hooks e Paul Winfield
(Metro: Arroios)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15, 18.15 e 21.30
3.ª semana! Panavision Technicolor Grupo D (18 anos)
Clint Eastwood «HARRY O DETECTIVE EM AC ÃO»
Quinzena **Ficção Cientifica**
Amanhã às 18.30 Grupo B (10 anos) «VIAGEM FANTASTICA», com Sthephen Edyd e Raquel Welch

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00, 17.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
A obra-prima de Ingmar Bergman RITUAL (RITEN) com Ingrid Thulin
(Metro: Alameda)

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
10.ª Semana! Eastmancolor
Cantinflas AS ORDENS DE VOSSELÊNCIAS

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima ferocidade CRUEL VINGADOR
Com o novo idolo da China Chen Kuan-Tai. O mais alicinante festival de Karate

AVIZ (T. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana! Color
A obra-prima de Nagisa Oshima CERIMONIA SOLENE

VOX (T. 720808)
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIA ÕES

TIVOLI (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluOndo o do melhor filme e do melhor reflizador!

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Richard Chamberlain e Glenda Jackson TCHAIKOVSKY DEL RIO DE AMOR o celebre filme de Ken Russell

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A morte de um caixeiro viajante»

VILLARET
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuva»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Doroteia»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nova»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

LAURA ALVES
22.00 (18 anos)
«Zoo Story»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Fabricante de loiras explosivas»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Fim-de-Semana Ilegitimo»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«O Jovem Leão»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O Misterioso mr. Mackintosh»

SACAVÉM
21.00 (14 anos)
«Os Malucos do Estadio»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.45 (14 anos)
«Antonio e Cleopatra»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Fogo Cruzado»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.13 (14 anos)
«A noite americana»

PAREDE
Royal
21.15 (10 anos)
«O Homem que veio do futuro»

ESTORIL
Casino
15.30, 18.30 e 21.30 (18 anos)
«Desafio de gigantes»

Esplanada
21.30 (10 anos)
«As Pupilas do Senhor Reitor»

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«E agora chamam-lhe o magnifico»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«A Aventura do Poseidon»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«As Duas rainhas»

QUELUZ
Queluz Cinema
(10 anos)
«O Malucos do Estadio»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«O Homem de La Mancha»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Big Boss o implacável»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«Os Sem Deus»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Uma Mulher Perigosa»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegolhas»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«Cantinflas às ordens de Vosselência»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«40 Idade Perigosa»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
Jerry Enfermeiro Sem Diploma»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Máscara»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A Rapariga Invencivel»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A Raiva do Tigre»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Magnifico Robin Hood» e «Matar ou Não Matar»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Zorba o Grego»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Autopsia de um Crime»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Projecção Privada»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Matar, Fugir ou Morrer»

EXPOSICÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Vicente Besugo (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES — Pinturas de Fernando Fernandes e Alberto Carneiro. (das 14 às 20 h.).

BÜCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

CASA DA IMPRENSA — Óleos de Jorge Ferreira (das 16 às 21 h., excepto sábados e domingos).

CASINO ESTORIL — Obras de Margarida Vigoço (das 15 às 3 h.).

COTA D'ARMAS — Trabalhos de José Maria Santos Zoio (das 15 às 22 h.).

DA VINCI — Pintura de Zal.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — Óleos de Fernando Falpe (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h.).

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE — Pinturas de Regina Alexandre (das 15 às 21 h, excepto aos domingos).

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO — Exposição de pintura e artes gráficas (das 15 às 20 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h).

FUTURA — Telas de Moita Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vitor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

OPINIÃO — Desenhos de Renato Cruz (das 10 às 20 h)

OTTOLINI — Pinturas de Lima de Carvalho (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Turgut Zaim, Corália Forster e Acácio Miranda.

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE — Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

S. FRANCISCO — Exposição de Gravura Internacional (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Encerra aos domingos.

S. MAMEDE — Oleos de Carlos Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

TÁVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

BARS BOITES — restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — **Dancing** com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

PEANUTS

apresentam

"O velho amigo Charlie Brown"

por SCHULZ

os Kolans